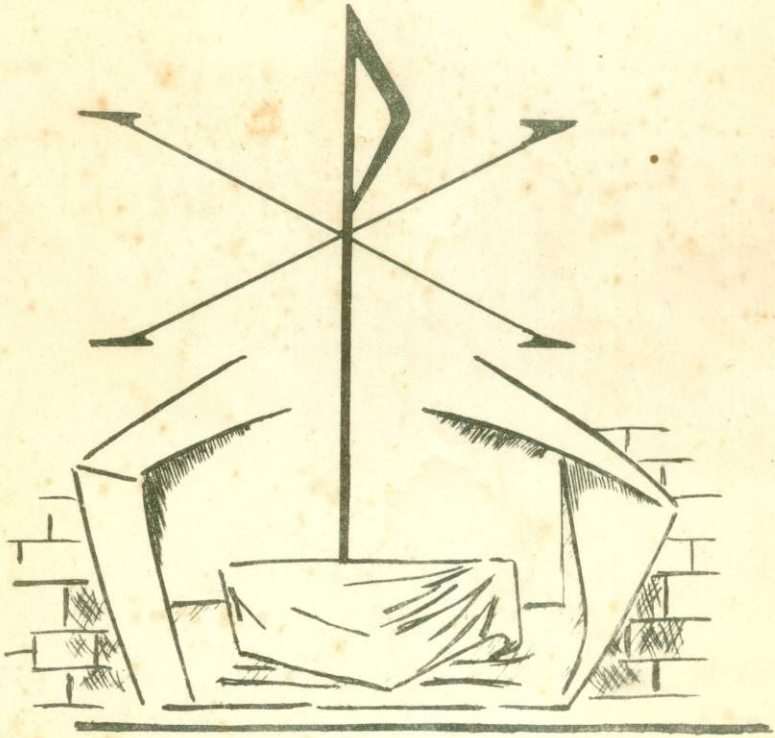


FR. EURICO DE MELLO



TEOLOGIA
DO
HOMEM NOVO

Frei Eurico de Mello

TEOLOGIA

DO HOMEM NOVO

Tirocínio
de consagração
dos Arautos
da
SEARA

"Aquele que beber da água que eu lhe der,
jamais terá sede, porque virá a ser nele
uma fonte que jorra para a vida eterna"

(Jo 4, 14)

SEU AMOR É COMO UM BEIJO

1. O que há de mais decisivo para você, é saber qual a intensão de Deus a seu respeito. Deus tem um plano segundo o qual você veio à existência para o diálogo e a comunhão com ele, para que você viva no convívio dele e seja da raça dele, e seu destino humano seja enxertado no destino dele. Esse destino é uma questão de filiação divina: você recebeu o dom de ser filho de Deus. Mas o recebeu apenas em germe, como realidade contida no interior de uma semente. Você precisa dar a esse germe condições de desenvolvimento, para que um dia o Pai olhe para você e diga: "Este é meu Filho muito amado, no qual pús minhas complacências" (Mt 3,17).
2. Nada existe fora da atração de Deus. A realidade de tudo quanto existe, consiste em ser atraído por Deus. Mas nada é atraente para Deus senão seu Filho. O Pai só ama o Filho. E o Pai só tem um Filho: Unigênito! Então quer dizer que você, e tudo quanto existe, não é amável para Deus senão na medida em que, de uma maneira ou de outra, fôr pelo menos reflexo de seu Filho. A intensão de Deus a seu respeito é esta: que você se deixe "cristificar", e se realize em você, um dia, essa palavra do apóstolo Paulo: "Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2,20).
3. Esse mistério brota de outro mistério: Deus é Trindade de Pessoas, a Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O mistério trinitário é o mistério básico, fundamento e termo de toda a religião cristã. É o mistério dos demais mistérios. Foi para contemplar esse mistério que

- nos céus foram criados os anjos e na terra os homens. Seu Deus é Trinitário! O Pai gera o Filho, e o Ósculo que exprime o amor que os estreita não é um sentimento apenas, ou um gesto, algo distinto do ser de ambos, mas é o mesmo ser que os constitui única realidade: o Espírito Santo. O Pai ama o filho, e, para vê-lo expresso em você, projetou sua existência. Então você recebeu o dom de ser filho de Deus, outro Cristo, que de tal maneira deverá identificar-se com o único Cristo, ao ponto de poder dizer com toda a verdade: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim". Por isso você veio à existência!
4. Na vida trinitária de Deus está a razão de ser de seu destino. Essa vida consiste na inefável paternidade intelectual e na inspiração do mesmo ser subsistente, do qual as outras duas pessoas divinas procedem, permanecendo numericamente a mesma natureza e substância. Você está diante de um mistério em sentido estrito, porque sua razão não pode descobri-lo com suas forças, e, mesmo depois de revelado, você NÃO pode penetrá-lo intelectualmente, pela percepção do nexó entre sujeito e predicado.
 5. Mas nem por isso se trata de um absurdo. Você sabe que Deus é Uno e Trino porque assim ele mesmo o revelou, mas não sabe de que maneira este predicado se compõe com tal sujeito. "Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o filho e aquele a quem o Filho quiser revelar" (Lc 10,22). "As coisas de Deus ninguém as conheceu, senão o Espírito de Deus" (1 Cor 2,11). A revelação fala assim. Então você não deve tentar explicar o mistério. Mas deve procurar traduzi-lo em linguagem humana.
 6. Os filósofos dizem que Deus é Puro Ser, e a vida daquele que é Puro Ser - ou seja, o Espírito - é conhecimento e amor. Antes de tudo é conhecimento. Então a vida de Deus é antes de tudo vida de sumo conhecimento. E esse conhecimento infinito, em Deus, pelo qual se conhece infinitamente a si mesmo, de tal forma que esgota toda a cognoscibilidade de sua realidade, não é - como em nós acontece - apenas ato de uma faculdade, e nem apenas um ato, mas algo que exprime realmente toda a realidade de Deus. Nesse conhecimento pelo qual Deus se conhece a si mesmo,

Deus dá tudo de si mesmo. Esse ser que conhece é o Ser infinito, e esse Ser que é Conhecido é o mesmo Ser infinito. O que os distingue é apenas o título diverso pelo qual o mesmo Deus se possui a si mesmo: Ser que conhece, e Ser que é Conhecido. Ora, o conhecimento é um ato de geração. A realidade do ato de conhecimento é a realidade dum ato de geração.

7. Quando você conhece algo, você está gerando em sua mente aquela realidade, dá à luz da mente aquela coisa que já existia fora, na sua entidade física, mas que agora, dentro de você, adquire uma existência mental. Você gerou mentalmente aquela coisa. E' por isso que, na vida de Deus, Aquele que Conhece (= gera) se diz PAI, e Aquele que é conhecido (= é gerado) - o mesmo Ser - se diz FILHO. O PAI e o FILHO são um só. Mas a personalidade de ambos é distinta, porque distinto é o título de posse pelo qual cada um possui a mesma realidade infinita. O Pai se distingue como Pai só porque possui o Ser Infinito pelo título de DAR. O Filho é distinto como Filho, só porque possui o mesmo Ser Infinito pelo título de RECEBER. "O Filho não pode de si mesmo fazer coisa alguma, mas tão somente o que vê o Pai fazer; porque tudo o que o Pai fizer o faz igualmente o Filho. O Pai ama o Filho, e mostra-lhe tudo o que ele faz; e mostrará maiores obras do que estas. Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, assim também o Filho dá a vida aqueles a quem quer. O Pai a ninguém julga, mas deu ao filho todo o poder de julgar, a fim de que todos honrem o filho como honram o Pai. Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu ao Filho ter a vida em si mesmo" (Jo 5,19-26). "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11,27). "Pedro disse: Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo! Jesus respondeu: Bem-aventurado és tu, Simão, porque não foi a carne e o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está no céu" (Mt 16,16-17). "Eu e o Pai somos um. Não está escrito na vossa lei: vós sois deuses? Se ela chama deuses aqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida, a mim, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, vós dizeis: Tu blasfemas, por eu ter dito que

ESPÍRITO PURO

CONHECIMENTO

Aquele que conhece (= gera) e aquele que é conhecido (= ser gerado).

AMOR

Os DOIS que se amam (= doação) e o AMOR (= dom) de ambos.



IDENTIDADE DO SER, DISTINÇÃO NO TÍTULO DE POSSE

- 1. PAI.....DÁ
- 2. FILHO.....DÁ e RECEBE
- 3. ESPÍRITO.....RECEBE

O MESMO SER

sou Filho de Deus"? (Jo 10,30-36). "Tudo o que o Pai tem é também meu" (Jo 16,15).

8. A Pessoa que procede do Pai, as Escrituras dão dois nomes: FILHO e VERBO. E' mais constante a expressão FILHO, porque essa processão - realizada por via intelectual - é uma espécie de geração. A expressão VERBO também nasce do mesmo motivo, porque pelo conhecimento surge na mente uma IDÉIA que é uma PALAVRA, um VERBO MENTAL. E como o conhecimento que Deus tem de si mesmo é infinito, a IDÉIA (= VERBO) que brota ou procede desse ato, tem a mesma infinitude de Deus. O VERBO (= FILHO) se distingue do Pai porque é termo de conhecimento (= geração), mas a essa pessoa distinta se comunica a mesma vida do Pai, a mesma onipotência, a mesma infinitude, a mesma imensidade, a mesma santidade, a mesma sabedoria, a mesma felicidade. A mesma, e de maneira total. O Pai, ao comunicar ao Filho a mesma vida, a mesma onipotência, a mesma infinitude, a mesma imensidade, a mesma santidade, a mesma sabedoria, a mesma santidade, comunica DANDO TUDO. O Pai, naquilo que dá ao Filho no ato de geração, nada guarda para si.
9. E essa pessoa - pronunciada como VERBO pela mente divina - por sua vez pronuncia e exprime perfeitamente o Pai, de tal modo que, de sua voz, pessoalmente, nasce uma glorificação essencial, suma, infinita, perfeita. Este é o poema divino que canta o louvor e a bondade do Pai. Só esse Pai pode dizer plenamente essa palavra FILHO quando se dirige a este Filho, e só esse Filho pode dizer plenamente essa palavra PAI quando se dirige a esse Pai.
10. Você existe para entrar na harmonia desse cântico divino. Você existe para ouvir dos lábios desse Pai essa palavra FILHO, e pronunciar como resposta, com seus lábios, essa palavra PAI.
11. Mas a vida do Espírito é também Amor. Então o Espírito - Puro é Sumo Amor. E o objeto desse amor só pode ser aquele a quem o Pai conhece como Sumo Bem, e daí, como sumamente amável: sua mesma realidade divina. Ora, a revelação diz que também esse amor é fecundo, infinitamente fe-

- cundo como o é o conhecimento. O Pai conhece-se no filho como infinito Bem, e o Filho procura infinitamente a glória do Pai: desse modo existe uma atração substancial entre ambos, uma Propensão mútua, e dessa atração e propensão amorosa procede um fruto. Nessa atração e propensão, ou como se diz, nessa inspiração, o Pai e o Filho DÃO TUDO. Por isso o fruto que procede dessa inspiração é uma TERCEIRA PESSOA em tudo igual às duas das quais procede. Como na primeira processão, o que faz a distinção da terceira Pessoa é apenas o título de posse distinto em relação ao mesmo Ser. O Pai distingue-se como Pai porque apenas DÁ. O Espírito Santo distingue-se como Espírito - Santo porque apenas RECEBE. O Filho distingue-se como Filho porque, no seu título específico de posse, DÁ e RECEBE. Trata-se do mesmo Ser possuindo-se plenamente a si mesmo - Ser infinito e Posse infinita - mas os títulos pelos quais se possui são três. Um só Deus porque um só Ser. Três Pessoas distintas porque a posse infinita de si mesmo se realiza por três títulos distintos: SÓ DAR, SÓ RECEBER, DAR E RECEBER ao mesmo tempo.
12. O Pai DÁ tudo ao Filho na primeira processão pelo ato de geração, e DÁ tudo, juntamente com o filho, na segunda processão, pelo ato de inspiração. O Filho RECEBE tudo do Pai na primeira processão, e esse tudo que recebe do Pai, o DÁ juntamente com o Pai, na segunda processão, pelo ato de inspiração. E o Espírito Santo RECEBE tudo do Pai e do Filho, na segunda processão, pelo ato de inspiração mútua.
 13. A Terceira Pessoa chama-se ESPÍRITO, porque procede por via de INSPIRAÇÃO (= spiratio). Esse ESPÍRITO se diz SANTO, porque é Espírito do Pai e do Filho. O Pai é Santo e o Filho é Santo. Então o Espírito que une a ambos também é Santo. Certos escritores eclesiásticos, especialmente orientais, comparam essa divina inspiração como emanção flúida de substância vital aromática. Por isso entre os termos que empregam para designar a terceira Pessoa, destacam-se UNÇÃO e ODOR do Pai e do Filho. Outro termo empregado pelos escritores eclesiásticos é o termo DOM, porque todo o Dom tem seu princípio no amor puro de benevolência. Ora, o Espírito procede do Amor puríssimo de benevolência que estreita o Pai e o Filho. E como natural-

mente o amor que nasce do coração termina no beijo, o qual tem o significado de comunicação íntima de duas pessoas que se amam, ou da união de duas almas, a Terceira Pessoa divina conhece na história da Teologia outros termos que a designam; ÓSCULO, ABRAÇO, UNIDADE, AMPLEXO do Pai e do Filho.

14. Esta é a vida interna de Deus: doação infinita e aceitação infinita da mesma realidade infinita. Seu Deus é interioridade pura, comunicabilidade pura, intimidade pura, intimidade pela qual, necessariamente uma pessoa divina está na outra, age na ação da outra. A vida que seu Deus vive é vida de pura compreensão, pura admiração, e toda se desenvolve num cântico eterno de louvor e glorificação, na harmonia perfeitíssima de um êstase eterno, numa vida sem evoluções, e no entanto de processão contínua e interminável.
15. Esta é a plenitude da vida. Esta vida lhe foi revelada - que existe em Deus, e que você veio à existência como o destino de possuí-la. E desde já, essa vida lhe foi dada, em germe, no batismo. Seu Deus é como um beijo, porque o beijo é sinal de fusão de almas. A vida que seu Deus vive é como um beijo. São João diz: "Deus é Amor" (1 Jo 4, 16). "A vida se manifestou a nós, e nós vimos e testemunhamos, e vos anunciamos a vida que estava junto do Pai, que nos apareceu: o que vimos e ouvimos, vô-lo anunciamos, para que também vós tenhais parte conosco, e nossa parte seja com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1,2-3). Esta vida lhe foi revelada que existe em Deus. Você entrou na existência com o destino de possuí-la. E desde já ela lhe foi dada, em germe, no batismo. Esta é a intensão de Deus a seu respeito.

A FILOSOFIA

COM QUE DEUS PLANEJOU VOCÊ

16. Todo o mundo acha que o homem de hoje é superficial. Mas talvez não seja totalmente verdade. Em alguma coisa o homem de hoje não é superficial: mais que em outra época preocupa-se profundamente com o SENTIDO DA EXISTÊNCIA. Nesta preocupação surge três problemas que adquirir destaque especial na pesquisa do homem: o mal, a dor e a morte. A conjuntura histórica em que você vive se caracteriza por mudanças profundas e rápidas. O próprio homem é o autor dessas mudanças. Mas depois, a mudança, obra de suas mãos, incide sobre ele, e o plasma em seus juízos, desejos e condutas. O homem estende o poder sobre o universo, mas ao mesmo tempo se torna sempre mais incapaz de submetê-lo ao seu serviço. Aspira a o conhecimento sempre mais profundo de sua realidade espiritual, mas sente-se incerto quanto ao que pensar sobre si mesmo. Descobre as leis da vida social, mas não sabe que rumo dar à sociedade. Nunca produziu tanta riqueza material, e nunca houve no mundo tanta fome, tanta miséria, tanta ignorância. Nunca se conscientizou tanto de sua liberdade, e eis que novas formas de escravidão aparecem: a escravidão social e psicológica. Nunca sentiu tanto sua unidade, e nunca foi tão dividido - por forças opostas. Nunca ampliou tanto a comunicação de idéias, e eis que as palavras usadas para designar os conceitos mais fundamentais mudam de sentido de acordo com a ideologia em que são empregadas.
17. Então o homem encontra sérias dificuldades para discernir os valores que permanecem, e conciliá-los com os no

vos descobrimentos. Por isso a inquietação o atormenta, e se pergunta - entre angústia e esperança - sobre a evolução atual do mundo. O espírito científico modifica o ambiente cultural e suas maneiras de pensar. Pela técnica transforma a face da terra e se lança na aventura da conquista dos planetas. Projeta-se no futuro pelas ciências prospectivas, mas ao mesmo tempo agarra-se ao passado pelas ciências retrospectivas. Avisa-se nele a consciência da história. E a história está submetida a progresso tão rápido, que não pode mais acompanhá-la. Então o homem passa de uma visão estática da realidade para uma visão dinâmica, evolutiva. Com isso esbarra com novos problemas, e estes exigem novo tipo de análise e novo tipo de síntese.

18. Então o homem sente-se facilmente desequilibrado: desequilíbrio entre inteligência prática e uma forma de conhecimento teórico que não atinge nunca uma síntese satisfatória; desequilíbrio entre a procura da eficácia prática e as exigências da consciência moral; desequilíbrio entre as condições da vida coletiva e as exigências do pensamento pessoal; desequilíbrio entre a especialização profissional e a necessidade de uma visão geral das coisas.
19. Esses desequilíbrios nascem todos desse desequilíbrio fundamental que tem suas raízes no coração: porque no seu coração há elementos que se combatem: tem desejos limitados, sente-se chamado a uma vida superior, tem que escolher e renunciar, e, como pecador, muitas vezes faz o que não quer e não faz o que desejara fazer. Nem sempre o homem adverte esse seu estado dramático. Por vezes vive num materialismo prático, ou se sente oprimido pela miséria. Outras vezes busca soluções, recorrendo a interpretações diversas da realidade. Há momentos em que pensa na libertação só em termos de esforço humano, de seu reinado futuro, no qual seus desejos serão saciados. E não faltam os momentos em que se desespera, pensando que a existência não tem sentido.
20. Mas, sobretudo, o que mais preocupa o homem moderno é a resposta para esses problemas: Que é o Homem? Por que a dor, o mal e a morte? Essa preocupação não é superficial-

al. À pergunta pelo porquê da existência humana a filosofia responde assim:

21. Deus é a plenitude do ser. Deus é TUDO. Deus esgota o horizonte do ser. A realidade de Deus enche plenamente todos os espaços da existência. Isso cria um paradoxo: sua existência e a existência das coisas que o cercam. Se a realidade de Deus enche todos os espaços da existência, como pode existir você e como existem as coisas que o cercam? Mistério! Sua razão não pode penetrar na possibilidade da coexistência entre o finito e o infinito. Você admite o fato, porque a realidade está aí, mas você não sabe explicá-lo. Deus existe, você existe, existem as coisas que constituem a realidade mundana. Você constata o fato, mas não explica a possibilidade.
22. Mas o verdadeiro paradoxo é outro: Deus não apenas existe e permite que você também ocupe um lugar no horizonte da existência, mas se preocupa com você, quer você, ama você, cuida de você espera por você, deseja entrar em diálogo com você, porque aprecia você e aprecia cada um de seus atos. Isso sim, é paradoxal! Porque se Deus é a PLENITUDE do Ser, se já tem tudo em si, se nada mais lhe falta, então não pode querer mais nada fora de si. Todo o desejo, todo o ato de vontade implica tendência, "movimento-para", e isso supõe imperfeição no ser. Você deseja algo, você quer algo, quando isso lhe falta. Mas a Deus nada falta. Então, o que foi ele buscar em você, fora de si? Deus só pode querer-se a si mesmo. Porque ele é Deus. Porque necessariamente ele é Deus. Porque necessariamente Deus só pode ser Deus.
23. Então anota em dois pontos a filosofia com a qual Deus planejou sua existência: 1º Se Deus quis você na existência, ele o fez porque se quis a si mesmo. Você nasceu do amor com o qual Deus se ama a si mesmo. No domínio da razão esta é a resposta mais profunda que você encontra sobre o mistério de sua vida: você vive porque nasceu do amor com o qual Deus se ama. Deus se ama, então planejou sua existência. - 2º Fazendo você nascer do amor com que se ama a si mesmo, Deus não pode tirar com isso nenhuma vantagem para si. Quem saiu com a vantagem foi você, exclusivamente. Porque ele já tem tudo.

Quem tem tudo não pode receber mais nada. Ao dar o ser, nada pôde receber. Apenas deu, expandiu-se, irradiou-se. Quem recebeu foi você.

24. Tudo tem sua razão de existir neste ato pelo qual Deus quis difundir sua bondade, irradiar sua grandeza, sua magnificência, a infinita riqueza de seu ser. Planejou ele sua existência e a existência do mundo que o cerca, porque quis irradiar no vácuo precedente, núcleos de alegria, centros de felicidade. Você é um desses centros de felicidade, sobretudo você que tem alma. Ter alma é ter um núcleo de alegria, uma central de felicidade.

A CIÊNCIA

COM QUE DEUS PLANEJOU VOCÊ

25. A resposta que a filosofia dá como solução ao problema do homem é profunda, e situa para você um ponto de partida para o otimismo e a segurança. Você deve agora consultar a ciência. Ela lhe oferece outro ponto de partida. A ciência, que aborda o mundo em sua realidade física, diz que um dia alguém pensou em construir uma pirâmide. Esse alguém, conforme a filosofia, foi Deus. Então Deus um dia pensou em construir uma pirâmide.
26. E projetou o universo dos minerais. Os cientistas dizem que foi há muitos milhões de anos. Foi o mundo das estrelas, essa poeira de astros que veio povoar o espaço. O valor intrínseco de um ser depende da unidade interna daquele ser. O homem vale mais que o animal porque sua unidade interna é superior. E mais uma coisa: quanto mais uno é o ser na sua interioridade, tanto menos múltiplo, e vice-versa. O mineral é assim: um ser no qual a unidade interior se verifica no menor grau possível. Os filósofos dizem que a matéria é o limite inferior do devir, e portanto não é possível um ser inferior à matéria.
27. O mineral possui o menor grau de ser, porque é dotado do menor grau de unidade interior. A unidade do mineral é apenas molecular. Por isso os minerais são tão múltiplos: quanto menor a unidade interior, maior a multiplicidade exterior. Mais uma lei: Quanto menor a unidade interior tanto menor a exigência de união com os demais

seres. O grau de afirmação de si no ser (= unidade interior), condiciona o grau de união com os outros (= unidade exterior). Os minerais possuem o menor grau de unidade interior (= unidade molecular). por conseguinte são dotados de poucas exigências de união com os outros. Entretanto, também os minerais, no plano coletivo, mantêm certa unidade, a unidade cósmica: a combinação de um elemento mineral com outro se faz de acordo com certas leis; o movimento dos astros, dos átomos, se faz de acordo com certas leis; assim as atividades dos demais elementos físicos. Isso é expressão de unidade exterior, a unidade cósmica.

28. Com o aparecimento do reino mineral foi lançada a base da pirâmide. Após certo tempo, numa dessas estrelas, chamada sol, ao redor do qual passaram a girar outros grãos de poeira cósmica, e num desses grãos, chamado terra, Deus fez aparecer novo grau de unidade ou ser: a VIDA! O ser vivo é superior ao mineral porque dotado de unidade superior. Foi o mundo dos vegetais. A unidade, no vegetal, não é apenas molecular, mas biológica: as partes não subsistem separadas do todo. O ramo de uma árvore, separado do tronco, morre, deixa de ser; uma lasca de mármore, ao contrário, separada do bloco, não deixa de ser mármore. Com o crescimento da unidade interior (= afirmação de si), crescem também a exigência de unidade exterior (= união com os outros): as plantas não vivem em clima qualquer, e, de modo geral, para crescer, exigem a proximidade das plantas da mesma família. Isso aconteceu também há muitos milhões de anos, diz a ciência!

29. Mais alguns milhões de anos se passaram, e apareceu na existência novo tipo de ser: o animal. A unidade biológica cresceu, tornou-se mais una, e tivemos a unidade psíquica. Unidade interna superior, daí o ser superior ao vegetal: um ramo de árvore não tem existência se decapado do tronco, mas ao ser separado, o resto da árvore nada sofre. Não é assim o membro de um animal: se ferido, todo o corpo sente, todos os demais membros ajudam para auxiliar o corpo ferido. Então o animal possui maiores exigências de união com os demais seres. Não há animal que viva solitário.

O MISTÉRIO DO HOMEM

1. FILOSOFIA - O PARADOXO DA EXISTENCIA

1. *Nasci do amor com o qual Deus se ama!*
2. *Sô para mim a vantagem da existência!*

2. CIENCIA - A DIREÇÃO DA EVOLUÇÃO - PIRÂMIDE DA MATÉRIA

1. *Unidade individual* - Reino Mineral - COSMOS
2. *Unidade biológica* - Reino Vegetal - SIMBIOSE
3. *Unidade psíquica* - Reino Animal - SOCIABILIDADE
4. *Unidade pessoal* - Reino Humano - COMUNIDADE

3. TEOLOGIA - O PLANO DE DEUS - PIRÂMIDE DO ESPÍRITO

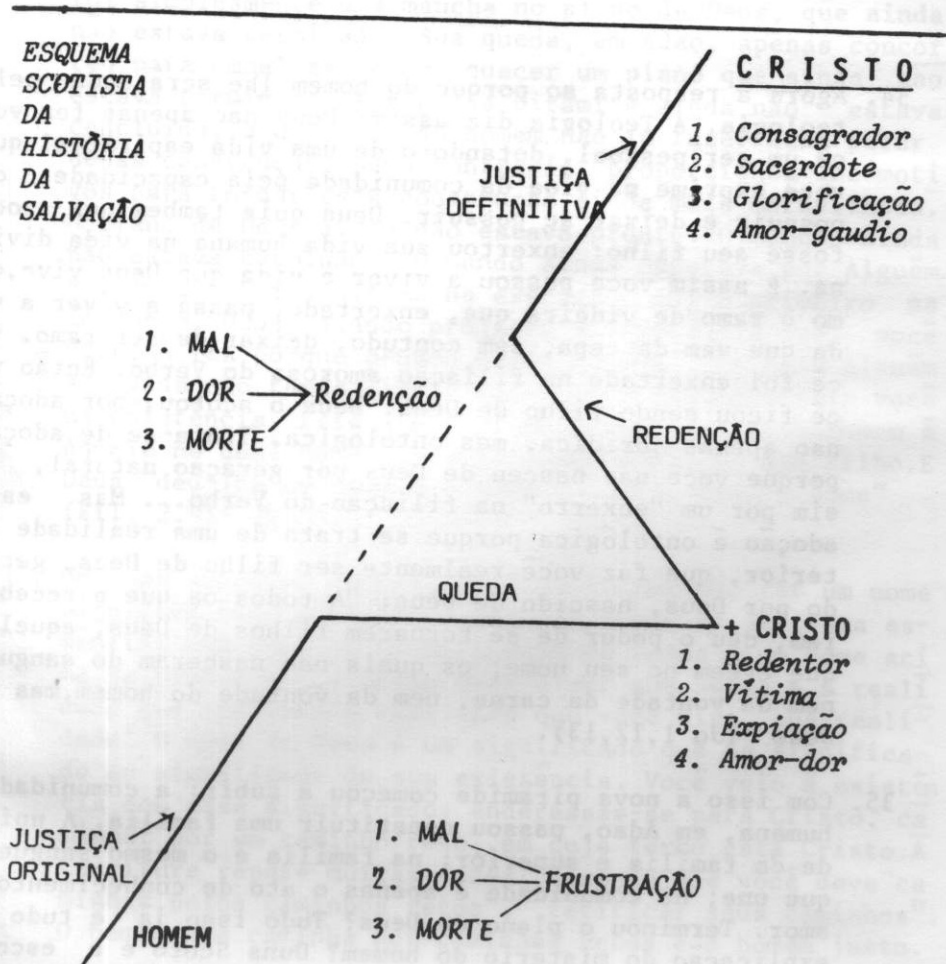
1. *Comunidade*
2. *Família*
3. *Corpo*

- PIRÂMIDE DA DIVINDADE

30. A essa altura você constata a construção de uma pirâmide. O aparecimento progressivo de seres insiste em apontar para o alto, e fechar sempre mais a pirâmide. Os seres menos unitários são mais múltiplos, e formam a base da pirâmide: são os minerais. Os vegetais representam um crescimento ontológico dos seres, mas em contrapartida, uma diminuição em sua multiplicidade. Os animais - mais ainda. E há uma lei profunda de renúncia e sublimação que preside à construção dessa pirâmide. Os vegetais nutrem-se de minerais. Alimentando os vegetais, os minerais renunciam-se a si mesmos, mas passam a viver, adquirem existência superior, assumem a unidade biológica. Os animais nutrem-se de minerais e vegetais, que, ao serem assimilados pelos animais, renunciam-se a si mesmos, mas daí passam a sentir, adquirem existência superior, assumem a unidade psíquica.
31. A pirâmide sobe. E' preciso fechá-la. Então apareceu um dia na terra, um animal diferente: o homem! Um ponto de encontro. Ponto de chegada e ponto de partida. Ponto de chegada porque a primeira pirâmide fechou. Ponto de partida porque a base de nova pirâmide é lançada. O homem, no universo, representa a presença da unidade pessoal. A personalidade se realiza pela capacidade de conhecer e amar espiritualmente. Conhecimento é capacidade para assumir plenamente o outro em si. Amor é capacidade para se deixar assumir plenamente pelo outro. Esse outro pode ser você, posso ser eu, ou pode ser quem quer que seja. Mas em definitivo deve ser Deus. A pessoa humana que não realiza sua capacidade de conhecer antes de tudo pela posse de Deus e sua capacidade de amar pela doação a Deus, não realizará também essas duas capacidades em relação à outra pessoa humana.
32. Você deve cultivar sua personalidade assumindo plenamente o "outro", pelo conhecimento e deixando-se assumir plenamente pelo "outro" no amor. Você tem personalidade na medida em que cultiva sua capacidade para possuir o outro, assumir tudo o que é do outro como seu, e ao mesmo tempo, na medida em que se deixa assumir pelo outro, em que deixa o outro possuir como seu o que pertence a você. Esse "outro", antes de tudo, é Deus. E depois, co-

mo consequência, é qualquer um de seus irmãos.

33. O homem representa o termo de uma pirâmide e o início de outra. O termo porque realmente recapitula em si todo o universo material. O início de outra porque, pela capacidade de conhecer e amar pessoalmente, o homem forma com os outros homens um tipo de unidade coletiva que se chama COMUNIDADE. Comunidade é unidade coletiva daqueles que se conhecem (= cada qual assume plenamente o outro) e se amam (= cada qual se deixa assumir plenamente pelo outro). É o início da Pirâmide do Espírito.



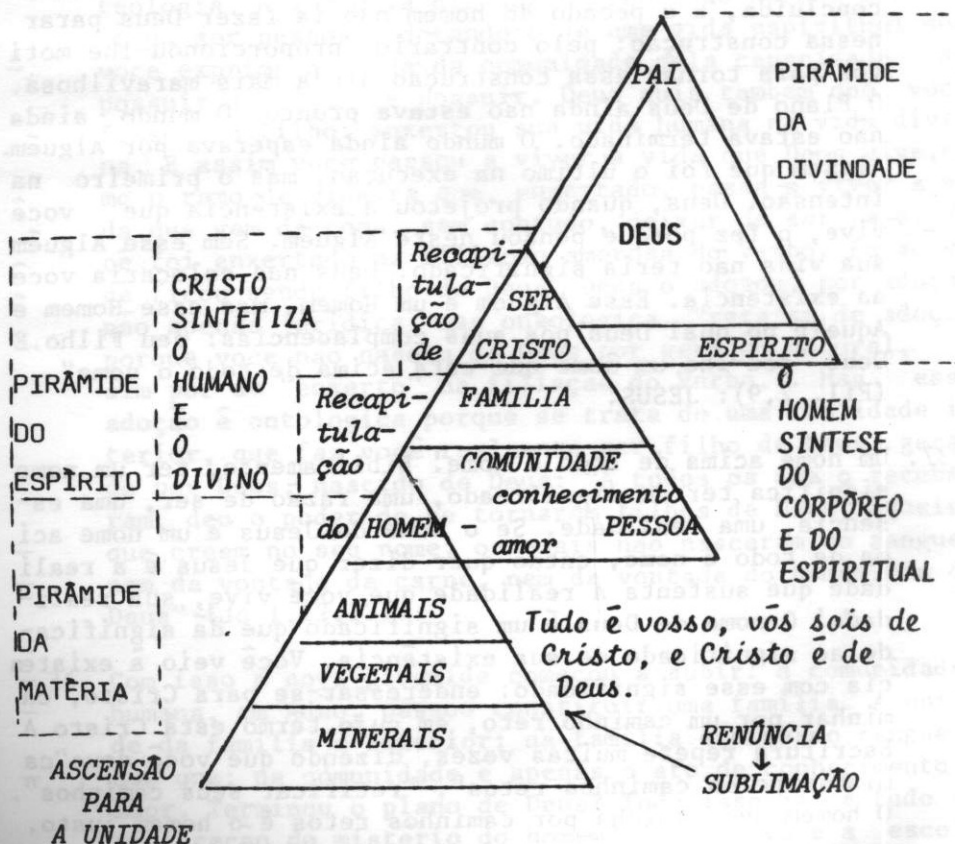
A TEOLOGIA COM QUE DEUS PLANEJOU VOCÊ

34. Agora a resposta ao porquê do homem lhe será dada pela teologia. A Teologia diz assim: Deus não apenas fez você um ser pessoal, dotando-o de uma vida espiritual que você exprime na vida da comunidade pela capacidade de possuir e deixar-se possuir. Deus quis também que você fosse seu filho: enxertou sua vida humana na vida divina. E assim você passou a viver a vida que Deus vive, como o ramo de videira que, enxertado, passa a viver a vida que vem da cêpa, sem contudo, deixar de ser ramo. Você foi enxertado na filiação amorosa do Verbo. Então você ficou sendo filho de Deus. Deus o adotou, por adoção não apenas jurídica, mas ontológica. Trata-se de adoção porque você não nasceu de Deus por geração natural, e sim por um "enxerto" na filiação do Verbo... Mas essa adoção é ontológica porque se trata de uma realidade interior, que faz você realmente ser filho de Deus, gerado por Deus, nascido de Deus: "A todos os que o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jq 1,12,13).
35. Com isso a nova pirâmide começou a subir: a comunidade humana, em Adão, passou constituir uma família. A unidade da família é superior: na família é o mesmo sangue que une; na comunidade é apenas o ato de conhecimento e amor. Terminou o plano de Deus? Tudo isso já é tudo na explicação do mistério do homem? Duns Scoto e a escola

franciscana dizem que não! Você sabe que aquele estado feliz durou pouco: você o perdeu em Adão. Então dizem os tomistas: "Nada de medo! O pecado de Adão rompeu o projeto primitivo, mas Deus teve misericórdia do homem e restaurou-o por outro melhor. Melhor porque no primeiro projeto não estava planejado a Encarnação do Verbo. O segundo projeto planejou a Encarnação do Verbo. Portanto, "ô feliz culpa", que nos mereceu tão grande Redentor!

36. Os Scotistas também dizem: "Nada de medo!" Mas encaram de outra maneira o plano de Deus. Sua queda, em Adão, - não foi ruptura de um projeto, destruição de um plano: foi simplesmente uma mancha no plano de Deus, que ainda não estava terminado. Sua queda, em Adão, apenas concorreu para embelezar e enriquecer um plano que ainda não estava terminado. A segunda pirâmide ainda não estava concluída, e o pecado do homem não ia fazer Deus parar nessa construção: pelo contrário, proporcionou-lhe motivos para tornar essa construção ainda mais maravilhosa. O Plano de Deus ainda não estava pronto. O mundo ainda não estava terminado. O mundo ainda esperava por Alguém. Alguém que foi o último na execução, mas o primeiro na intensão. Deus, quando projetou a existência que você vive, o fez porque pensou neste Alguém. Sem esse Alguém sua vida não teria significado. Deus não colocaria você na existência. Esse Alguém é um Homem, mas esse Homem é Aquele no qual Deus pôs suas complacências: seu Filho. E Deus "deu-lhe um nome que está acima de todo o nome" (Fil. 2,9): JESUS!
37. Um nome acima de todo o nome! Biblicamente, ter um nome significa ter um significado, uma razão de ser, uma essência, uma realidade. Se o nome de Jesus é um nome acima de todo o nome, então quer dizer que Jesus é a realidade que sustenta a realidade que você vive, sua realidade! O nome de Deus é um significado que dá significado ao significado de sua existência. Você veio à existência com esse significado: enderessar-se para Cristo, caminhar por um caminho reto, em cujo termo está Cristo. A Escritura repete muitas vezes, dizendo que você deve "caminhar pelos caminhos retos", "retificar seus caminhos". O homem que caminha por caminhos retos é o homem justo.

AS
PIRÂMIDES
DE
DEUS



Retidão e justiça são sinônimos.

38. Que significa "caminhar por um caminho reto", "ser justo"? Significa apontar para Cristo, viver direcionado para Cristo, encontrar-se com Cristo, abrir-se para Cristo, deixar-se absolver por Cristo. O contrário é injustiça, é pecado. Pecador é aquele que se fecha para Cristo, foge ao encontro com Cristo. Pecado é aquela ação, pensamento, desejo, afeto ou atitude fechada para Cristo, que não exprime Cristo, que não encarna Cristo. Por isso o pecado é um contra-senso, e o pecador é um absurdo.
39. Para você, "existir" e "abrir-se" para Cristo são a mesma coisa. Se você pretende existir sem se abrir para Cristo, você está pretendendo um absurdo. Se isso se verificar em sua vida, você será realmente um absurdo: você cometeu esse absurdo. Em Adão você caminhava pelo caminho reto, enderessava-se e enderessava tudo para Cristo, ornava-o aquilo que chamamos graça santificante, justiça original, retidão. Essa graça chegava a você por intermédio do próprio Cristo, único mediador, que estava para vir, mas já existia. Você caminhava por esse caminho, mas caminhava como homem, isto é, a retidão não destruía sua natureza humana. Portanto você caminhava - com sua liberdade mutável, declinável. E aconteceu que um dia - em Adão - você quis declinar, você mudou, saiu do caminho reto que o enderessava para Cristo, e você - se pôs a caminhar por caminhos tortuosos, por caminhos absurdos, porque sem meta, sem destino.
40. Foi o pecado que você cometeu "na origem", o pecado original! Scoto e sua escola defende essa tese segundo a qual o Cristo viria ao mundo mesmo que o homem não tivesse pecado. A encarnação foi decretada por Deus não por causa do homem, mas o homem foi planejado por causa da Encarnação do Filho de Deus. Deus é esse Pai que um dia pensou em dar ao seu Filho uma Esposa em casamento. Então inventou o mundo. No mundo colocou os minerais, os vegetais, os animais, e por fim, o homem! E dentro mundo reuniu um Povo, a IGREJA.
41. A Igreja! Eis a Esposa que Deus quis dar a seu Filho em

casamento. Todo o universo existe por causa desse casamento: dessa Esposa e desse Esposo! Então a Encarnação do Verbo não foi condicionada à queda do homem. O Verbo ter-se-ia encarnado, mesmo que o homem não pecasse. Isso diz Scoto e sua Escola.

42. A Escola tomista sustenta o contrário: se o homem não tivesse pecado, o Verbo não teria assumido a carne humana. A Encarnação existe por causa do homem. Então a Escola tomista supõe a existência de dois decretos divinos na história da salvação. O primeiro decreto foi destruído pelo homem. Nele não estava planejado o homem-Deus. Então, Deus, que podia abandonar o homem à sua insensatez, fez um segundo plano, mais maravilhoso que o primeiro, porque nele programou também a existência do Homem-Deus. Por isso, "ó feliz culpa"!
43. A Escola Scotista supõe a existência de um único decreto, único plano: Deus que decide a Encarnação do Verbo, porque quis dar a Seu Filho uma Esposa em Casamento. Por isso inventou o universo, nele colocou o homem como Senhor. Com o pecado de Adão, você não rasgou o plano de Deus, não o destruiu. Simplesmente você manchou, borrou o plano de Deus, uma mancha e um borrão que Deus, divino artista, tomou e fez depois um enfeite maravilhoso, embelezou seu plano. Por isso a escola scotista também canta na noite de Páscoa: "ó feliz culpa"!
44. O pecado que você cometeu em Adão não destruiu o plano primitivo de Deus, mas foi um acidente ocorrido ao longo da realização desse plano, - único plano - que ainda não estava concluído, porque faltava o último programa: a Encarnação do Homem-Deus. De que maneira Deus embelezou o decreto que você havia manchado? - O Cristo, que se teria encarnado da mesma forma, mas como CONSAGRADOR, ficou sendo também REDENTOR. Ele viria para casar-se com a Esposa que o Pai lhe preparara. Esse casamento seria consagração. Essa consagração se fez redenção. Ele se casou com a Esposa que o Pai lhe preparara, mas casou-se na cruz. Ele viria como SUMO SACERDOTE do universo. Você pecou em Adão. Você manchou o plano de Deus. E Deus fez um enfeite: o SACERDOTE ficou sendo VÍTIMA. Como Sumo Sacerdote do universo, ele viria oferecer ao

CONTROVERSA SCOTO-TOMISTA

T O M I S T A S	S C O T I S T A S
<ol style="list-style-type: none"> 1. O pecado DESTRUIU o plano primitivo e Deus fez outro plano. 2. O plano primitivo não previa o HOMEM-DEUS. 3. Sem o pecado, não teríamos o Cristo. Então... "Ô feliz Culpa!" 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O pecado MANCHOU o plano que Deus ainda não havia terminado. 2. A existência do mundo e do homem foi prevista em função do homem-Deus 3. Deus, detendo-se da mancha, fez um adorno no seu plano. Então... "Ô feliz culpa!" 1. O CONSAGRADOR se fez REDENTOR 2. O SACERDOTE se fez VÍTIMA 3. A GLORIFICAÇÃO se fez EXPIAÇÃO 4. O AMOR GAUDIOSO se fez DOLOROSO

Pai um sacrifício de ADORAÇÃO e LOUVOR. Você pecou em Adão. Você mancou o plano do Senhor seu Deus. E o Senhor seu Deus fez um enfeite: o Sacrifício dele ficou sendo também sacrifício de PROPICIAÇÃO, de EXPIAÇÃO. O Casamento dele com a Esposa que o Pai lhe preparara realizava-se no GAUDIO, no estremecimento e no júbilo. Você pecou em Adão. Você mancou o plano de Deus. E Deus fez um enfeite: o casamento dele com a Esposa preparada pelo Pai se realizou na ignomínia da Cruz, o amor se patenteou na dor, no mar de amarguras do dia de Parascese. Então o amor do Esposo pela Esposa ficou DOLOROSO. O amor casou-se com o sacrifício. Agora não há amor quando não há sacrifício.

45. Foi assim que Deus construiu a segunda pirâmide. Pela capacidade de conhecer e amar espiritualmente - como pessoa - a humanidade formava uma COMUNIDADE. Pelo dom da filiação divina adotiva, em Adão, essa comunidade passou a formar uma FAMÍLIA. Em Cristo Jesus a pirâmide fechou: a comunidade humana, feita família em Adão, nele passou a formar um único ser: um CORPO. Foi a segunda Pirâmide. A primeira começou na matéria e terminou no espírito. A segunda começou no humano e terminou no divino. O que é material foi planejado em função do que é espiritual. Então o homem é o sacerdote do universo. O humano foi planejado em função do que é divino. Então - Cristo é o sacerdote da humanidade.

46. Mas há algo que ainda não se consumou. Cristo, que realizou a consagração do universo pela redenção, e que o recapitulou e o assumiu na unidade de seu corpo, Cristo um dia partiu daqui. E enviou seu Espírito, a alma desse novo corpo que apareceu na história. E um dia terá fim a realidade terrena em que você vive. E se concluirá a suprema unidade na terceira pirâmide: a unidade da Trindade. Cristo é a segunda pessoa da Trindade. Mas agora não está só: forma um só corpo com todos os que o recebem. Por isso o destino de Cristo no seio da Trindade, será seu destino, você que recebeu o dom de se tornar filho de Deus. Desse modo sua história, que começou dentro do coração de Deus, terminará dentro do coração do mesmo Deus.

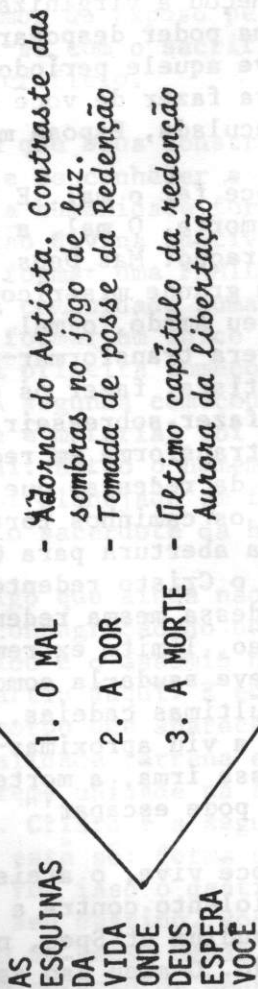
47. Você é a Esposa que Deus quis preparar para dá-la a seu Filho em casamento. Você, como jovem eleita, vinha sendo preparada esmeradamente, aguardada e sonhada carinhosamente. Você e Ele aguardavam o grande dia. Mas, enquanto isso, você se prostituiu. Ele não desprezou você. Ele foi lá, no lugar de sua prostituição, viu você em sua miséria, em sua queda, em seu desmoronamento. Ele não desprezou você. Ele se pôs a chorar. E tomou você nos braços, levou você para sua casa. Lá chegando, abriu as mãos os pés e o lado e, com seu próprio sangue, começou a lavar você, começou a virginizar você novamente, para de qualquer forma poder desposar você em aliança eterna. Agora você vive aquele período em que ele está virginizando você, para fazer de você uma esposa toda santa, bela, pura, imaculada, Esposa maravilhosa.

48. Com essa prostituição, você fez o mal. E do mal nasceu a dor. E da dor nasceu a morte. O mal, a dor e a morte são os dados de sua frustração. Mas Deus teve pena de você, e resgatou você com grande misericórdia. E, no encontro com aquele que é seu Amado, o mal, - todo o mal que agrava sua vida - deverá transformar-se em enfeite maravilhoso na tela do artista, fazer os contrastes das luzes e das sombras para fazer sobressair o efeito estético da tela. E a dor se transforma em redenção, o meio pelo qual você toma posse da redenção que seu Amor realizou, e assim você deixa os caminhos tortuosos e se aproxima do caminho reto da abertura para Cristo. E a morte, no seu encontro com o Cristo redentor, transformou-se no último capítulo dessa mesma redenção, e portanto, na aurora da libertação, limite extremo, entre cativo e liberdade. Você deve saudá-la como mensageira suave da ruptura de suas últimas cadeias, como a saudou Francisco de Assis quando a viu aproximar-se: "Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar!"

49. No mundo moderno em que você vive, o ateísmo nasce muitas vezes como protesto violento contra a existência do mal, da dor e da morte (Gaudium et Spes, n. 19). Porque o ateu é um homem frustrado. O ateu não sabe aceitar-se. Ou melhor, o ateu não quer aceitar que o homem seja homem, dentro do plano de Deus. Quereria que o homem existisse

tisse de acordo com seu plano. O ateu é um frustrado. Você precisa aprender a fazer das manchas do mal, enfeites em sua vida. Você precisa aprender a fazer da dor, tomada de posse da redenção. Você deve aprender a encarar a morte como mensageira suave da ruptura de suas últimas cadeias, entrada triunfal, Páscoa!

SOLUÇÃO CRISTÃ PARA OS PROBLEMAS ETERNOS DO HOMEM



O RACIOCÍNIO DE DUNS SCOTO

50. Todo aquele que quer de uma maneira ordenada, quer primeiro o fim, e imediatamente depois as coisas que estão mais perto do fim na sua ordem de proximidade. Ora, a vontade de Deus é essencialmente ordenada. Ele se quer, portanto, em primeiro lugar. Imediatamente após ele - e entre todas as coisas que estão fora dele - ele quer a alma de Cristo. A glória de Cristo foi, pois, querida imediatamente depois do querer que se refere à vida íntima de Deus. Portanto, antes de todo o mérito ou demérito, previu que Ele se uniria a Cristo na unidade da pessoa do Verbo.
51. Além disso, a ordenação completa dos eleitos à graça e à glória é anterior à predestinação dos réprobos, porque ninguém frui da perdição do outro como duma ganância feita. Portanto, antes da previsão da queda, e antes de qualquer mérito ou demérito, foi previsto o futuro de Cristo-Homem.
52. Além do mais, se a queda tivesse sido a causa da predestinação de Cristo, seguir-se-ia que a obra suprema de Deus teria sido somente ocasionada. A glória de Cristo é qualitativamente maior que toda a glória dos santos. No entanto, Deus teria descuidado sua obra suprema na hipótese de que Adão não tivesse pecado. Quem não vê quão descabido é isso?
3. Afirmando, portanto, assim: Deus se ama, em primeiro lugar,

a si próprio. Em segundo lugar, se ama nos outros - e este amor é desinteressado. Em terceiro lugar, quer ser amado por Aquele que é capaz de amá-lo em grau sumo (=ou falo de um ser extrínseco a ele, ou criado). Finalmente prevê a união hipostática desta natureza humana que deve amá-lo imensamente, mesmo se o homem não cair.

54. Todas as passagens da Sagrada Escritura e dos Santos Padres que parecem afirmar o contrário - isto é, que Cristo jamais se teria encarnado, caso Adão não tivesse pecado, - podem ser entendidas no sentido de que Cristo não teria vindo como Redentor, se o homem não tivesse pecado. Quiçá, neste caso, não teria vindo em carne sujeita aos sofrimentos, não existindo necessidade de a alma de Cristo - desde o princípio gloriosa e predestinada por Deus à glória suprema - ser unida a um corpo passível. Assim, pois, Cristo-Homem, com todos os eleitos, estava predestinado à graça e à glória antes que fosse prevista a sua paixão e morte como medicina contra a queda, à semelhança do médico que deseja primeiro a saúde do homem, antes de ordenar a medicina para curá-lo.
55. E', pois, anteriormente a toda previsão acerca dos pecadores - ou do pecado ou de castigo - que Deus escolheu para o Reino dos céus todos aqueles, anjos e homens, que quis predestinar, segundo graus certos e determinados. Portanto ninguém foi predestinado unicamente em razão da previsão da queda de um terceiro, a fim de que ninguém tenha motivo de se alegrar com a infelicidade do outro.
56. Consequentemente, Deus quer sempre segundo as mais altas exigências da razão - e isto não em virtude de muitos atos, mas em razão de um único ato pelo qual tende diversamente mas com ordem para os objetos de seu querer. Segue daí que Ele quer em primeiro lugar o fim. Nisto sua atividade é perfeita e sua vontade feliz. Em segundo lugar, Ele quer todas as coisas que estão imediatamente ordenadas para ele e predestina assim os escolhidos - e isto, como por um movimento de retorno sobre si mesmo, querendo que os outros amem com Ele o objeto de suas complacências, que é a essência divina. Com efeito, segundo demonstrei no tratado sobre a caridade, aquele que se ama em primeiro lugar, mas segundo a ordem e não por uma a-

- feição desordenada, quer também que outros amem, isto é, que outros possuem em si mesmos o seu amor. Ora, isto não é senão a predestinação, se Deus a quer eficazmente. Em terceiro lugar, Deus quer o que é necessário para esse fim, isto é, os bens da graça. Finalmente decreta as coisas mais distantes d'Ele - este mundo visível - a fim de que elas sirvam aos eleitos. Verifica-se assim aquela afirmação de que o homem é, de certa maneira, a meta do mundo sensível. Todo o criado, pois, por causa da sua limitação, está destinado a formar parte da totalidade do cosmos - o qual é um único todo pela unidade de sua ordem.
57. Ó Deus, és bom sem limites! Liberramente comunicas os raios de tua bondade! E todos aqueles que dela foram feitos participantes, se dirigem para ti, Ser soberanamente amável, como na direção de sua verdadeira mente!
58. Aqui termina o raciocínio de Duns Scoto, conhecido na história do pensamento humano como Doutor Subtil. O ponto de partida de sua doutrina sobre o primado universal de Cristo na obra da criação e da divinização do homem não foi simplesmente a descoberta de um ponto de partida inicial. Foi antes de tudo a análise da experiência espiritual de um místico: Francisco de Assis. Francisco de Assis foi o místico do Verbo Encarnado, que cantou o "altíssimo, onipotente, santíssimo e soberano Deus", o qual "criou todos os seres, espirituais e corporais, pelo seu único Filho no Espírito Santo". Duns Scoto cristalizou em teses teológicas essa experiência mística desse Místico por excelência. Se você examina com humildade, temor e reverência essa doutrina do Doutor Subtil, você verá que ela está contida implicitamente na Escritura.
59. Os Santos Padres quando interpretam esse texto do Livro dos Provérbios - "O Senhor me possuiu no início de seus caminhos, antes que qualquer coisa tivesse sido feita" (Prov. 8,22) - atribuem esse texto ao Verbo Encarnado, como primeira obra intencionada por Deus. Em seguida, em sentido místico, atribuem-no à Virgem Maria, como criatura predestinada juntamente com Cristo. O mesmo fazem quando interpretam outros textos escriturísticos como estes:

60. "Ele nos escolheu, por amor, antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados diante dele. Predestinou-nos para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo para a sua glória, para fazer brilhar a glória de sua graça, pela qual nos tornou agradáveis em seu Filho bem amado. E' nele que temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados... a fim de nos tornar conhecido o mistério de sua vontade... que tinha estabelecido consigo mesmo de restaurar todas as coisas em Cristo, quando tivesse chegado à plenitude dos tempos, assim as que há no céu, como as que há na terra; nele, em quem também nós fomos chamados por sorte, sendo predestinados pelo decreto daquele que opera todas as coisas, segundo o conselho de sua vontade, para servirmos de louvor à sua glória, nós, que antes tínhamos esperado em Cristo; no qual também vós esperais, tendo ouvido a palavra da verdade, o Evangelho da vossa salvação e, tendo crido nele, fostes selados com o selo do Espírito Santo" (Ef. 1,3-15).
61. "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criatura; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis... tudo foi criado por ele e para ele, e ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo da Igreja, e é o princípio, o primogênito dentre os mortos; de maneira que ele tem a primazia em todas as coisas, pacificando, pelo sangue de sua cruz, tanto as da terra como as do céu" (Col 1,15,20). "Porque convinha que aquele, para quem e por quem são todas as coisas, o qual tinha levado muitos filhos à glória, aperfeiçoasse pelos sofrimentos o autor da salvação deles" (Hebr. 2,10).
62. Tertuliano, falando da criação de Adão, assim escreve: "Repara como Deus totalmente se aplica e se ocupa com os sentidos, com a ação, com o conselho, com a sabedoria, com a providência, e sobretudo com o afeto ao delinear a figura daquele ser, porque ele, tudo o que ia exprimindo no barro, o fazia pensando em Cristo, o Homem futuro, que seria feito de limo, de carne e de palavra. Foi assim que ouvimos esse colóquio do Pai com o Filho: Façamos o

homem à nossa imagem e semelhança. E Deus fez o homem. E o homem que ele fez, o fez à sua imagem, isto é, sobre o modelo de Cristo".

63. São Máximo, Confessor, falando desse mistério, escreveu uma página admirável: "Este mistério é um mistério escondido, grande e admirável (= mistério da Encarnação). Este é o fim feliz pelo qual tudo foi criado. Por causa desse escopo divino tiveram origem todas as coisas, e sem essa finalidade nada teria existido. Foi olhando para esse fim, que Deus produziu todas as coisas. Este mistério, que circunscreve todos os tempos, que pre-existe infinita e super-infinitamente a todos os séculos, manifesta o grande conselho de Deus. E mais: revela o fundo da bondade do Pai. Por causa do mistério de Cristo nasceram todos os séculos, e todas as coisas que estão dentro dos séculos, e é nele, como princípio e fim, que todas as coisas subsistem".

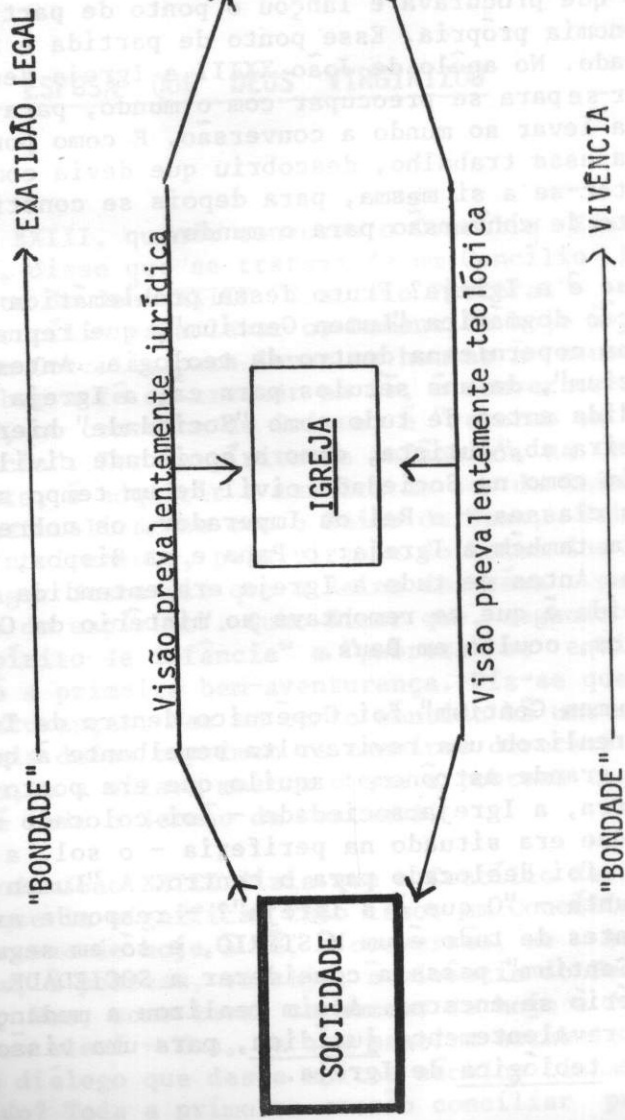
A ESPOSA QUE DEUS VIRGINIZOU

64. O Papa João XXIII, quando convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II, disse que se tratava de um Concílio Pastoral. Na mente de João XXIII "Concílio Pastoral" queria dizer: um Concílio para levar os homens de hoje à fé. Então seria um Concílio para levar os homens à conversão. Porque receber a fé ou crescer na fé, é converter-se, e "conversão", no conceito de Cristo, é "retorno ao espírito de infância". Ter "espírito de infância", na expressão de Cristo, é adquirir a maneira de ser do Reino dos céus, é conaturalizar-se com o Reino de Deus, deixar-se penetrar, inteiramente, pela virtude do Reino dos céus. Em outro lugar Jesus diz que o Reino dos céus pertence aos "pobres de espírito". Quer dizer que, segundo o evangelho, "espírito de infância" e "pobreza" se equivalem. A pobreza é a primeira bem-aventurança. Diz-se que há oito bem-aventuranças. Mas em certo sentido há uma só: a pobreza. Seis delas exprimem de maneiras diversas o que é a pobreza, e a oitava mostra o que a pobreza engendra. A pobreza é todo o Sermão da Montanha.
65. Então, quando João XXIII dizia que o Concílio devia ser Pastoral, queria significar tudo isso: um Concílio para levar os homens de hoje à fé, à conversão, ao espírito de infância, à pobreza, ou seja, à vivência do Sermão da Montanha. - Mas, como levar os homens de hoje à fé? - Diálogo com eles! - Mas, de que maneira estabelecer com o mundo um diálogo que desde muitos séculos tinha sido interrompido? Toda a primeira sessão conciliar procurou

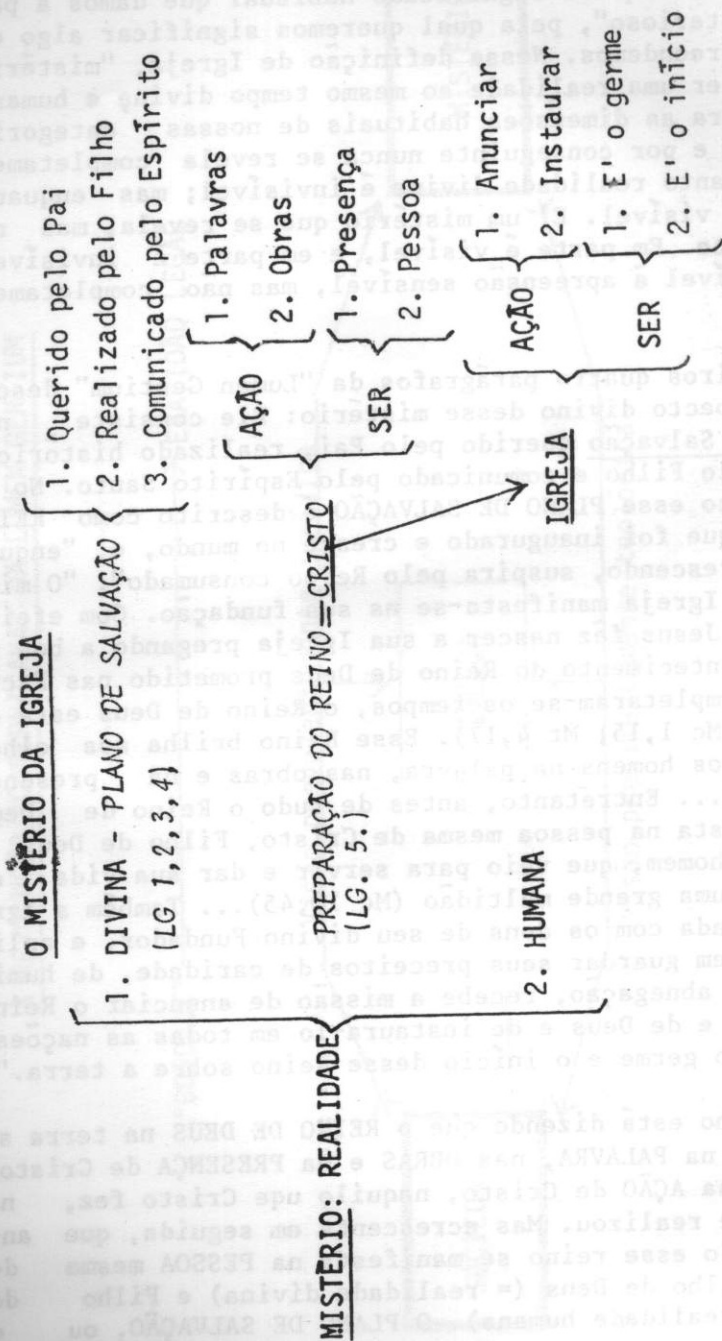
uma resposta para esses interrogativos, mas foi aos poucos - exatamente no intervalo entre a primeira e a segunda sessão - que surgiu uma resposta: - Para renovar o diálogo com o mundo, a fim de levar os homens de hoje à fé, primeiro é preciso responder a essa pergunta: - QUE É A IGREJA?

66. Foi assim que o Concílio de João XXIII encontrou o caminho que procurava e lançou o ponto de partida de sua fisionomia própria. Esse ponto de partida é rico de significado. No apêlo de João XXIII, a Igreja decidia concentrar-se para se preocupar com o mundo, para ir ao mundo, para levar ao mundo a conversão. E como ponto de partida para esse trabalho, descobriu que devia começar por converter-se a si mesma, para depois se constituir em fermento de conversão para o mundo.
67. O que é a Igreja? Fruto dessa problemática foi a Constituição dogmática "Lumen Gentium", que representa a revolução copernicana dentro da teologia. Antes da "Lumen Gentium", de uns séculos para cá, a Igreja veio sendo entendida antes de tudo como "Sociedade" hierarquizada de maneira absolutista, como a sociedade civil de um tempo. Assim como na Sociedade civil de um tempo se distinguiam três classes - o Rei ou Imperador, os nobres e o povo - assim também a Igreja: o Papa e os Bispos, o clero e o povo. Antes de tudo a Igreja era entendida assim. Só em seguida é que se remontava ao mistério da Comunhão dos Santos, oculto em Deus.
68. A "Lumen Gentium" foi Copérnico dentro da Teologia, porque realizou uma reviravolta semelhante à que foi feita pelo grande astrônomo: aquilo que era posto no centro - a terra, a Igreja-sociedade - foi colocado na periferia, e o que era situado na periferia - o sol, a Igreja-mistério - foi deslocado para o centro. A "Lumen Gentium", a pergunta - "O que é a Igreja"? - responde assim: A Igreja antes de tudo é um MISTÉRIO, e só em seguida a "Lumen Gentium" passa a considerar a SOCIEDADE na qual esse mistério se encarna. Assim realizou a mudança de uma visão prevalentemente jurídica, para uma visão prevalentemente teológica de Igreja.

A REVOLUÇÃO "COPERNICANA" DA LUMEN GENTIUM



69. A Igreja, antes de tudo, é um "MISTÉRIO". Mas essa palavra não tem aqui o significado habitual que damos à palavra "misterioso", pela qual queremos significar algo que não compreendemos. Nessa definição de Igreja, "mistério" quer dizer uma realidade ao mesmo tempo divina e humana, que supera as dimensões habituais de nossas categorias humanas, e por conseguinte nunca se revela completamente. Enquanto realidade divina é invisível; mas enquanto humana é visível. É um mistério que se revela, mas não totalmente. Em parte é visível, e em parte é invisível. É acessível à apreensão sensível, mas não completamente.
70. Os primeiros quatro parágrafos da "Lumen Gentium" descrevem o aspecto divino desse mistério: Ele consiste num Plano de Salvação querido pelo Pai, realizado historicamente pelo Filho e comunicado pelo Espírito Santo. No número cinco esse PLANO DE SALVAÇÃO é descrito como REINO DE DEUS que foi inaugurado e cresce no mundo, e, "enquanto vai crescendo, suspira pelo Reino consumado". "O mistério da Igreja manifesta-se na sua fundação. Com efeito, o Senhor Jesus fez nascer a sua Igreja pregando a boa nova, o acontecimento do Reino de Deus prometido nas Escrituras: completaram-se os tempos, o Reino de Deus está entre vós (Mc 1,15; Mt 4,17). Esse Reino brilha aos olhos de todos os homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo... Entretanto, antes de tudo o Reino de Deus se manifesta na pessoa mesma de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio para servir e dar sua vida em troca de uma grande multidão (Mc 10,45)... Também a Igreja, adornada com os dons de seu divino Fundador, e aplicando-se em guardar seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar o Reino de Cristo e de Deus e de instaurá-lo em todas as nações, formando o germe e o início desse Reino sobre a terra."
1. Esse trecho está dizendo que o REINO DE DEUS na terra se manifesta na PALAVRA, nas OBRAS e na PRESENÇA de Cristo, ou seja, na AÇÃO de Cristo, naquilo que Cristo fez, na missão que realizou. Mas acrescenta em seguida, que antes de tudo esse reino se manifesta na PESSOA mesma de Cristo, Filho de Deus (= realidade divina) e Filho do Homem (= realidade humana). O PLANO DE SALVAÇÃO, ou o



REINO DE DEUS na terra, é o mesmo Cristo Jesus, e ele o é por aquilo que fez, por sua AÇÃO, mas principalmente o é pelo seu SER humano-divino, teândrico. Deus um dia arquitetou esse plano: seu Filho o realizou e o Espírito o comunicou. Esse PLANO é o próprio Verbo de Deus, o Filho de Deus que se fez Filho do Homem. Duns Scoto diz que esse PLANO constituiu a razão de ser não só da Redenção, mas também da Criação. O pecado de Adão simplesmente transformou esse PLANO DE SALVAÇÃO-CONSAGRADORA, em PLANO DE SALVAÇÃO-REDENTORA. O texto da "Lumen Gentium prescinde dessa posição teológica.

72. E a Igreja? O mesmo texto diz que a Igreja é esse mesmo PLANO, esse mesmo REINO, ou o próprio CRISTO que se prolonga, que sempre mais se instaura no mundo. E isto a Igreja o é pelo ser e pela ação. Pela ação, porque anundi a Cristo e seu Reino e o INSTAURA no mundo. Pelo ser, porque é o GERME e o INÍCIO desse Reino sobre a terra, Cristo e seu Reino que já começou, mas não terminou, porque se desenvolve ainda, cresce como a vida dentro da semente, como o fermento dentro da massa, como a luz que entra nas trevas e as afugenta.
73. Então a Igreja não é uma realidade autônoma, situada entre o mundo e o Reino. Ela é elo de ligação entre o mundo e o Reino totalmente realizado na glória. E' o Reino de Deus que entra no mundo (= Parousia - Semeadura), que se manifesta no mundo, que começa a existir no mundo. Ou então, apresentando o mesmo mistério noutra visual, a Igreja é o mundo que já começa a se projetar no Reino, e que, portanto, já se projeta na glória, no futuro (= Escatologia - Colheita). E' aquela parte do mundo que já aceitou o Reino, é a porção de massa que já se deixou fermentar, consagrar, cristificar, divinizar, aquela parte de qualquer realidade mundana em você, portanto, que não se rege mais só pelas leis da carne e do sangue, mas pelas leis do Evangelho, da vontade do Pai que está nos céus.
74. Cristo é o Reino de Deus pelo ser e pela ação. A Igreja é o prolongamento de Cristo, pelo ser e pela ação. Dessa maneira de entender a Igreja decorrem duas consequências:

O MISTÉRIO DA IGREJA

SEMEADURA

O reino se manifesta no mundo

PAROUSIA

MUNDO

IGREJA

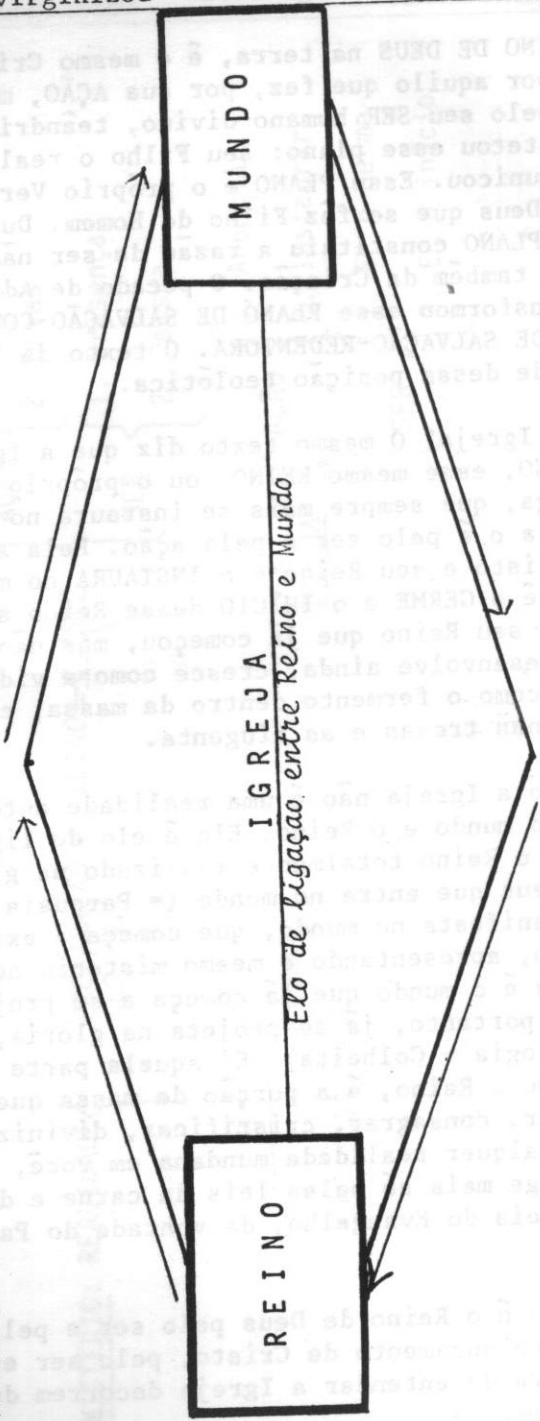
Elo de ligação entre Reino e Mundo

REINO

COLHEITA

O mundo evolui para o Reino

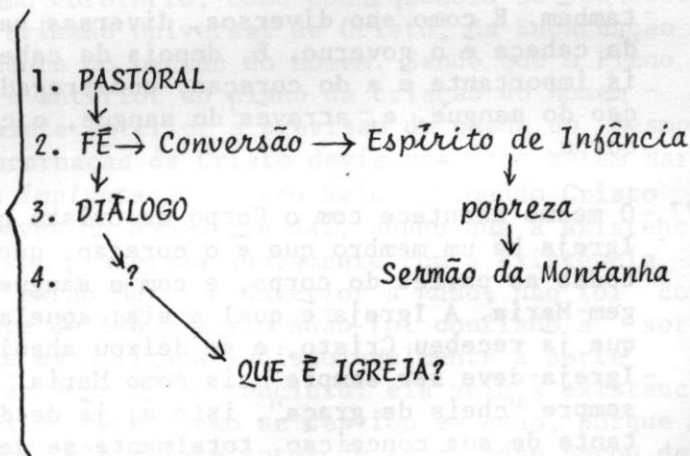
ESCATOLOGIA



A primeira é esta: na noção mesma de Igreja está contido o conceito "mundo". Não o mundo do pecado, o mundo que só se rege pelas leis da carne e do sangue, mas o mundo enquanto obra de Deus, remido pelo sangue de Cristo. Em segundo lugar, dessa noção de Igreja conclui-se que a Igreja é uma realidade ainda imperfeita, realidade em devir, dinâmica, cuja natureza própria é crescer, até que o Reino de Deus penetre totalmente o mundo, e desse modo "Deus seja tudo em todos" e "tudo seja consumado na unidade".

75. A Igreja somos nós! E' a Esposa que o Pai preparou para dá-la a seu Filho em casamento. Essa Esposa ele a resgatou da prostituição em que havia caído. Agora ele ainda a está virginizando, a está preparando para as núpcias eternas, está tornando-a bela, sem mancha, santa, imaculada, purificação essa que se realiza pelo derramamento do sangue de Cristo e prossegue pela aplicação desse mesmo sangue derramado, mediante os sacramentos e outros meios que favorecem o crescimento da graça.

PASSOS
DA
RENOVAÇÃO
CONCILIAR



O "GRANDE SINAL" QUE DEUS PÔS NO CÉU

76. O Plano de Salvação, isto é, o REINO DE DEUS na terra não é um engenho mecânico, mas um organismo vivo, um "Corpo Místico" do qual Cristo é a cabeça e todos aqueles que o recebem e "guardam seus preceitos de caridade, de humildade e abnegação" são membros. Assim como o corpo é um, mas tem membros diversos, assim é Cristo, e a Igreja também. E como são diversos, diversas são as funções. A da cabeça é o governo. E, depois da cabeça, a função mais importante é a do coração, encarregado da distribuição do sangue, e, através do sangue, o calor para todo o corpo.
77. O mesmo acontece com o Corpo de Cristo que é a Igreja. Na Igreja há um membro que é o coração, que manda sangue a todas as partes do corpo, e com o sangue, calor: é a Virgem Maria. A Igreja é qual a ela: aquela porção do mundo que já recebeu Cristo, e se deixou absolver por Cristo. A Igreja deve ser sempre mais como Maria, porque ela foi sempre "cheia de graça", isto é, já desde o primeiro instante de sua concepção, totalmente se deixou absolver, invadir por Cristo. Tudo em seu ser, desde o primeiro instante de sua concepção, está totalmente sob o domínio de Jesus Cristo, isto é, nela, a realidade "mundo", desde o primeiro instante de sua concepção, já pertence inteiramente, integralmente ao Reino de Deus. Ela foi sempre, exclusivamente um ser escatológico, no qual nunca tiveram lugar as leis da carne e do sangue, mas unicamente as leis do Reino.

78. Na Bula "Ineffabilis Deus", o Papa Pio IX traça em algumas palavras toda a base teológica do mistério de Maria: "Deus estabeleceu num só e mesmo decreto a origem da Virgem Maria e a Encarnação do Verbo". Em outras passagens da mesma Bula, Pio IX diz que Maria foi unida a Cristo com vínculo estreitíssimo e indissolúvel, constituída por Deus Rainha do céu e da terra, exaltada acima de todos os coros dos anjos e dos santos.
79. Que significa para Maria o ter sido predestinada no mesmo e único decreto juntamente com Cristo? Numa visual teologia scotista - segundo a qual a Encarnação de Cristo foi a primeira obra intencionada por Deus no plano da criação e da salvação, independentemente da previsão da queda do homem - significa que Deus quis o universo e o homem, não só por causa de Cristo, mas também por causa de Maria.
80. Foi Duns Scoto quem pela primeira vez na Igreja defendeu a tese da Conceição Imaculada de Maria. Era uma tese que decorria como corolário, como consequência de sua doutrina sobre o Primado Universal de Cristo, da Encarnação como independente do pecado do homem. Sendo que o Plano da Encarnação é anterior ao plano da criação do homem - e por conseguinte anterior à previsão da queda do mesmo - e como a Encarnação de Cristo devia realizar-se em Maria (= porque a implantação do seu Reino no mundo Cristo só realiza através do homem), e daí, sendo que a existência dela devia ser planejada juntamente com a existência do Homem-Deus, então Maria é anterior a Adão, não foi confiada à sorte de Adão, e sim Adão foi confiado à sorte de Maria que está ligada indissolúvelmente à sorte de Cristo. Então Duns Scoto concluiu: ela veio à existência sem a mancha do pecado, não se desviou em Adão, porque no plano de Deus, ela existe antes de Adão. Adão pecou, desviou-se da retidão, e Cristo foi buscá-lo em seu caminho de injustiça, fazendo-se redentor. Sendo que ela está ligada indissolúvelmente ao destino do Filho, fez-se também redentora, co-redentora, e esteve com ele no dia do Calvário, em pé, debaixo da cruz, sofrendo no coração, assumindo em sua mesma carne a dor redentora do Filho. Por isso na Igreja ela é honrada com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro e Medianeira, sem tirar nada e sem

nada acrescentar à mediação única do Redentor (Cfr. Lumen Gentium, 62).

81. Este foi o nêrvo da argumentação de Duns Scoto em defesa da tese da Imaculada, na Universidade de Paris, perante a qual fôra citado, a fim de responder pelas "doutrinas novas" que pregava sobre a Virgem Maria. À objeção dos que negavam o privilégio da Imaculada, porque segundo a Escritura "todos pecaram em Adão", Scoto respondeu que também segundo as Escrituras "todos os homens pereceram no dilúvio", e no entanto, embora a Escritura diga que "todos pereceram", contudo afirma também que Noé e sua família não pereceu. Sua argumentação concluía-se num silogismo feito de três palavras: "Potuit, Decuit, ergo Fecit", isto é, "Deus pôde, era conveniente, e por isso o fez".
82. Ao lado do Homem-Deus, a Virgem Mãe de Deus foi outro grande prodígio da Sabedoria do Altíssimo. São João no Apocalipse, fala desse grande prodígio ou "sinal" que apareceu no céu: "Apareceu no céu um GRANDE SINAL: uma mulher vestida de sol, e a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça... E houve no céu uma grande batalha: Miguel e seus anjos pelejavam contra o dragão, e o dragão com seus anjos pelejavam contra ele; porém, estes não prevaleceram, e o seu lugar não se achou mais no céu. E foi precipitado aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama demônio e satanás, que seduz todo o mundo... E o dragão, depois que se viu precipitado na terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz um filho varão; mas foram dadas à mulher duas asas a fim de voar para o deserto, ao lugar do seu retiro, onde é sustentada... fora da presença da serpente. E a serpente lançou de sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para fazer que ela fosse arrebatada pela corrente. Porém, a terra ajudou a mulher, e a terra abriu a sua boca e enguliu o rio que o dragão tinha vomitado de sua boca. E o dragão irou-se contra a mulher; e foi fazer guerra aos outros seus filhos que guardam os mandamentos de Deus e retêm a confissão de Jesus Cristo" (Apoc. 12,1-17).

83. Maria é o GRANDE SINAL no céu: verdadeiramente Mãe de Deus, e, ao mesmo tempo, verdadeiramente Filha e Esposa de Deus. Filha de Deus Pai, porque perfeitamente cristificada, dominada por Cristo, o Unigênito de Deus, transformada em Cristo pela graça. Mãe de Deus Filho, porque lhe deu carne humana, fazendo-o então Filho do Homem, nutrido-o com leite humano, e ainda continua a dá-lo à luz, de maneira mística, em você. E Esposa do Espírito Santo, pois o Cristo ela concebeu não de um varão humano, mas por obra do Espírito Santo: "O Espírito Santo descerá sobre ti e te cobrirá com sua sombra, e então o Santo que há de nascer de ti será chamado Filho do Altíssimo" (Lc 1,35).
84. "Salve, Senhora Santa, Rainha Santíssima, Mãe de Deus, Maria, que sois Virgem perpétua, escolhida pelo Santíssimo Pai do céu, o qual vos consagrou com seu dileto Filho e o Espírito Consolador. Em vós residiu e reside toda a plenitude da graça, e todo o bem. Salve, ó Palácio do Senhor! Salve, ó tabernáculo do Senhor! Salve, ó morada do Senhor. Salve, ó Manto do Senhor! Salve, ó Serva do Senhor!" Francisco de Assis, que compôs essa laude à Santíssima Virgem Maria, viveu essa mística daquela que "foi consagrada pelo Pai juntamente com seu Dileto Filho. Scoto distilou essa experiência mística em afirmações Teológicas. Pio IX, em 1854, proclamou o Dogma da Imaculada. A Igreja crê!

O MODELO FEMININO DE SUA VIDA

85. Quando pensamos nessas palavras "Imaculada Conceição" ou "Virgindade Perpétua" de Maria, geralmente ficamos sô pelo seu conteúdo negativo: ausência de pecado, ausência de qualquer culpa, ausência de violação da virgindade física. Por certo essas palavras significam tudo isso, mas em sentido positivo, "Imaculada" e "Virgindade" significam algo bem mais profundo. Significam que Maria foi a única criatura que, desde o início de sua existência esteve perfeitamente cristificada, pertenceu exclusivamente ao Reino, viveu exclusivamente sô de acordo com as leis do Reino, nela jamais tiveram valor as leis da carne e do sangue. Em momento algum de sua existência houve nela algo que não pertencesse de maneira completa a Cristo ao Reino de Deus.

86. Deus pouco revelou sobre sua Mãe, e por isso, em certo sentido, o mistério de Maria nos é ainda mais oculto que o próprio mistério de Deus, porque a revelação, a respeito do mistério de Deus, disse muita coisa traduzível em conceitos humanos, mas de sua Mãe, Deus disse na Escritura apenas uma coisa importante, e essa nós não podemos entender na plenitude de seu significado.

87. De sua Mãe Deus disse apenas que ela era "cheia de graça", isto é, absolutamente repleta da mais perfeita santidade criada. Nós não sabemos, por um conceito positivo o que isso significa. A essa nossa impossibilidade par

entender o mistério de Maria alude o Papa Pio IX na Bula "Ineffabilis Deus" quando diz: "Maria foi cumulada de tal plenitude de inocência e de santidade que, depois de Deus, não é possível conceber uma maior, nem mente alguma fora de Deus, pode compreender em que plenitude ela foi cumulada de graça". Você não pode entender em que plenitude ela foi cheia de graça.

88. Você só entende isso por um conceito negativo: ninguém, depois de Deus, é mais santo que ela; Deus lhe comunicou em tal medida sua vida trinitária, que esgotou todas as possibilidades de uma criatura receber; Deus não lhe deu mais, não a tornou mais plena, porque não era possível a uma criatura receber mais e permanecer criatura, isto é, um ser limitado ontologicamente. Para poder receber mais, deveria ela deixar de ser criatura, isto é, deveria deixar de ser ela. Então não seria mais "cheia" de graça.
89. Isso que acabei de dizer é o que queremos significar quando usamos essas palavras "Imaculada" e "Virgem". "Imaculada" quer dizer "isenta de mácula". Mas esse é o aspecto negativo do conceito. Também é o que queremos significar quando dizemos que ela é "Virgem Perpétua". Por certo, quando usamos essa palavra, queremos falar de virgindade também em sentido material, corpóreo, físico. Mas isso é apenas um aspecto do mistério da virgindade de Maria. Ou melhor, uma consequência desse mistério. Em sentido mais profundo, virgindade é abertura para Cristo. Processo de virginição é o mesmo que processo de cristificação. Todo o cristão que recebeu a graça no batismo, essa graça, nele, é um processo de virginição. A virgindade de Maria, na profundidade de seu mistério significa isso, como o é também o significado de sua imaculada conceição: criatura inteiramente cristificada! Criatura para a qual Deus foi sempre, exclusivamente, o único Amor, desde o primeiro instante de sua existência!
90. Por que Deus a quis assim tão grande? Por muitas razões, sem dúvida, e que não conhecemos bem, porque não somos capazes de sondar as profundezas do amor de Deus. Mas uma razão, certamente, foi essa: porque Deus conhece a psicologia do homem!

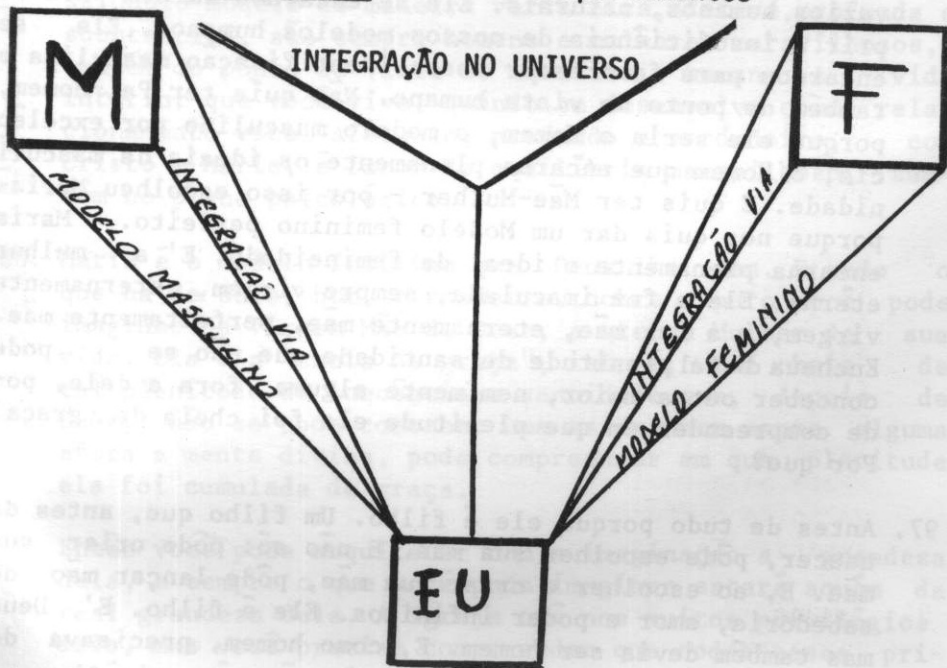
91. O comportamento humano, em última análise, depende de uma imagem ideal que temos no inconsciente, elaborada ao longo da infância e da adolescência por duplo processo de identificação: identificação com modelo masculino e identificação com modelo feminino. Esses modelos são representados principalmente pelo pai e pela mãe, mas também todas as demais pessoas com as quais, ao longo da infância e adolescência, estabelecemos relacionamento afetivo de simpatia ou antipatia, atração ou repulsa.
92. Essa dupla identificação é tudo na explicação do comportamento humano. O ideal seria que todo o homem e toda a mulher se identificasse prevalentemente com modelos de seu sexo, e em certa dose, com modelos do outro sexo. Esse seria o ideal. Mas esse ideal, por dois motivos, é dificilmente - na prática impossível - de ser atingido. Primeiro por causa dos próprios modelos: porque não existe homem plenamente masculino e não existe mulher plenamente feminina. Todo o homem, em alguma coisa, é sempre deficiente na encarnação do ideal da masculinidade. E toda a mulher, em alguma coisa, é sempre deficiente na encarnação do ideal da femineidade. Em segundo lugar, a deficiência provém de certa tendência inata em nós, uma disposição profunda de nossa natureza pela qual todo o menino tende a se fixar no modelo feminino e a rejeitar o próprio, e toda a menina tende a se fixar no modelo masculino e a rejeitar o modelo feminino. Essa tendência é chamado "complexo de Édipo".
93. É claro que a realização dessa tendência vai depender da maneira como, ao longo da idade evolutiva, os modelos de ambos os sexos irão entrar no ânimo da criança ou do adolescente. A tendência pode ser favorecida ou contrariada, ou permanecer neutra de maneira muito multiforme, nesta ou naquela fase da infância ou adolescência, em relação a esta ou aquela pessoa deste ou daquele modelo, neste ou naquele sistema de integração da pessoa no universo. A história pessoal de cada indivíduo é que irá de terminar as particularidades de cada comportamento.
94. Sempre que o menino ou a menina, na identificação com o duplo modelo, encontra neles, nesta ou naquela idade, neste ou naquele setor da vida, qualquer desajuste, isso de

"MINHA MAIS BELA INVENÇÃO É MINHA MÃE"

1. Cristo não quis ter PAI-HOMEM
2. Cristo poderia ter tido também PAI-HOMEM
3. Cristo poderia não ter tido nem PAI-HOMEM e nem MÃE-MULHER!



PERSONALIDADE: Soma de comportamentos



terminará a formação de desequilíbrios, traumas de comportamento que poderão ser tão numerosos quanto maior ou menor for o desajuste da dupla identificação. Compreende-se que, entre os humanos, não existem modelos perfeitos, e Deus, que fez nossa psicologia, ou melhor, que criou as leis de nossa psicologia humana, providenciou para que tivéssemos duplo modelo perfeito na ordem sobrenatural, uma vez que na ordem natural, devido o pecado, carecemos praticamente dos mesmos.

95. Para encarnar-se Cristo não quis ter Pai-Homem, mas quis ter Mãe-Mulher. Poderia ter tido também Pai-Homem, se o quisesse, mas não o quis ter. E poderia também ter dis pensado a ambos: poderia vir ao mundo de alguma outra forma, encarnar-se sem ter Pai-Homem e nem Mãe-Mulher, aparecendo "misteriosamente" no cenário da história humana, como Melquisedec que era "sem pai nem mãe, sem genealogia, sem princípio de dias, sem fim de vida" (Hebr, 7,3). Cristo só quis ter Mãe-Mulher! Por que?
96. Ele se encarnou também para encher os espaços de nossos vazios humanos, naturais. Ele se encarnou também para su prir a insuficiência de nossos modelos humanos. Ele se encarnou para favorecer nossa identificação masculina e também do ponto de vista humano. Não quis ter Pai-Homem, porque ele seria o Homem, o modelo masculino por excelência, o Homem que encarna plenamente os ideais da masculinidade. E quis ter Mãe-Mulher - por isso escolheu Maria porque nos quis dar um Modelo feminino perfeito. Maria encarna plenamente o ideal da femineidade. E' a mulher eterna. Ele a fez imaculada, sempre virgem, eternamente virgem, e a fez mãe, eternamente mãe, perfeitamente mãe. Encheu de tal plenitude de santidade que não se pode conceber outra maior, nem mente alguma, fora a dele, pode compreender em que plenitude ela foi cheia de graça! Por que?
97. Antes de tudo porque ele é filho. Um filho que, antes de nascer, pôde escolher sua mãe. E não só: pôde criar sua mãe. E, ao escolher e criar sua mãe, pôde lançar mão de sabedoria, amor e poder infinitos. Ele é filho. E' Deus mas também devia ser homem. E, como homem, precisava de

uma natureza, um psiquismo, uma estrutura de consciência, sub-consciência e inconsciência que, de ponto de vista humano, não oferecesse qualquer resistência à união hipostática com a natureza do Verbo de Deus. A sensibilidade humana de Cristo precisava ser integral, completa, plena, perfeita. Por isso precisava de uma Mãe que fosse completamente feminina, perfeitamente feminina, que encarnasse realmente em si, de maneira sublime, todos os ideais da femineidade. Ele precisava identificar-se perfeitamente com esse modelo feminino.

98. Em segundo lugar ele a fez assim também por nós: para dar-nos um modelo feminino perfeito, como ele se constituiria em modelo masculino perfeito, e assim encher os vazios que, em nós, estão abertos pelas insuficiências de nossos modelos humanos.
99. Depois que ele se encarnou no seio da Virgem-Mãe, os homens e as mulheres que se identificam com Cristo e Maria, que, desde a infância aprenderam a se relacionar com esse duplo modelo de maneira verdadeira, afetiva, profunda e substancial, são sempre homens e mulheres maravilhosos, também do ponto de vista de equilíbrio humano. A vida interior que você vive, quando se desenvolve como relacionamento vital afetivo, profundo e verdadeiro, com Cristo e Maria, é fator de equilíbrio maravilhoso, também no plano psicológico.
100. Maria é o modelo feminino que Deus lhe deu. E tudo o que há de belo, bom, verdadeiro, nobre e puro você pode imaginar na Virgem Mãe de Deus, a eterna Mulher de sua vida. Ela é a "cheia de graça", isto é, foi cheia de tal plenitude de inocência e santidade que, depois de Deus, não se pode conceber uma maior, nem mente alguma, afora a mente divina, pode compreender em que plenitude ela foi cumulada de graça.
101. Então você pode arquitetar com a imaginação a grandeza dela, e sempre o que você pode imaginar estará aquém da real grandeza dela. A Igreja crê nos muitos privilégios dela, mas você precisa compreender que todos esses privilégios não são ainda todos os seus privilégios. A Igreja crê que ela é verdadeiramente Mãe de Deus, e que,

como consequência imediata dessa maternidade, ela é verdadeiramente Mãe da Igreja, Mãe do Corpo Místico de Cristo, coração desse corpo, cuja função é distribuir o sangue, providenciar calor necessário à vida de seus membros. Assim como o Filho de Deus uniu-se à natureza humana no seio físico de Maria, assim também Cristo quer que toda a vida sobrenatural lhe seja comunicada no seio místico de sua mãe física. A vida de Deus que está em você pela graça, você a recebeu dela. Coração sua vida, Maria é sua alegria serena. Sem ela sua vida interior será fria. Sem ela a Igreja seria fria. Quem manda sangue é o coração. E onde vai sangue, vai calor. Ela é o coração da Igreja, coração de sua vida.

102. Quando você se recolhe à solidão para ouvir Deus falar-lhe suavemente ao coração, você precisa crer que ela, - Maria - possui o segredo desse ingresso no silêncio. Você entra na solidão só quando ela se aproxima de você, e faz você participar de sua santidade e de seu silêncio. Entre todos os santos ela é em tudo incomparável. Ela possui a santidade de todos os santos, mas não se assemelha a nenhum deles. Nela está a sabedoria e a pobreza de todos os santos. A santidade de todos os santos outra coisa não é senão uma participação na santidade dela. Você pode falar de seus privilégios, como se lhe fosse dado traduzi-los em linguagem humana. Você pode chamá-la "rainha", como se você compreendesse o que significa ter um trono acima dos anjos. Mas você não deve nunca esquecer que seu maior privilégio é a pobreza, sua mais alta glória é a de estar escondida, e a fonte de todo o seu poder vem do fato de ela ser como que um nada diante de Deus. De todos os santos ela é a mais perfeitamente pobre, a única que não tem absolutamente nada a que ouse chamar seu: tudo, nela, pertence exclusivamente a Cristo, está perfeitamente sob o domínio de Jesus Cristo, desde o primeiro instante de sua existência. Ela é Medianeira de todas as graças porque é a única diante de Deus que não tem nada a que ouse chamar seu. E, na medida em que você se ocultar lá onde ela está oculta, e você fôr, de igual modo, perfeitamente pobre, você também irradiará com ela a mesma graça da qual Cristo é o único Mediador.

103. Você deve amã-la e conhecê-la, porque é sô nela que o conhecimento de Cristo se faz experiência. Você não conhece Cristo se não o experimenta. Amando-a, você nada usurpa ao amor que deve a Cristo. Pelo contrário, para amar Cristo você precisa amar Maria. Porque Cristo não pode ser amado senão com o coração dela. Ela é a guarda do amor a Cristo. Sem ela o conhecimento de Cristo é pura especulação: em Maria esse conhecimento se faz amor, experiência, porque toda a humildade e a pobreza, sem os quais Cristo não pode ser conhecido, pertencem a ela tão somente.

104. A missão de Maria consiste em formar Jesus em você, nutrir Jesus em você, fazer Jesus crescer em você. Jesus entrou em você, forma-se em você, nutre-se em você, cresce em você, para viver plenamente em você: foi por ela e nela que isso se deu e continua a dar-se. Por isso ela é a alegria serena de sua vocação, como são serenas as águas tranquilas de um lago, em tardes de primavera, quando nem o mais leve sopro de vento ousa encrespar-lhe a superfície.

105. Venho somente para te olhar, ô Mãe! Olhar e chorar de alegria por saber que sou teu filho, e que estás aí!... Estar contigo, Maria, aí onde estás... nada dizer, olhar tua face, e deixar o coração falar na sua própria linguagem!

A MATURIDADE QUE VOCÊ DESCOBRE EM CRISTO

106. Cristo é a razão de ser de sua vida! Só ele é essencial para você: tudo o mais, rigorosamente falando, é secundário! Tudo! O céu, para você, será viver em Cristo, por Cristo e para Cristo. Você existe por ele e para ele. Deus quis você na existência porque quis Cristo. Sem Cristo você é um absurdo. Ou você se abre para Cristo e se deixa "Cristificar", ou você se frustra.
107. O Pai quis dar a seu Filho uma Esposa em casamento. Então inventou a existência que você vive. Quis ver seu Filho expresso em você, multiplicado nas criaturas, vivendo em você, absorvendo você sem despersonalizá-lo, sendo você. Então você não foi criado para ser simplesmente homem, mas para ser Cristo, para ser divinizado. Se cuida apenas em ser homem, então você já não é mais homem, você se frustra. Você foi criado para a divinização! O natural, em você, existe em vista do sobrenatural. A Criação existe em vista da Encarnação.
108. Este é um mistério oculto, o mistério que São Paulo descreve assim: "E" a sabedoria (= a realização de si) que nós pregamos... não, porém, uma sabedoria deste século, mas pregamos a sabedoria de Deus no mistério em que está encoberta, e que Deus destinou antes dos séculos para a nossa alegria... Como está escrito: nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam. A nós, porém, Deus revelou por meio do Seu Espírito

MATURIDADE ———

RELAÇÕES ———



1 - A MATURIDADE CRISTÃ SUPÕE MATURIDADE HUMANA

PERSONALIDADE HUMANA RICA:

- DOTES FÍSICOS
- DOTES DO SENTIMENTO
- DOTES DA INTELIGENCIA
- DOTES DA VONTADE

2 - A MATURIDADE CRISTÃ SUPERA A MATURIDADE HUMANA

3 - SÓ A MATURIDADE CRISTÃ TORNA POSSÍVEL A MATURIDADE HUMANA

porque o Espírito tudo penetra, até as profundezas de Deus" (1 Cor. 2,7-12).

109. O Salmo 81 fala desse destino de sua vida quando diz: "Eu disse: vós sois deuses, e todos sois filhos do Altíssimo" (Sl 81). Santo Agostinho comenta essas palavras e diz: "Deus manda que você não seja apenas homem, mas deus... e você foi chamado a ser deus por aquele que por sua causa se fez homem. Que você não se admire com o fato de ter sido divinizado. Admire-se mais com o fato de se ter ele humanizado".
170. Então o fim ou o sentido de sua existência não consiste em apenas cultivar suas qualidades humanas, aperfeiçoando-as plenamente, desenvolvendo-as integralmente, mas em última análise consiste em receber no próprio núcleo onde brota seu ser, aquele germe de cristificação que é a vida deiforme, e secundar constantemente o crescimento desse germe para que sempre mais Cristo viva em você, e sempre mais você se deixe assimilar por ele. Suas qualidades humanas não têm valor fechado em si, mas valor aberto: existem em você, foram dadas a você como pincel que deve servir nas mãos de Deus para delinear em você os traços da fisionomia de Cristo. Mesmo aquilo que há de mais exterior em você - como sua fisionomia, o brilho de seu olhar, a tonalidade de sua voz, o calor de seu temperamento - está em você para servir à expressão de Cristo em sua vida.
111. Maturidade humana, como valor fechado em si, é pura abstração: possível nos livros de psicologia, mas impossível na sua carne. O que é decisivo para você é a maturidade-para-Cristo. Você pode falar em maturidade humana. Aliás, você deve levar muito a sério a maturidade humana. Mas você precisa cuidar para não desvinculá-la da maturidade-para-Cristo. São dois setores de sua personalidade que formam um só setor: não dois, um ao lado do outro, justapostos, mas dois, um no outro, um assimilado pelo outro, num todo orgânico, formando na realidade uma só maturidade.
112. Há três princípios, cada qual com suas consequências práticas, para estabelecer as devidas relações entre u-

ma e outra maturidade. O primeiro princípio estabelece assim: A MATURIDADE-PARA-CRISTO SUPÕE EM VOCÊ A MATURIDADE HUMANA! Quer dizer que se você negligencia o aspecto humano de sua maturidade, você está opondo um óbice ao crescimento de Cristo em você. Seu amor a Cristo, então, estimula e impele você a levar a sério o cultivo de seus dotes humanos, formando uma personalidade humana rica, dotadas de muitas qualidades, unificadas numa totalidade harmônica. Os dotes de sua personalidade são os dotes do CORPO e os dotes do ESPÍRITO, os dotes do SENTIMENTO, os dotes da INTELIGÊNCIA e os da VONTADE. Os dotes do corpo são: a saúde, a força, a agilidade física, a resistência no trabalho, a apresentação exterior. Os dotes do sentimento são a amabilidade, a doçura, a gentileza sincera, a espontaneidade, o entusiasmo, o otimismo, a alegria. Os dotes da inteligência são o saber falar, o saber exprimir as próprias idéias, a arte de influir nos outros pelas idéias, de manejar os temperamentos, saber decidir-se de modo inteligente, saber julgar com objetividade pessoas e coisas, dominar a introversão etc. Os dotes da vontade são a energia, a constância, a coragem, a firmeza nas decisões, a ordem a precisão, a pontualidade, a fidelidade à palavra dada, a lealdade, a sinceridade, a franqueza, a fidelidade, a dignidade, a generosidade, o altruísmo, a autenticidade, o saber ouvir, tolerar, ver, etc. Tudo isso você precisa cultivar: é o aspecto humano de sua personalidade. Sua maturidade-para-Cristo supõe essa maturidade humana: negligenciando-a, você opõe resistência à maturidade de Cristo em você.

113. O segundo princípio estabelece assim: A MATURIDADE-PARA-CRISTO SUPERA A MATURIDADE HUMANA! O alcance prático desse princípio é o seguinte: Depois que você desenvolve seu esforço de crescimento humano e repara suas negligências neste esforço, então sua abertura para Cristo realiza aquilo que seu esforço não conseguiu realizar devido os traumas de seu corpo ou de seu psiquismo. Essa realização não será necessariamente na mesma linha, isto é, neste ou naquele particular, mas na linha do "todo" de sua personalidade. O amor de Cristo enche também seus vazios humanos, enche também os espaços de suas limitações humanas. O cristianismo realiza um huma-

nismo que o homem não pode realizar só com suas forças humanas.

114. Finalmente, o terceiro princípio estabelece assim: Só a maturidade-para-Cristo possibilita a maturidade humana. Porque você foi criado para a cristificação, e Tudo o que há de natural em você só tem razão de ser em função do sobrenatural, e, portanto, só o sobrenatural realiza você no plano natural. Certa maturidade humana poderá ser possível sem maturidade-para-Cristo, mas se trata de "certa maturidade", ou "aparência de maturidade", que abrange só uma ou outra esfera da personalidade, mas não a personalidade total, em todas as suas dimensões, desde as mais profundas até as mais periféricas, todas as dimensões em sentido horizontal, e todas em sentido vertical.

DEUS CRISTIFICA VOCÊ

115. Você foi criado para viver a vida que Deus vive, e vi vê-la em você, possuída por você, com suas faculdades humanas. A vida que Deus vive é a vida trinitária, vida que pulsa no conhecimento pelo qual Deus se contempla a si mesmo no seu Verbo, e no amor pelo qual, amando-se infinitamente no seu Verbo, inspira o Espírito de Amor, pelo qual, num gozo infinito, gozo de si mesmo.
116. Você existe, então, para Ver Deus em Deus, como Deus se vê a si mesmo, e a tudo o mais também em Deus. Então Deus intervém na sua inteligência, diviniza-a, para tornar você capaz de conhecer assim por um conhecimento vital que é de ordem divina, mas que se faz ato de sua inteligência enquanto humana. E intervém também no seu coração, diviniza-o, para tornar você capaz de amar Deus unicamente por amor dele, e tudo o mais nele, preparando assim você para tornar parte na sua inefável felicidade divina.
117. A Escritura, a essa intervenção divina em você, dá o nome de "salvação da alma": sua alma salva-se do corpo, e seu corpo salva-se do peso e das limitações da matéria. E a vida que assim você passa a viver, chama-se "vida" deiforme", ou "cristificada": sua vida humana passa a ser vivida por Deus, possuída por Deus, e a vida de Deus passa a ser vivida por você, possuída por você, seus atos tornam-se atos, seus atos ficam sendo atos de Deus. Isso tudo é dom de liberalidade pura, dom absolutamente

A VIDA DE DEUS EM MIM

- 1. É VIDA QUE SÔ DEUS VIVE EM MIM;
- 2. A VIDA QUE DEUS VIVE EM MIM, É MINHA;

SOBRENATURAL

- 1. RELATIVO - SUPERA AS FORÇAS DE CERTA NATUREZA.
- 2. ABSOLUTO - SUPERA AS FORÇAS DE QUALQUER NATUREZA CRIADA OU CRIÁVEL.

NÃO ENTRA NA CONSTITUIÇÃO
NÃO É EXIGENCIA
NÃO É CONSEQUENCIA

DA
NATUREZA
HUMANA

FILIAÇÃO

- 1. NATURAL: POR TRANSMISSÃO DA VIDA
- 2. ADOTIVA: POR INSERÇÃO NA VIDA

- 1. ONTOLÓGICA -
INSERÇÃO VITAL
(= INTRINSECA)
- 2. JURÍDICA - INSERÇÃO LEGAL
(= EXTRINSECA)

sobrenatural, porque supera a capacidade de vida de qualquer natureza criada ou criável. O Senhor Deus convida você a viver essa vida, mas este convite constitui a obrigação mais terrível que você tem. O quanto é terrível a obrigação de aceitar esse convite, consta pela parábola do Banquete Nupcial, que o Rei preparou para seu Filho (Mt 22,1-14). Os convidados são condenados por terem recusado o convite. Jesus também disse (Mc 16,15), enviando os discípulos ao mundo interior pregar o Evangelho do Reino, que quem não crer será condenado.

118. Qual recusa em aceitar o germe da cristificação é como a recusa em obedecer a um preceito da lei natural. Transgredir a lei segundo a qual você deve ser filho de Deus, outro Cristo, é o mesmo que transgredir a lei segundo a qual você deve ser homem. Por isso a moral cristã tem um horizonte diferente, e suas exigências tão facilmente entram em conflito com a moral dos sociólogos, dos psicólogos, dos antropólogos, dos biólogos, etc. Porque para a moral cristã, a norma do comportamento não é apenas a lei natural, mas a lei positiva divina. O comportamento humano é honesto não apenas enquanto está de acordo com a razão, mas na medida em que está de acordo com a salvação. A justiça não consiste simplesmente em ser irrepreensível diante da lei, mas em você se conformar com a vontade de Deus. Foi por isso que Santo Agostinho disse que as ações humanas que não servem à cristificação interior, são ações "vãs", vazias, absurdas.
119. A cristificação começa para você já nesta vida, pela assim chamada GRAÇA DE ADOÇÃO ou GRAÇA DE FILIAÇÃO ADOPTIVA que lhe é dada no batismo. Progressivamente Deus "tira você do poder das trevas e transfere você para o reino de sua luz". A esta vida para a qual você é chamado, a Escritura denomina "elevação do cativo": tirar das trevas e transferir para a luz (Col 1,13).
120. No prólogo de seu Evangelho São João diz que Deus, "aos que nasceram dele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1,12-13). E na sua primeira carta fala mais claramente deste mistério, e diz que "nós agora somos filhos de Deus, mas ainda não apareceu aquilo que seremos. Sabemos que, quando aparecer, seremos semelhan

tes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3, 2). Neste texto São João indica que existe um duplo estado sobrenatural na elevação do cativo: o primeiro realiza-se já. Agora você é filho de Deus, mas esta filiação é algo velado, oculto, contido como que numa semente, algo que você não pode perceber, e que se revela só aos olhos da fé. O outro estado terá início após o tempo de sua peregrinação terrestre, quando a semente que você traz em você, em todo o seu esplendor e claridade, germinar para a visão clara de Deus. Por isso São João conclui: "Sabemos que quando aparecer seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. Você já é, mas não aparece. Por enquanto não aparece. Um dia irá aparecer."

121. Em outro lugar o mesmo São João diz que esta adoção dignifica você intrinsecamente por uma nobreza divina, por que esta adoção outra coisa não é senão a mesma filiação natural de Cristo que é estendida para você, começa a ser vivida por você como sua vida, e por isso a glória de Cristo começa a viver em você, e é vivida por você como sua glória. Em outras palavras: você é enxertado na filiação amorosa do Verbo de Deus: "Eu dei-lhes glória que tu me deste, para que sejam um, assim como eu e tu somos um. Eu estou neles e tu estás em mim, para que sejam consumados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste, como amaste a mim também. Pai, eu quero que onde eu estou estejam também comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste. Eu fiz-lhes e far-lhes-ei conhecer o teu nome, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu também esteja neles" (Jo 17, 22-26).

122. Deus quer que você viva a vida que ele vive. Como é infável esse mistério! Ele faz isso preparando você desde já, pela graça de filiação adotiva, por esse "enxerto" que realiza de sua vida na filiação amorosa do Verbo. Essa filiação adotiva, ou esse "enxerto", consiste numa qualidade que Deus introduz no núcleo mesmo de seu ser, naquele núcleo de onde brota seu ser, e por isso essa

qualidade eleva você a um estado deiforme, cristifica você na raiz mesma onde seu ser haure sua realidade. Como essa qualidade "enxerta" você na filiação amorosa do Verbo, então você se torna realmente filho de Deus, como Jesus é filho de Deus. Jesus, porém, é Filho natural de Deus. Você é filho adotivo. Mas essa adoção não é como a adoção humana, simplesmente jurídica, extrínseca. É adoção ontológica, porque é feita mediante um "exerço" de sua vida na vida do Filho de Deus. Essa filiação é adotiva porque é criada, finita, ao passo que a filiação natural de Cristo é incriada e infinita. Como você poderia estar em você, mas não poderia ser vivida por você, por sua atividade humana. Sendo humano, finito, criado, você não pode viver como "sua" vida uma vida que é infinita e incriada. Por isso é adotiva essa filiação. Mas é adoção ontológica, real: é vida que entra em você gerada por Deus em você, porque Deus dá você a luz dessa vida, dá a você um novo ser, um ser deiforme, faz de você um homem novo. O mesmo ato pelo qual ele adota você, é o ato pelo qual dá você a luz de sua vida e ama você como filho.

123. Por essa graça de filiação adotiva, ou de cristificação realiza-se em você aquilo que diz São Pedro: a "participação na natureza divina": "Que a graça e a paz aumentem em vós cada vez mais pelo conhecimento de Deus e de Jesus Cristo nosso Senhor. Assim como seu divino poder nos deu todas as coisas que dizem respeito à vida e à piedade, por meio do conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória e virtude, as-im também por ele mesmo Deus nos deu tão grandes e preciosas promessas, a fim de que por elas vos torneis participantes da natureza divina, fugindo da corrupção da concupiscência que há no mundo" (2 Pedr. 1,2-4).
124. Dizer "filiação adotiva divina" e dizer "participação na natureza divina", é a mesma coisa, mas em plano diverso: cristificação no plano de ser (=filiação adotiva) e cristificação no plano do agir (= participação na natureza divina); vida deiforme no plano ontológico e vida deiforme no plano psicológico.

AS IDADES DA CRISTIFICAÇÃO

IDADE TERRENA	IDADE CELESTE
<p><u>SOU FILHO</u> NÃO APARECE (= NÃO SINTO) AQUILO QUE SOU AINDA <u>NÃO APARECEU</u> AQUILO QUE <u>SOMOS</u></p>	<p>SOU FILHO APARECE (= EXPERIMENTO) AQUILO QUE SOU QUANDO <u>APARECER</u>, <u>SEREMOS</u> SEMELHANTES A ELE, HAVEREMOS DE VÊ-LO COMO ELE É.</p>

PESSOA - Sujeito responsável pela ação - auto afirmação -
 (= Pro Se + Ad Alterum)

INDIVIDUO - Identifica-se sô pelo fato de se distinguir de
 qualquer outro sujeito.

SUBSTÂNCIA - Substrato que sustenta a ação do sujeito.

NATUREZA - Aquilo que no sujeito é fonte donde brotam as
 ações do mesmo.

V I D A D E I F O R M E

PLANO DO SER	PLANO DA AÇÃO
<p><u>GRAÇA HABITUAL</u> ↓ <u>NOVO NASCIMENTO</u> ↓ S. JOÃO</p>	<p><u>GRAÇA ATUAL</u> ↓ <u>NOVO COMPORTAMENTO</u> ↓ S. PAULO</p>

125. Esses conceitos filosóficos - substância, pessoa, natureza - se equivalem, mas designando aspectos diversos da mesma realidade. Digo "substancia" quando quero indicar o substrato da ação, o sujeito que age; digo "pessoa" quando quero indicar o sujeito responsável pela ação; e digo "natureza" quando quero indicar aquilo que, no sujeito, é próprio da natureza do homem, não dos animais. Porque no homem há um princípio que faz derivar "esse" tipo de ação.
126. Então, se você participa na natureza de Deus, quer dizer que você tem em você um princípio divino de ação, e esse princípio é seu, e essas ações deiformes por ele produzidas são suas. A cristificação que entra em você e progride em você, progressivamente leva você a amar como Deus ama, conhecer como Deus conhece, desejar como Deus deseja. Então você deverá ter os critérios de Deus, os gostos de Deus, os sentimentos de Deus, a filosofia de Deus. Por isso você é chamado filho de Deus, e você o é de fato: "Filhinhos, vede quanto amor o Pai teve para conosco, para que sejamos chamados filhos de Deus, e o sejamos de fato" (1 Jo 3,1).
127. Os teólogos gregos falam desse mistério usando os termos "deificação" e "divinização". São expressões felizes para designar a transformação que se realiza em você pela graça da cristificação. A teologia também emprega o termo "graça santificante", porque por essa vida nova você se torna santo com a santidade de Deus, você se torna sagrado com a sacralidade de Deus.
128. Primeiro o Verbo de Deus quis nascer do homem, para que depois você pudesse nascer de Deus. Você não deve admirar-se tanto por saber que o homem pode nascer de Deus. Mais admirável foi o fato de Deus ter nascido do homem. Esse dom excede todos os dons, porque nele Deus chama você de "filho", e você dá a Deus o nome de "Pai". São Pedro Crisólogo escreve: "Todas as coisas que são ditas ou feitas por Deus, são algo miraculoso que faz a nós, mortais, pasmar, e que os próprios céus fazem tremer. Mas não há nada que faça o céu tremer tanto e que faça a terra pasmar tanto do que isto que hoje estais ouvin-

do: Pai Nosso!... O escravo ousa chamar Pai ao Senhor, o réu ao juiz, aquele que perdeu até o que é terreno, torna-se herdeiro da divindade".

129. Se você tivesse fê, você olharia para o céu, você consideraria a terra, os homens, as coisas e as vicissitudes, dos tempos e você diria assim: Deus é meu Pai, isto basta! E depois uma luz estaria acesa em você, e lhe daria uma substância de vida. Essa constatação é capaz de compensar para lá de qualquer desejo todas as suas frustrações, e transformar em fato positivo tudo o que há de negativo em sua vida. Deus é meu Pai, isto basta! Basta para mim que Deus seja Deus.

127. Os teólogos gregos fazem deuses mistério usando os termos "divinidade" e "divindade". São expressões feitas para designar a transformação que se realiza em vez de uma coisa. A transformação, a teologia, a ciência, a vida e o termo "graça santificante" porque por essa vida nova você se torna santo com a santidade de Deus, se torna sagrado com a sacralidade de Deus.

128. Primeiro o Verbo de Deus para nascer do homem, para depois você poder nascer de Deus. Você não deve saber que se não for capaz que o homem pode nascer de Deus. Mas admirável foi o fato de Deus ter nascido do homem. Não são exatos todos os dons, porque nele Deus chama você de "filho". É você o filho de Deus e nome de Pai. São Pedro Crisólogo escreve: "Todas as coisas que são ditas ou feitas por Deus, são algo miraculosas que faz a nós, mortais, nascer, e que os próprios filhos de Deus, que nascem, não há nada que faça o céu tremeter tanto e que faça a terra gemer tanto de que fato que hoje está ouvindo".

O AMOR VIVE DENTRO DE VOCÊ

130. Deus se fez homem para divinizar você, isto é, para que você pudesse amá-lo como ele se ama. Fez-se homem para amar você com ternura humana. E divinizou você, para que você seja capaz de amá-lo com ternura divina. No momento da cristificação - que começa com o batismo - a teologia diz que em você aparecem duas coisas: a GRAÇA CRIADA e a GRAÇA INCRIADA. A graça criada é o "enxerto" de sua vida na filiação amorosa do Verbo, e esse "enxerto" é uma qualidade que modifica você internamente, e dá você à luz da vida deiforme, cristificada. A Graça incriada, em vez, é a mesma Trindade Santíssima, Pai, Filho e Espírito Santo, que começam a morar em você. Você fica sendo, então, o céu onde Deus habita. O céu onde Deus mora, por assim dizer, se transfere para dentro de você, assimila você.
131. A graça criada (= também se diz: graça de filiação adotiva, graça santificante, graça habitual) transforma você de tal maneira que você fica sendo filho gerado por Deus. É uma qualidade interna que transforma você. Não é como uma veste que cobre você por fora, deixando que, no interior, você permaneça como era antes, isto é, pecador. Esse foi o erro dos protestantes. Segundo eles a cristificação é apenas uma espécie de roupa que cobre seus pecados. Seus pecados, então, simplesmente não são mais levados em conta, mas ficam aí. Na realidade a cristificação não torna você justo, mas apenas faz com que você seja considerado ou tido como justo.

C R I S T I F I C A Ç Ã O

GRAÇA CRIADA

QUALIDADE

MODIFICAÇÃO INTERNA

SER DEIFORME

EXTENSÃO DA FILIAÇÃO AMOROSA
DO VERBO

DOCTRINA CATÓLICA - A graça destrói realmente o pecado, saturando a alma de justiça + santidade + inocência+

DOCTRINA PROTESTANTE - A graça simplesmente cobre os pecados. Esses a penas não são levados em conta. É essencial ao homem ser pecador.

GRAÇA INCRIADA

O Céu de Deus está em mim
DEUS TRINO

EXEMPLAR - Carbono vivo do conhecimento pelo qual Deus se conhece (= GERAÇÃO DO VERBO) e do amor pelo qual se ama (= INSPIRAÇÃO)

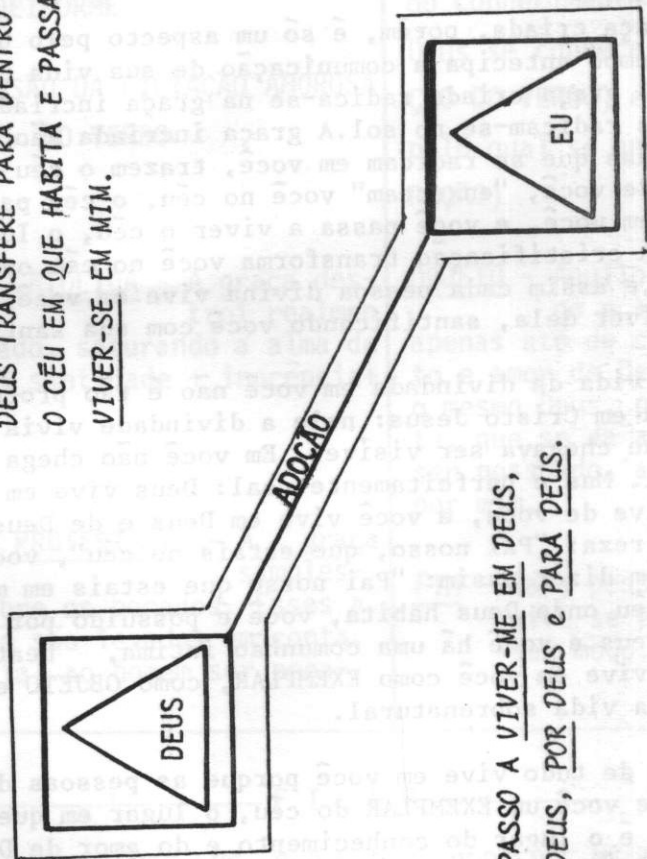
OBJETO - Aquilo que conhecido e amo não é apenas ato de conhecimento e amor de Deus, mas é o mesmo Deus, pessoalmente, que se dá a mim, para ser possuído, assimilado por mim.

FIM - Cada pessoa divina vive-se em mim a seu modo.

P A I ← ————— F I L H O ————— → P A I
F I L H O ← PERTENÇO-LHE — C O R P O — PERTENCE-ME → A M I G O
E S P I R I T O ← ————— T E M P L O ————— → A M O R

132. A doutrina católica diz que a graça que entra em você, modifica você de tal maneira, transforma você a tal ponto, que destrói realmente o pecado que está em você, entra em você arrazando com o pecado, saturando-o de justiça. Você fica sendo realmente justo, internamente justo, e não apenas considerado como se fosse justo. Essa justiça é justiça de Deus, mas de tal modo entra em você que fica sendo sua justiça, e por ela você se torna verdadeiramente filho de Deus. É' o novo nascimento. Novo homem. Nova criatura.
133. A graça criada, porém, é só um aspecto pelo qual Deus no tempo antecipa a comunicação de sua vida divina a você. A graça criada radica-se na graça incriada, como os raios radicam-se no sol. A graça incriada são as pessoas divinas que se radicam em você, trazem o céu para dentro de você, "enxertam" você no céu, o céu passa a viver em você, e você passa a viver o céu, o lugar de Deus. A cristificação transforma você no céu onde Deus habita, e assim cada pessoa divina vive em você, e faz você viver dela, santificando você com sua santidade.
134. Esta vida da divindade em você não é tão profunda como o era em Cristo Jesus: nele a divindade vivia a tal ponto que chegava ser visível. Em você não chega a ser visível. Mas é perfeitamente real: Deus vive em você, Deus vive de você, e você vive em Deus e de Deus. Quando você reza: "Pai nosso, que estais no céu", você poderia também dizer assim: "Pai nosso que estais em mim". Você é o céu onde Deus habita, você é possuído por Deus. Entre Deus e você há uma comunhão íntima, beatificante. Deus vive em você como EXEMPLAR, como OBJETO e como FIM de sua vida sobrenatural.
135. Antes de tudo vive em você porque as pessoas divinas fazem de você um EXEMPLAR do céu, o lugar em que habitam. O céu é o lugar do conhecimento e do amor de Deus. O conhecimento e o amor são a vida que Deus vive. A cristificação consiste em conhecimento e amor: conhecer e amar como Deus conhece e ama. Então - pela fé, o primeiro aspecto da cristificação - irradia-se em sua mente a luz divina. Sua inteligência, daí, começa ver com o o-

DEUS TRANSFERE PARA DENTRO DE MIM
O CÊU EM QUE HABITA E PASSA A
VIVER-SE EM MIM.



EU PASSO A VIVER-ME EM DEUS,
DE DEUS, POR DEUS e PARA DEUS.

lhar de Deus, e Deus começa a ver com o olhar de sua mente. Essa luz na sua mente é uma extensão, um reflexo daquela luz de toda a luz que é o mesmo Deus. A luz da tua mente, é "enxertada" na luz da mente divina. Ora, o conhecimento é aquele ato pelo qual o Pai gera o Filho. Então, se o conhecimento de Deus vive em você como ação de sua mente, quer dizer que você traz em você impressa uma imagem, um carbono vivo da geração do Verbo, ou melhor, você é um carbono vivo da geração do Verbo. Realmente você se torna filho de Deus, gerado pelo Pai, por que o ato pelo qual o Filho é gerado pelo Pai fica sendo um ato vivido por você e em você.

136. Outro aspecto de sua cristificação é a caridade. A caridade é o arcano ardor do amor com o qual o Pai ama o Filho, o Espírito Santo. Esse ardor, então, é vivido no seu coração e pelo seu coração. O Espírito de Deus, assim se faz seu espírito. É o ósculo pessoal de Deus, amplexo pelo qual o Pai estreita o Filho que é vivido em você e por você. Por isso, em você, que agora é o céu onde Deus habita, o Pai gera o seu Verbo, e, no amor recíproco, ambos inspiram o Espírito Santo. Essas duas processões - geração e inspiração - se fazem processões vividas em você e por você.

137. As pessoas divinas também vivem em você como OBJETO de sua vida sobrenatural, isto é, são aquilo que você vive, se fazem sua vida. No ato de fé e de caridade aquilo que você conhece e ama, não é apenas ato de conhecimento e amor de Deus, mas é o mesmo Deus Trino que você conhece e ama, é o mesmo Deus pessoalmente, que se dá para ser possuído, assimilado por você. Por esta vivência em você, as mesmas pessoas divinas se tornam objeto de seu conhecimento e de seu amor, cada qual segundo sua propriedade pessoal. Então você conhece o Verbo como o Pai conhece, isto é, como "esplendor de sua glória e figura de sua substância" (Hebr 1,3). E assim, conhecendo Jesus, você conhece o Pai como imagem de sua substância e de sua glória. É só assim que você pode conhecer este aspecto de Deus que é ser Pai. Jesus disse que ninguém pode ir ao Pai sem ir ao Filho" (Jo 14,6). E o Espírito Santo vive em você como profusão do amor infini-

to do Pai e do Filho, e do amor que possuem pelas criaturas. Vive em você como flor da doçura e da suavidade de Deus, como beijo pessoal de Deus. E' o amplexo de Deus, pelo qual Deus abraça você carinhosamente e enche você com seu ardor.

138. Finalmente as pessoas divinas vivem em você como FIM de sua vida sobrenatural, isto é, para lhe fazer viver aquela glória, aquela honra e aquele louvor correspondente à propriedade pessoal de cada uma. Cada pessoa divina vive-se em você a seu modo. O Pai, vivendo-se em você, faz de você seu filho. O Verbo, vivendo-se em você, o faz membro de seu corpo. O Espírito, vivendo-se em você, o faz seu Templo. Você pertence a Deus, pertence a cada pessoa divina, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo segundo a propriedade pessoal do Pai, do Filho do Espírito Santo. E Deus também pertence a você: pertence como Pai, pertence como Amigo, pertence como Esposo. Em todas as coisas Deus está presente. Em você não apenas está presente, mas vive-se em você, e você vive nele: conhece com sua inteligência e você conhece com a inteligência dele. Ama com seu coração e você ama com o coração de Deus.

139. Estamos dizendo que as três pessoas divinas moram em você. Mas muitas vezes ouvimos dizer que o Espírito Santo vive em você, sem ouvir que o Pai e o Filho também vivem. Isso se explica da seguinte maneira: Tudo o que Deus faz fora de si é comum às três pessoas divinas. Mas, segundo as Escrituras, certas coisas que Deus faz fora de si são apropriadas a certa pessoa divina, embora seja comum às três pessoas divinas. Essa apropriação é feita segundo a propriedade pessoal de cada pessoa. Assim é, por exemplo, a obra da criação: uma obra comum às três pessoas divinas. Mas se diz que o Pai criou, porque a criação evoca paternidade, e em Deus essa propriedade é título do Pai. Também pela graça se diz que você é filho do Pai, embora também você seja filho do Verbo e filho do Espírito. Mas, como a graça é a mesma geração do Verbo em você, então, por apropriação você é chamado filho do Pai. O mesmo acontece com a habitação divina em você. E' apropriada ao Espírito Santo, embora morem em

você o Pai e o Filho também. Porque o dom da graça pelo qual você se torna filho de Deus, é como o dom do Pai e do Filho. O dom da graça é também obra de amor, e o Amor, em Deus, é o Espírito Santo.

140. Deus vive em você! E' nisto que consiste a vida cristã! A santidade é isto: ser vivido por Deus, viver-se em Deus, viver de Deus e por Deus, cuidar para que essa vivência seja mais completa, mais total, mais radical, hoje mais que ontem, amanhã mais que hoje e assim por diante, até o ocaso de sua vida. Santo Inácio Mártir aos cristãos dava o nome de "cristíferos" e "deíferos". Os primeiros cristãos foram educados em sua fé e alimentados principalmente por esta doutrina: os antigos documentos do cristianismo o demonstram. Diz, por exemplo, o símbolo de Epifânio: "Cremos no Espírito Santo... que mora nos santos". Na Epístola de Barnabé lemos: "Recebi da a remissão dos pecados... nós somos feitos de novo, somos inteiramente criados: daí, em nós, como em sua casa, Deus mora verdadeiramente". "Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele a nossa morada." (Jo 14,23). "Ignorais, porventura, que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém, pois, violar o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus, que sois vós, é santo" (1Cor 3,16-17). Dom do Deus Altíssimo mo! Doce hóspede da alma!

DINÂMICA DA CRISTIFICAÇÃO

141. Desde já você deve viver positivamente a vida que Deus vive por atividade que pertence a você, é sua. Então você agora vai abordar o problema da cristificação não já na ordem do ser, como o fez até agora, mas na ordem da ação. Se você deve agir como Deus age, então sua ação também deve ser proporcionada a esse destino sobrenatural. Só por suas forças você não é capaz de ação sobrenatural. Suas faculdades só lhe permitem agir humanamente, naturalmente. Então Deus intervém não só na Substância (= o núcleo de onde brota a afirmação do ser) com uma qualidade nova, que é a graça de filiação adotiva, mas intervém também nas suas faculdades humanas, isto é, naqueles núcleos de onde brota a expansão de seu ser, que são os princípios de onde nascem suas ações humanas, emprestando-lhes novas forças, forças de ordem divina, que se chamam "virtudes infusas".
142. Dizem-se "infusas" porque são Deus as dá gratuitamente, juntamente com a graça de filiação adotiva. São Boaventura, a essas forças, dá o nome de "ramificação da graça". São forças que são Deus pode dar, porque são princípios de ação de ordem divina, ou melhor, são a mesma força de Deus habitando suas faculdades, vivendo-se em suas faculdades e sendo vivida pelas suas faculdades. São os princípios pelos quais Deus vive em você, vive-se em você, e faz você viver nele e por ele.
143. E' doutrina de fé da Igreja que as virtudes infusas são três: a fé, a esperança e a caridade. Essas virtudes di

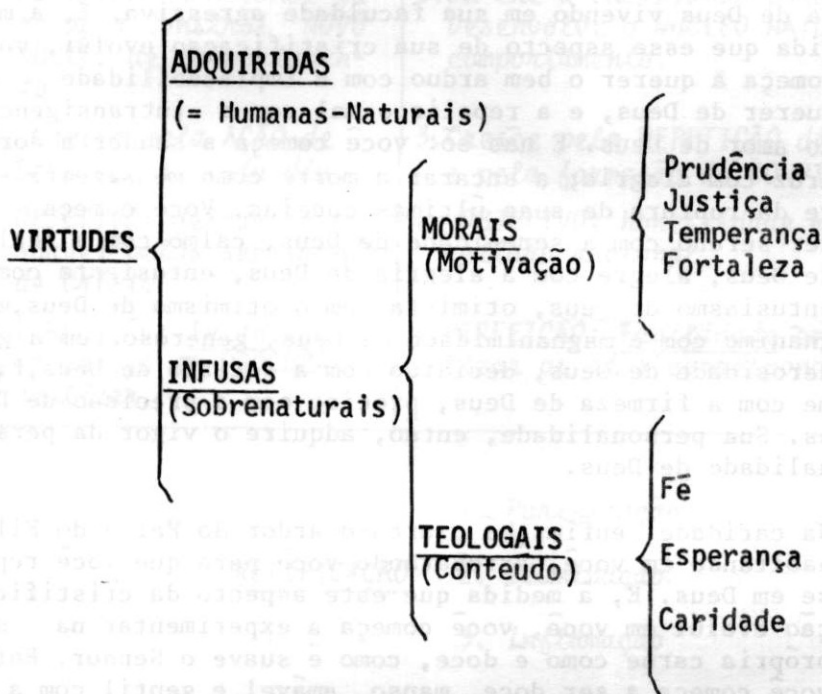
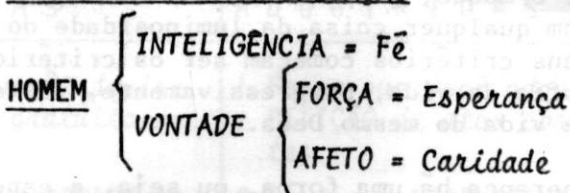
INTERVENÇÃO DE DEUS NA CRISTIFICAÇÃO DO HOMEM

S E R	A G I R		
	P O D E R	Q U E R E R	
SUBSTÂNCIA (=Totalidade) Núcleo onde brota a <u>AFIRMAÇÃO</u> do ser	FACULDADES (=Capacidades) Núcleos onde brotam a <u>EXPANSÃO</u> do ser	A T O	
		Inteligência	Vontade
A D O Ç Ã O Deus estende a filiação amorosa do verbo para dentro de mim e passa a vivê-la em mim.	VIRTUDES INFUSAS TEOLOGAIS três MORAIS quatro	Ilustração	Inspiração
		Toque da alma	
<u>GRAÇA HABITUAL</u>	<u>GRAÇA POTENCIAL</u>	Visita do Espírito Santo	
		Sentimento do ânimo	
		Volúpia do bem	
		Ósculo de Deus	
		Amplexo de Deus	
		<u>GRAÇA ATUAL</u>	

zem-se teologais, porque não apenas são forças dadas por Deus, mas porque s^o por revelação divina são conhecidas, e tem por objeto o mesmo Deus como é em si. Elas unem você diretamente a Deus, e seus atos são atos que s^o Deus pode produzir em você. E' doutrina comum dos teólogos, porém, que as virtudes infusas não são apenas as teologais. Juntamente com as virtudes teologais - dizem eles - são dadas a você também virtudes infusas morais, que consistem em forças que lhe permitem realizar uma vida sobrenatural de prudência, Justiça, Temperança e fortaleza.

144. O que distingue as virtudes morais infusas das virtudes morais naturais do mesmo nome não é o conteúdo, mas a motivação, isto é, Deus não infunde o conteúdo das virtudes morais da prudência, justiça, temperança e fortaleza, como acontece com as virtudes teologais. Esse conteúdo é o mesmo das virtudes morais adquiridas, que trazem o mesmo nome. O que é dado por Deus é a motivação da virtude, não o objeto ou o conteúdo. A motivação da virtude moral adquirida é a HONESTIDADE, ou retidão moral da ação. A motivação da virtude moral infusa é o AMOR que estimula você a se revestir dos sentimentos de Jesus Cristo. Essas virtudes servem à sua união com Deus no exercício das virtudes teologais, porque retificam de maneira especial suas ações humanas.
145. A fé, a esperança e a caridade constituem a vida deiforme, cristificada. Elas transformam as raízes de sua vida humana, elevam a uma capacidade deiforme as potencialidades de seu espírito. As potencialidades de seu espírito são duas: inteligência e vontade. Mas a vontade possui dois aspectos: agressivo, um; captativo ou frutivo, outro. Por isso, na prática, suas potencialidades são três: capacidade para compreender, capacidade para enfrentar e defender-se, e capacidade para possuir, fruir. Por isso são três os princípios de vida divina que lhe são dados juntamente com a graça de filiação adotiva. Cada um desses três princípios - fé, esperança e caridade - constituem um aspecto da dinâmica da cristificação.
146. Na fé há uma luz sobrenatural, isto é, o mesmo Verbo é

DINAMICA DA CRISTIFICACÃO



FÊ Luz sobrenatural que brilha na sua mente, como LUZ da SABEDORIA DIVINA (= Verbo) em virtude da qual seu olhar se transforma.

ESPERANÇA - **Fôrça** sobrenatural que entra em suas energias como vigor da Onipotência divina (=Pai), em virtude da qual seu dinamismo se transforma.

CARIDADE - **Ardor** sobrenatural que entra em seu afeto como arcano amor que estreita o Pai e o Filho (= Es pírito), em virtude do qual seu coração se transforma.

a luz que brilha na sua mente como Luz da Sabedoria Divina. À medida que se desenvolve esse aspecto da cristificação, seu olhar se transforma, e você começa por enxergar o mundo, as pessoas, as coisas, os acontecimentos com qualquer coisa da luminosidade do olhar de Deus. Seus critérios começam ser os critérios de Deus. Sua filosofia de vida, progressivamente, vai sendo a filosofia de vida do mesmo Deus.

147. Na Esperança há uma força, ou seja, a esperança é a força de Deus vivendo em sua faculdade agressiva. E, à medida que esse aspecto de sua cristificação evolui, você começa a querer o bem árduo com a implacabilidade do querer de Deus, e a repelir o mal com a intransigência do amor de Deus. E não só: você começa a saudar a dor, a cruz com alegria; a encarar a morte como mensageira sua ve da ruptura de suas últimas cadeias. Você começa a ser sereno com a serenidade de Deus, calmo com a calma de Deus, alegre com a alegria de Deus, entusiasta com o entusiasmo de Deus, otimista com o otimismo de Deus, magnânimo com a magnanimidade de Deus, generoso com a generosidade de Deus, decidido com a decisão de Deus, firme com a firmeza de Deus, preciso com a precisão de Deus. Sua personalidade, então, adquire o vigor da personalidade de Deus.
148. Na caridade, enfim, há o arcano ardor do Pai e do Filho habitando em você, arrebatando você para que você repouse em Deus. E, à medida que este aspecto da cristificação evolui em você, você começa a experimentar na sua própria carne como é doce, como é suave o Senhor. Então você começa a ser doce, manso, amável e gentil com a doçura, a mansidão, a amabilidade e a gentileza do mesmo Deus. E você começa a amar como Deus ama: não porque o objeto é amável, mas pelo desejo de criar nele a amabilidade. E você será um centro irradiador de Deus. Sua carne se transfigurará. A ternura de seu olhar começará a ser a ternura do olhar de Deus, o sorriso de seus lábios começará a ser o sorriso dos lábios de Deus. E permanecerá em você a virtude da continência e da castidade. Você será capaz de dar a mão a todos, mas sem segurar nenhuma. Você será capaz de sentir as criaturas, qualquer criatura, mas sem precisar possuí-las. Você se

VIRTUDES

INFUSAS	ADQUIRIDAS
1. Força que você adquire por um DOM gratuito de Deus	1. Força que você adquire pela REPETIÇÃO de atos correspondentes.
2. Dã-lhe a CAPACIDADE para agir. Constrói NOVÓ NÚCLEO de comportamento.	2. Dã-lhe a FACILIDADE para agir. Desenvolve o NÚCLEO NATURAL de comportamento.
3. Cresce pela AÇÃO de Deus que as infundiu.	3. Cresce pela REPETIÇÃO de atos e pela formação de CONVICÇÕES.
4. OBJETIVO: deixar-se aborver pelos sentimentos de Cristo	4. OBJETIVO: honestidade moral - retidão racional.
5. PERFEIÇÃO: Intensidade do desejo em PROCURAR realizar	5. PERFEIÇÃO: Facilidade em realizar os atos correspondentes

1. Purificação

RETIFICAÇÃO

2. Iluminação

3. Inflamação

OS SENTIDOS DO HOMEM NOVO

FE	{	Convicção e compenetração	OUVIDO
		Compreensão	OLHAR
ESPERANÇA	-	Aspiração	OLFATO
CARIDADE	{	Fruição e gozo	GOSTO
		Contato e amplexo	TACTO

rã capaz de olhar para qualquer criatura, mas sem profanar nenhuma. Você será capaz de tocar qualquer coisa, mas sem contaminá-la. Porque o universo, para você, ficará transparente: você verá Deus em cada olhar, em cada flor, em cada regato de águas cristalinas, em cada nascer e pôr de sol, em cada criatura material. E Você terá então respeito sobrenatural por tudo o que é material, sensível, corpóreo, carnal, e terá extrema delicadeza para nunca profanar nada. Então, diante do mundo visível, você terá o encanto da infância nova. E você será uma epifania do amor de Deus. As pessoas, as coisas experimentarão, através a fragilidade da carne em que você vive, o mistério do amor de Deus que as ama.

149. A virtude infusa não é como a virtude adquirida. Esta adquire-se pela repetição de atos correspondentes e pela formação de convicções anexas ao seu exercício. A virtude infusa você não pode adquiri-la pelo exercício, mas lhe é dada por Deus. Você pode facilitar seu crescimento, aliás, você deve facilitar seu crescimento, mas a força intrínseca pela qual ela cresce, está em Deus e não em você. A virtude adquirida supõe na sua faculdade a aptidão para as ações que lhe são próprias. Sua função consiste em tornar sua faculdade mais disponível, e assim levar você a executar suas ações com facilidade, alegria, desimpedimento. A virtude infusa não é assim: entrando em você, não encontra em sua faculdade nenhuma aptidão para produzir os atos próprios. Entra em você, então, não apenas para lhe dar a facilidade no agir, mas para lhe dar a capacidade para agir. Produz em você nova força radical, nova tendência ativa, constrói em você um novo núcleo de comportamento. A virtude adquirida cresce em você pelo esforço que você faz em repetir os atos que lhe são próprios, ou que lhe correspondem. A virtude difusa não: só pode crescer em você pela ação daquele que as infundiu: Deus. A virtude adquirida tem por escopo a honestidade moral. A virtude infusa tem por escopo levar você a se deixar absorver e dominar pelos sentimentos de Jesus Cristo, a passar para outra maneira de ser, de amar, de ver, de sentir: a maneira de Jesus Cristo.

150. Mas a diferença mais importante entre virtude adquirida

e virtude infusa é esta: a perfeição da virtude adquirida consiste na facilidade em realizar os atos correspondentes. Por exemplo, você será perfeito na prática da paciência, na medida em que você for capaz de fazer com facilidade atos de paciência: aceitação fácil das pessoas difíceis, aceitação fácil das coisas, dos acontecimentos, etc. A perfeição da virtude infusa não está nisso: está na intensidade do desejo com que você procura realizar os atos que lhe correspondem.

151. Dessa diferença decorrem conclusões muito práticas para a vida cristã: o valor humano da vida depende daquilo que você realiza, mas o valor sobrenatural não: este depende da intensidade do desejo com que você aspira, do amor com que você procura. Em outras palavras: O valor sobrenatural de sua vida não depende antes de tudo do que você encontra, mas da intensidade com que você procura. Você pode, por exemplo, ter muita dificuldade para rezar. Você pode quase não conseguir rezar. Mas se, não obstante sua dificuldade ou impossibilidade, você procura com intensidade a oração, isto é, o contato com Deus, então o valor de sua oração é muito precioso para Deus. O valor sobrenatural de sua vida está na razão direta antes de tudo daquilo que você procura, e não daquilo que você encontra. Deus quer que você procure. Não exige que você encontre. Você deve garantir a Deus que irá procurar sempre. Não é preciso que você garanta que vai encontrar: isso ele não exige de você. Porque você sempre encontra, mesmo quando procura tendo impressão de nada encontrar. O Reino de Deus está em você, mas não aparece. No "Pai Nosso" você reza a ele pedindo que "o Reino venha", mas você não pede que "apareça". O Reino de Deus não aparece, mas está dentro de você.

152. A adesão das virtudes infusas nas potencialidades de sua alma é tão íntima, tão profunda que os atos de suas faculdades, assim elevadas e transformadas por essas virtudes, são verdadeiramente "seus" atos, produzidos por "suas" faculdades, e, como tais, são atos vitais e livres. Suas faculdades, dessa forma, são transformadas na própria raiz, na sua mesma vitalidade e liberdade. Por conseguinte, cristificando suas potencialidades, es

sas virtudes as retificam, não só eliminando a perturbação radical que você contraíu com o pecado, mas sobretudo revestindo você com a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

153. Essa retificação se faz por um processo tríplice: purificação, iluminação e inflamação, ou aquecimento interior, conforme se deduz dessa prece seráfica composta por São Francisco de Assis: "Onipotente, eterno, justo e misericordioso Deus, concedei-nos a nós, míseros, fazer por vosso amor o que soubermos ser da vossa vontade e sempre quereremos o que vos agrada, a fim de que interiormente PURIFICADOS, ILUMINADOS e INFLAMADOS pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir os passos do vosso Filho Nosso Senhor Jesus Cristo".

154. Essa renovação das faculdades pela adesão das virtudes infusas é tão radical que, crescendo nessa vida, verdadeiramente você vai adquirindo novos sentidos, isto é, sua própria carne depois se vai transformando. A COMPENETRAÇÃO sempre mais progressiva sobre as verdades de fé, ou seja, na medida em que suas convicções de fé se tornarem mais profundas, você adquirirá um OUVIDO espiritual, você se tornará capaz de discernir Cristo também pelo ouvido. Por esse motivo você compreende porque certas pessoas muito simples, mas de fé viva, ouvindo, por exemplo, a exposição doutrinária feita por um teólogo, são capazes de aceitar ou recusar as afirmações do expositor, não por argumentos teológicos, mas porque a verdade de Cristo essas pessoas a percebem pelo próprio ouvido. Por outro lado, à medida em que você se exercita na PENETRAÇÃO das verdades de fé, na compreensão das mesmas, você adquire um OLHAR novo, sobrenatural. Sua teologia, então, estará no olhar. Você será teólogo pelo olhar, porque você adquire a capacidade para ver as coisas de Deus não pelo estudo, pela reflexão, mas pelo olhar. Em terceiro lugar, suspirando pela esperança, aguardando, confiando na realização das promessas de Deus, à medida que tudo isso evolui em você, você adquire um OLFATO sobrenatural, isto é, a capacidade para sentir o que é de Deus pelo perfume. Também no crescimento da caridade os outros dois sentidos - o GOSTO e o TACTO - assumem uma dimensão sobrenatural. O crescimento da

FRUIÇÃO de Deus em você, pela caridade, termina por lhe dar um GOSTO sobrenatural, isto é, uma capacidade para perceber Deus pelo sabor. E como a caridade não é apenas fruição de Deus, é o abraço pessoal que Deus lhe dá, estreitando você ao coração dele, à medida que esse aspecto da caridade cresce, você adquire um TACTO sobrenatural, isto é, a capacidade para perceber Deus pelo toque de sua própria carne.. Essa renovação de seus sentidos lhe torna possível a experiência de Deus, ou seja, essa única forma de conhecer, pela qual Deus pode ser verdadeiramente conhecido.

A RAIZ DA CRISTIFICAÇÃO

155. Jesus um dia contou uma parábola e disse assim: "Um homem tinha uma figueira em sua vinha. Veio a ela procurar frutos mas não os encontrou. Então disse ao vinhateiro: Eis que são já três anos que venho buscar frutos nesta figueira e não os encontro. Corta-a, por que está ocupando o solo inutilmente? Mas o vinhateiro respondeu: Senhor, deixa-a por mais um ano, enquanto isso eu cultivarei melhor a terra ao redor dela, adubando-a melhor. Pode ser que dê fruto no futuro... Caso contrário, corta-la-ás" (Lc 13,6-9). Em sentido literal essa comparação vale para o povo judeu, ao qual Jesus tinha pregado durante três anos, sem colher o fruto que esperava: a fé no Messias. Mas você pode aplicá-la também a ti. Chegando perto de você, Cristo também pode falar assim: Já há três anos, há dez, vinte, trinta anos que venho procurar fruto em você e não encontro. E quando encontro alguma coisa, são frutos verdes, impróprios para serem comidos! Se isto acontecer, então você deve aplicar o remédio sugerido pelo lavrador experiente: tratamento de raiz. No tratamento das crises espirituais você está exposto a cometer um engano: acudir à crise com tratamento do tronco, dos ramos ou das folhas de sua vida teologal. Não é suficiente! É a raiz, sobretudo, que precisa ser tratada.

156. Ora, a raiz de sua cristificação é a fé! São Policarpo, nas cartas que escrevia aos primeiros cristãos, falava muitas vezes da "raiz sólida da nossa fé". O Concílio de Trento diz que a fé é a "raiz e o fundamento de toda

a justificação". São Paulo, quando fala da fé, para explicá-la, usa dois simbolismos: raiz e fundamento. "E' em Cristo Jesus que é preciso caminhar, enraizados e fundados nele, apoiados na fé que vos foi ensinada" (Col 3,17). "Que Cristo habite em vossos corações pela fé, para que sejais enraizados e fundados no amor" (Ef 3,17). A raiz é aquela parte pela qual a planta se firma na terra e nela colhe o alimento. Então a função da raiz numa árvore é dupla: função de estabilidade e função de fecundidade. O mesmo se diga da fé com relação ao amor que você vive: exerce a dupla função de estabilidade e fecundidade.

157. O inimigo do Reino de Deus sabe disso (Mt 13,25,28,39), e por isso trabalha continuamente para minar a raiz de seu amor. Ele sabe que basta cortar as raízes, e toda a árvore rufá por terra. Na natureza existe uma imagem - muito eloquente dessa atividade subversiva, num inseto, chamado Ralo, e que vulgarmente é conhecido como grilo-topeira. E' uma espécie de grilo que teria asas para voar, mas em vez de voar, vive de maneira subterrânea roendo as raízes das flôres, das hortaliças, etc. Um animal pervertido: tem asas para voar nos ares, mas prefere essa vida de trabalho subterrâneo, nas trevas. E ao atacar uma planta só lhe interessam as raízes: o tronco, os ramos, as folhas, os frutos não lhe interessam. Corta as raízes e se vai embora, enquanto a planta fica murchando até morrer. Assim é o inimigo do Reino de Deus: um anjo feito para voar nas alturas luminosas, mas se compraz num trabalho subterrâneo e tenebroso, para fazer murchar seu amor, tirando-lhe a fé. Ele sabe que, desmoronando a fé, desmorona também o amor.
158. Como a raiz numa planta, a fé desempenha em favor de sua vida com Deus uma função de estabilidade, antes de tudo. No hebraico, os vocábulos "crer", "ter fé", são derivados do verbo "amen", e significa "ser estável", "seguro", "verdadeiro", "fiel". Na língua hebraica "crer" significa "apoiar-se em Deus-Rochedo e deixar-se levar por ele". Isaías diz: "Se não crederes, não subsistireis" (Is 7,9). "Aquele que crê, não será abalado" (Is 28,16). No Novo Testamento são incontáveis as passagens que dizem que a fé, e só a fé é condição de estabilidade. No

Sermão da Montanha Cristo diz: "Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática (= o que tem fê) é como o homem esperto que constrói sua casa sobre a rocha" (Mt 7,24). Na última ceia os discípulos estavam en^{tr}istecidos pela perspectiva da partida do Mestre e dos perigos que os aguardavam. Jesus então indicou-lhes o meio contra qualquer angústia: "Não se conturbe o vosso coração: crede em Deus, crede também em mim" (Jo 14,11). E disse a Pedro que, pela sua fê, seria rochedo inquebrantável na Igreja: "Simão, Simão, eis que Satanaz pediu para vos joeirar como trigo, mas eu rezei para que tua fê não vacile. E, voltando-te de quando em quando, confirma os teus irmãos" (Lc 22,32). E Pedro seguiu à risca essa recomendação do Mestre: "Irmãos, sede sóbrios e vigiai, porque o vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como um leão que ruge, buscando a quem devorar. Resistí-lhe firmes na fê" (1 Ped 5,9).

159. Se a fê não lançar raízes profundas, facilmente você se deixará abalar por qualquer problema, como está escrito na parábola do semeador: os grãos caídos sobre a pedra são figura daqueles "que acolhem a palavra de Deus com alegria, mas não tem raízes; crêem por um momento, mas na hora da prova, caem de novo" (Lc 8,13). Se sua fê for fraca, você se deixará "levar por qualquer vento de doutrina, pela impostura dos homens e pela sua astúcia, em induzir no erro" (Ef 4,14). Só quem crê, diz São João, é vencedor do mundo, de suas seduções e perseguições: "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fê. Quem é o vencedor do mundo senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?" (1Jo 5,4-5).

160. Em segundo lugar, também como a raiz na planta, a fê desempenha para sua vida com Deus uma função de fecundidade. Jeremias faz um contraste maravilhoso, a este propósito, falando do homem que tem fê, e do homem que não tem fê. Antes descreve o quadro triste do homem que não tem fê: "Infeliz do homem que confia no homem, e se apoia num braço de carne, e cujo coração se afasta do Senhor. Porque será como as tamargueiras no deserto, e não verá chegar o bem, mas habitará na secura do deserto, numa terra salêbra e inabitável" (Jer 17,5-6). Depois des

creve o quadro alegre do homem que tem fê: "Feliz o homem que confia no Senhor, e de quem o Senhor é a esperança! Será como a árvore que é transplantada à beira das águas e que estende suas raízes para a humanidade, e não temerá a seca quando vier o calor. Será sempre verde sua folhagem, e em tempo de seca não terá mingua, nem jamais deixará de dar fruto" (Jer 17,7-8). Jesus disse muitas vezes que, pela fê, seus discípulos terão frutos em abundância: "Aquele que crê em mim, fará as obras que eu faço, e até as fará maiores" (Jo 14,12). "Aquele que (pela fê) permanece em mim como eu nele, colherá muitos frutos; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15,5). "Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi tudo o que quiserdes e as conseguireis" (Jo 15,7).

61. Mas a Escritura diz que a fê produz frutos na paciência, isto é, através as provas, os sofrimentos, as tribulações. Os grãos caídos na terra boa simbolizam "aqueles que, tendo ouvido a palavra de Deus com coração bem generoso, a conservam e produzem fruto na paciência" (Lc 8,15). São Tiago convida a que observes o agricultor: "Sede pacientes, irmãos, até o advento do Senhor. Vede o agricultor: ele espera pacientemente o precioso fruto da terra até as chuvas da primeira estação e do fim do outono. Sede pacientes vós também" (Tg 5,7-8). Cristo também diz que debes observar as árvores: "Olhai para a figueira e todas as árvores..." (Lc 21,29), elas produzem fruto na paciência, isto é, esperam pela estação dos frutos, passando pelas estações em que permanecem desoladas, sem folhas, aparentemente sem vida. O mesmo acontece em você, se pacientemente você prossegue seu caminho de fê: Sua vida teologal cresce sempre, sobretudo no inverno, isto é, no meio das provas.

62. Desse papel da fê em sua vida de amor, como raiz desse amor, você pode tirar uma primeira consequência que se chama "lei de proporção". Entre raiz de um lado e tronco e ramos de outro, a natureza observa rigorosa lei de proporção. Você não verá nunca uma árvore com tronco pesado e raízes fracas, e nunca uma raiz doente permitirá a uma planta dar frutos abundantes. O mesmo acontece com sua vida de fê, quando subnutrida por fraco espíri-

to de oração.

163. A segunda consequência chama-se "lei de crescimento simétrico". Nutridos pelas mesmas raízes, o tronco, os ramos e os frutos crescem de maneira contínua e simétrica, e nunca se ve um agricultor cuidar de preferência de um ramo, para fazê-lo crescer mais rapidamente que os demais. A natureza é imparcial, e exerce uma justiça distributiva absolutamente perfeita. O mesmo acontece com sua vida com Deus! Todos os seus múltiplos aspectos crescem juntos a partir da fé: "Todos os bens me vieram juntamente com ela... e eu ignorava que ela é a mão de todos esses bens" (Sab 7,11-12).
164. A terceira consequência que decorre do papel da fé é esta: é muito difícil, senão impossível, controlar de maneira certa o crescimento espiritual. "O Reino de Deus não se deixa observar" (Lc 17,20). Sua vida com Deus cresce sempre, desde que você não lhe oponha resistências conscientes, mas você não sabe como. Jesus contou a parábola do grão de trigo que cresce sozinho, parábola pouco conhecida, mas muito consoladora, e que é contada só por São Marcos: "O Reino de Deus é como o homem que lança um grão na terra: quer ele durma ou se levante, de dia ou de noite, a sementinha germina e cresce, e ele não sabe como. Porque a terra produz por si mesma a erva, depois a espiga, e a espiga em fim se enche de trigo. E quando o fruto está maduro, então ele o ceifa, porque a colheita está pronta" (Mc 4,26-29).
165. O amor que está em você é assim: possui, como o grão de trigo, uma virtude secreta que o faz crescer desde o dia em que entrou em você até o dia em que plasmará você inteiramente para o Reino de Deus. Trazido no seio da Igreja, que é Mãe, você conhece esse desenvolvimento secreto: sua vida com Deus não é constituída por uma série de variações bruscas, mudanças imprevistas, mas uma realidade contínua. Você é o campo de Deus e a agricultura de Deus (1 Cor 3,9), no qual a semente que Deus se meou cresce e você não sabe como. Suas modalidades de crescimento são misteriosas, e fogem à observação. Levés sinais, apenas, revelam seu crescimento. Sobretudo, há períodos em sua vida que são períodos de inverno: sua

vida com Deus se assemelha a uma árvore despida de folhas, seca, desolada. Mas é no inverno que essa vida se desenvolve na raiz. Isto é, são nos momentos de treva, de aridez, - se nesses momentos você tem coragem para permanecer fiel à exigência do amor - que a raiz de seu amor - a fé - se desenvolve. Que você não tenha medo de tratar com coragem a raiz de sua vida com Deus, isto é, de "exercer a fé que opera pela caridade" (Gal 5,6). Na oração você deve impertunar o "Pai das Luzes" (Tg 17), para que lhe aumente a fé, e o torne inquebrantável para sua obra (1 Cor 15,58), cheio de "frutos de justiça por Jesus Cristo para a glória e o louvor de Deus" (Fl 1,11).

NATUREZA DA RAIZ DA CRISTIFICAÇÃO

166. Como a esperança e a caridade, a fé é dom de Deus. Dom não só porque gratuito, mas principalmente porque é um ato que só Deus pode produzir em você. "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos; os meus caminhos não são os vossos caminhos" (Is 55,8). A fé é o Espírito Santo que provoca em você adesão aos pensamentos de Deus. "Quando ele vier, o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá a toda a verdade" (Jo 16,13). A fé é o Espírito Santo que conduz você a toda verdade. "A prova de que vós sois filhos, é que Deus nos enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho que brada: Abba, isto é, Pai" (Gal 4,6). A fé é o Espírito Santo conformando seu espírito ao Espírito de Cristo, até o ponto de identificar você com Cristo e assim reconhecer em Deus o seu Pai. Dom de Deus porque é dado gratuitamente, e dom de Deus porque é um ato que só Deus pode produzir em você.
167. A fé é o Espírito Santo vivendo-se na tua inteligência, e como tal abrindo-lhe os olhos para um universo que o supera, fazendo você ver o universo no qual ele habita com qualquer coisa do olhar de Deus. A fé é Deus convidando você a participar, na treva, da luminosidade da visão que ele tem do mundo. E por isso a fé é sua inteligência percebendo o Verbo do Pai, e daí a mesma sintonia da vida trinitária, embora isso aconteça obscuramente, na treva, ou como diz São Paulo, "num espelho e num enigma" (1 Cor 13,12). E' por isso que os infiéis não tem idéia do que é ter fé, e os que tem experiência da

fê, não sabem exprimi-la com palavras. "O homem animal não percebe as coisas que são do Espírito de Deus, porque para ele são uma estultície e não as pode entender, porque elas ponderam-se espiritualmente" (1 Cor 2,14). E' por isso que mesmo pessoas incultas e simples podem ter fê: "E permaneça em vós a unção que recebestes dele. E vós não tendes necessidade que alguém vos ensine; mas conforme a sua unção vos ensina todas as coisas" (1 Jo 2, 27).

168. Para viver a fê não é necessário o conhecimento da teologia da fê. O que é necessário é a atração do Pai, pela qual o homem é chamado na admirável luz de Deus e se lhe abrem os ouvidos do coração. Então a fê é como a aurora do céu, ou seja, o conhecimento obscuro do dia da eternidade. Santo Agostinho diz: "Agora amamos crendo - que vemos; depois amaremos vendo que cremos". Então a fê é mística: uma intensificação da luz de Deus na treva da sua inteligência. E como tal é algo indizível: os que não tem fê, não tem também idêia do que é ter fê; e os que tem fê, não sabem dizer o que é ter fê. E' uma realidade em você a fê: mas você não pode contá-la a ninguém. O Espírito, este sopro de Deus lhe sopra muitas palavras: "Abba, isto é, Pai", e sugere muitas verdades: "Jesus, Filho de Deus vivo". Mas ele nada diz de si mesmo. Ele, em você permanece inefável. Por isso você não pode contar sua fê.
169. Então, se você não pode exprimir a fê, também não pode procurar nela um calmante para todas as suas amarguras. Ela seria isso, se fosse exprimível com palavras humanas. Mas se ela fosse assim - essa indizível operação do Espírito Santo no mais profundo do ser ela não seria plenamente fê. No momento em que você procura narrar a fê, você a retalha, a despedaça, e perde algo da mesma fê. Mas você não deve se afligir com isso, porque esta é a condição de toda a encarnação. Jesus mesmo, em sua vida terrestre, não podia dizer Deus com tal plenitude como ele é na instataneidade de sua vida eterna. Deus ninguém jamais viu (Jo 1,18). Deus ninguém jamais contemplou (Jo 4,12): ele mora numa luz inacessível (1 Tim 6,16). Para se revelar, Deus precisa velar-se. Para se mostrar, Deus precisa ocultar-se. Ocultar-se num sinal.

O sinal é ainda ele, mas já é outra coisa. Jesus é Deus, nascido de Deus, verdadeiro Deus nascido do verdadeiro Deus, mas é também homem, autenticamente homem. Pois bem, sua natureza humana revela Deus, mas o revela ocultando-o.

170. O mesmo se dá com a fé. Você precisa exprimi-la. Você precisa contar sua fé. Do contrário ela não crescerá em você. Todo o mundo sobrenatural que está em você, se você não o encarna no que é humano, não poderá subsistir: morrerá. Isto está certo. Mas você não deve esquecer, - que toda a expressão que você dá de sua fé é sempre uma expressão inadequada, sempre imperfeita, sempre incapaz de esgotar a riqueza daquele ato interior que o Espírito Santo faz em você. Você se engana quando pensa - que ter fé é saber teologia. A fé não é teologia. Saber bem o catecismo, ter diploma num Centro de Catequese, - ser doutor em teologia não é ainda ter fé. Há uma só fé, ao passo que existem muitos teólogos, muitas correntes teológicas, e muitas metodologias de catequese. Na fé há o trabalho de Deus dentro de você, no núcleo de seu ser; na teologia há o trabalho dos homens nos livros. Na fé há a adesão da inteligência ao mistério que a supera; na teologia há a elaboração de sistemas mais ou menos coerentes.
171. Você se engana também quando pensa que a fé é apenas o dogma. Os dogmas são apenas o esforço de apreensão do conteúdo da fé. Cada dogma colhe apenas uma parcela da fé, e a cristaliza, define, enquanto a fé permanece indefinível. A fé é mais que todos os dogmas. Não é uma soma de dogmas, uma coleção de dogmas. Sua fé certamente não é mais perfeita que a de São Pedro, de São Paulo ou da Virgem Maria, mas os dogmas, em 20 séculos de sua história se tem definido, precisado, explicitado. Por certo você sabe mais teologia que São Pedro, que São Paulo ou a Virgem Maria. Não significa, porém, que você tenha fé mais perfeita que a deles. Você deve dizer que também se engana quando pensa que a fé é apenas adesão ao Credo. A Igreja não possui nenhum Credo que exprima todos os aspectos já definidos de sua fé. Nenhum Credo, aliás, seria capaz de esgotar toda a riqueza da fé. A fé também não é "segurança religiosa", nem mesmo

"segurança da eternidade". Ela pode ser tudo o que você quiser: noite escura, névoa de incognoscimento, grande túnel do qual não se consegue ver a saída... ela pode ser tudo isso que os místicos dizem, mas sobretudo ela não é o "ópio do povo".

172. A fê projeta você fora de si, em Deus, no absoluto, no incógnito, no mistério. Uma vida de fê não é um equilíbrio permanente em Deus. A certeza que você tem da fê, não é nunca certeza que é fruto de um raciocínio humano, mas um ato que só o mesmo Deus pode produzir em você. Você sabe que tem fê. E deve até estar pronto a se deixar cortar a cabeça para testemunhá-la. Mas como pode você testemunhar sua fê, se não pode dizer o que ela é? Você vive a fê, mas não pode contá-la. Se você conta sua fê a alguém, e esse alguém não tem experiência da fê, não poderá comungar com sua fê. Suas palavras ficarão sempre aquêm da realidade de sua fê. A fê é de outra ordem, é transcendente. Você pode contar qual o seu Credo. Mas se seu interlocutor não tem fê, e o ve falar sobre o Credo, ele lhe dirá: "E daí?" - E você sofrerá por mais nada saber dizer-lhe!

173. Isso tudo é verdade, mas não significa abdicação de sua razão. Porque ter fê não é ser crédulo. O ato de fê não é um ato de credulidade. No ato de fê a inteligência é obrigada a estar profundamente desperta, consciente, no auge de sua exigência crítica. E' a palavra de Deus tão somente que você confia. Sua fê. Ela é um sim que você dá a Deus só porque Deus é Deus. A credulidade, em vez, é uma coisa que presta ouvidos a tudo o que se diz. A fê não é uma coisa que presta ouvidos a tudo o que se diz. A fê exige carteira de identidade. E' um sim que você dá a Deus só porque Deus é Deus só quando você percebe que se trata de Deus.

174. Há uma só coisa que é absoluta: no céu é o Pai, e na sua existência é a fê pela qual o Espírito, que é Espírito de Cristo e se faz seu espírito lhe permite reconhecer em Deus o seu Pai. Só isso é absoluto. Tudo o mais é relativo: os métodos de catequese e os sistemas teológicos. Você deve estar pronto a dar a cabeça para defender a metodologia catequética de uma escola ou o

sistema teológico agostiniano ou tomista. A fé é uma rocha, e por isso permanece sempre inaferrável. Desse modo suas mãos procurarão desesperadamente agarrar aquilo que o cerca no mundo da fé: Você não haverá de agarrar senão fórmulas e sistemas. Você pode querer colocar o absoluto dentro de suas dimensões: isso é uma espécie de idolatria.

175. O Vaticano II foi um concílio que provocou sofrimentos, e esses foram uma purificação necessária. Você foi por demais ensinado, a tomar e avaliar tudo em bloco: a fé e os condicionamentos humanos da fé; a pérola preciosa pela qual é preciso vender tudo, abandonar tudo, e o cofre de matéria perecível em que foi apresentada. Depois do Vaticano II você precisa aprender a discernir as coisas: discernir em Jesus a eternidade do Filho de Deus da temporalidade do Filho de Maria; discernir na Igreja a presença ativa do Espírito e os compromissos humanos com a ordem temporal. Esses discernimentos são tanto mais necessários quanto mais dolorosos. Sua mesma dor em fazer esses discernimentos é sintoma de apego às suas maneiras de ver, de viver, de pensar, maneiras que não são de Deus, mas suas, e às quais você está apegado.
176. Por falar em apego, você não deve confundir amor à fé com intolerância. Há na Igreja de hoje um movimento ecumênico, porque dentro da fé, os filhos de Deus têm ampla margem de liberdade. E' a fé que une os cristãos: "Um só Senhor, um só batismo, uma só fé" (EF 4,5), e Cristo é o fundamento dessa unidade. E' neste nível que se situa a unidade do povo cristão, unidade que deixa lugar para todos os pluralismos: pluralismo litúrgico, pluralismo de carismas, pluralismo de vocações. Cada cristão é livre, e precisa respeitar a liberdade de seu irmão. Você precisa tomar cuidado para não entender que renovação conciliar é substituição de conformismos antigos por conformismos novos, bloqueios antigos por bloqueios novos, substituição de uma intolerância por outra intolerância. Quantos cismas e quantas heresias nasceram na Igreja por falta de tolerância, por incompreensão da natureza própria da unidade do povo cristão! O Vaticano II não fez nenhuma definição dogmática. Portanto nada estatuiu no absoluto. Em outras circunstânci

as, outros bispos, sem dúvida, teriam feito outras opções. Decidiram assim, mas poderiam ter decidido de outro modo. Como cristão você deve entrar nas perspectivas que ele abriu, colaborar na renovação que suscitou, obedecer ao que ele manda. Mas você não deve nunca pensar que o que acontece é o que de melhor pode acontecer no melhor dos mundos. Você pode pensar que certas coisas poderiam ser estabelecidas de outro modo. Mas seu irmão tem o direito de não pensar como você pensa. Nem você, nem ninguém tem direito de monopolizar as luzes do Espírito Santo. Você não deve confundir unanimidade com uniformidade. A unanimidade de nossos corações é possível dentro do pluralismo de nossas vidas.

177. Não é porque alguém é judeu ou é grego, não é porque alguém é integrista ou progressista, não é porque alguém é da jovem guarda ou da velha guarda, que um tem mais razão que o outro, ou que um tem vantagens que outro não tem. Em Cristo Jesus não há nem judeu e nem grego, nem progressista e nem integrista, mas tão somente a vocação de Jesus Cristo de reunir na "unidade os filhos de Deus que estavam dispersos" (Jo 11,52). Porque a fé não é um emprego rendoso para a gente ganhar muito trabalhando pouco. Se você perde a fé, ou se você vacila na fé, porque os padres, os bispos, o papa e o Concílio orientaram agora de maneira diferente a Igreja, talvez seja porque você não tem nenhuma fé. O que em você se desmorona, nestes casos não é a fé, mas aquela fachada, que se mantém em você como postulado de hábitos mentais humanos. Aqueles que se entusiasmam muito porque o Concílio mudou certas coisas que eles gostavam que fossem mudadas, talvez também eles não tenham senão um simulacro de fé, porque a fé é de outra ordem. E há os que sofrem porque a Igreja do Concílio mudou muita coisa. São muitos. E há os que sofrem porque não se mudou bastante, ou porque não se mudou depressa. São muito mais. A uns e outros você deve respeitar no seu sofrimento. Tanto uns como outros têm direito ao seu amor fraterno. Eles são filhos de Deus, e membros de seu povo, e completam na sua carne, também por esse sofrimento, aquilo que falta à paixão de Cristo por seu Corpo que é a Igreja. A fé, para eles, como para você, não será nunca um emprego rendoso para ganhar muito trabalhando pouco.

A FÉ COMO EXPERIÊNCIA

178. Na fé, há dois aspectos complementares: a fé enquanto vivência existencial de sua resposta ao Deus vivo, e a fé enquanto fixação de sua inteligência sobre aquilo que a palavra de Deus revela sobre o mistério de Deus e a obra de sua graça. Esses dois aspectos são inseparáveis e complementares. Quem se apegue de modo unilateral só ao primeiro aspecto da fé - o aspecto da vivência existencial - corre o perigo de menosprezar o Credo e cair num subjetivismo religioso, numa ilusão, com o perigo de crer mais nos homens que em Deus. E quem se apegue só ao segundo aspecto - o aspecto da confissão do Credo - corre o perigo de degradar a aventura vivida da fé numa adesão racional e voluntarista a um sistema de idéias, e daí acontece que, quando sob a pressão da existência, a parecem transformações na expressão ou na prática da fé essas pessoas as encaram como alterações na fé em si, as sumindo então posições de intolerância.

179. A fé enquanto experiência vivida, é algo que sobrevém como eclosão nova de todo o ser, como uma espécie de metanóia radical da existência, como o aparecimento de uma luz até então desconhecida, em cujo brilho as coisas agora aparecem de maneira diferente, Nessa eclosão provocada pela fé nas raízes mais profundas do ser, Deus deixa de ser para o homem uma idéia, para se tornar o centro de sua vida profunda. A fé, então, como experiência, situa-se para lá da adesão intelectual a um corpo de doutrina. Você não deve desprezar esse corpo de doutrina - porque sem ele a fé não seria outra coisa que um sentimento subjetivo - mas você deve compreender que este estado intelectual da fé vem depois, em dependência

de seu nascimento no coração da existênciã.

180. A fê nasce de uma espécie de choque da palavra de Deus com a vida, como imposição de um ser - o ser divino que se impõe a outro - o teu ser - e quando este ser se abandona a Deus no impulso de sua liberdade: "Tu me seduziste, Javê, e eu fui seduzido; tu me dominaste, e foste mais forte do que eu" (Jer 20,7). Às vezes esse choque da palavra de Deus com a vida opera-se como sedução lenta, o outras vezes como golpe instantâneo, mas no fundo a experiênciã da fê tem essa característica: nasce e cresce do encontro amoroso entre dois seres. Esse choque situa-se naquilo que a bíblia chama de "coração": "Conhecereis o amor de Cristo que sobrepuja todo o conhecimento e entrareis em toda a plenitude de Deus" (Ef-3,19). Trata-se de "conhecimeto" mas no sentido que a Bíblia dá a essa palavra, isto é, conhecimento como ligação íntima, como comunhão de vida e de destino. "Eu sei em quem confiei" (2Tim 1,12), isto é, sua fê não se fundamenta em razões humanas, numa doutrina proposta e reconhecida como verdadeira. Ela é resultado de um encontro vivido, de uma adesão amorosa, de um choque que em tua vida é produzido pela irrupção do Deus de Jesus Cristo, no coração mesmo de tua existênciã.

181. Essa experiênciã é indizível: indizível não por falta de luz, mas pela grande riqueza de luz: "O mesmo Deus que disse que das trevas resplandecesse a luz, resplandeceu em nossos corações, para o resplendor do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo"(2Cor-4,6): Além de indizível essa experiênciã é incomunicável, e no entanto une profundamente aqueles que ouviram o mesmo apelo. E' além disso uma experiênciã inaferrável, produzida numa noite e num vazio, de tal modo que luz alguma criada ou palavra humana pode exprimir, na qual domina uma fisionomia extraordinariamente clara e uma palavra definitiva que é a de Jesus Cristo, seu irmão e Senhor. Sua fê se alicerça sobre esta presença em você, sobre este poder que você experimenta. Radica-se, no mais profundo do seu ser onde Deus mesmo se revela pelo Espírito, numa forma que vai bem mais para lá de tudo o que você pode pedir ou conceber.

182.

182. Mas esta experiência original da fé não se limita só ao primeiro dia: é ao longo de toda a existência que este encontro e esta conversão se prolonga e se aprofunda. A cada instante você deve ser capaz de renovar essa experiência, sobretudo nos grandes acontecimentos que marcam sua vida e a vida do mundo. Você precisa descobrir incessantemente aquele em quem põs a confiança. Porque Deus sempre se apresenta com uma fisionomia nova, inesperada, e você não acabará nunca de esgotar o Conhecimento do Senhor em sua vida. E' no coração de sua história e da história do mundo que o mistério de Deus e sua resposta surgem incessantemente, como acontecimento permanente dentro de seu pobre devir pessoal, no curso de sua história. Então a fé é sua história enquanto se deixa penetrar pelo poder ativo de Deus, que realiza assim a história do mistério divino, o Reino que cresce.
183. Na fé tudo se passa como se você devesse refazer por si mesmo, no interior de sua existência pessoal, a história a do povo de Deus. Em sua vida você precisa percorrer a aquele itinerário que de Abraão até os Apóstolos é o itinerário da fé. Você não pode nunca pensar que já chegou ao termo, que "já sabe", "já crê". Por causa de seu coração "lento para crer", existe sempre uma distância entre aquilo que você sabe a respeito de Deus, e aquilo que você vive dele e com ele, isto é, existe sempre uma distância entre a fé que você apregoa e a fé que você vive. Porque a verdadeira fé só começa quando Deus se torna a substância de sua vida: "Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2,20). Então sua vida na carne você a vive "na fé do Filho de Deus que o amou e se entregou por você".
184. A história do povo de Deus dá o tipo de experiência de suas relações com Deus e do conhecimento de seu mistério. A revelação não consistiu no fato de Deus ditar a alguns homens de escritório um conjunto de verdades já feitas, encarregando-os de transmitir aos pósteros. Nem Moisés, nem os Profetas, nem os Salmistas e nem os Apóstolos eram homens de escritório. A revelação começou pela Aliança, e a Aliança é feita de um acontecimento: um contrato de aventura aberta. Abraão sai de sua terra, e se põe à caminho, obedecendo a uma ordem e aguardando uma promessa: "Eu sou Javé, que o fiz sair da terra de Ur

- dos Caldeus, para lhe dar esse país por herança" (Gen-15,7). E quando Moisés quis saber o nome de Deus, o nome que revela a pessoa, a resposta que obteve foi esta "Eu sou o Deus de vossos pais", isto é, aquele que fez aquilo que já sabeis. E finalmente: "Eu sou aquele que é". Eu sou: isto é, nome algum, definição alguma pode explicar aquilo que sou. Eu sou aquele que foi, eu sou aquele que ainda hoje é para você e que será para vós e diante de vós" (Ex 3,13-15). Em outras palavras: é no interior de uma relação vivida com Deus que a revelação surge, e pouco a pouco toma forma. Nada se conhece sobre esse Deus que antes não tenha sido vivido, experimentado. O escritor sacro é apenas o arauto desse gesto, que ajuda a transformar o acontecimento em experiência, e a experiência em consciência.
185. Agora, tendo já terminada a revelação, essa experiência não consiste em acrescentar alguma coisa a mais a esse depósito. A experiência da fé agora consiste em fazer viver essa palavra, torná-la atual. Agora é preciso apropriar-se da palavra que está na Igreja, isto é, é preciso fazê-la viver pela lenta penetração de todos os aspetos do mistério de Deus Salvador. Essa apropriação se faz ao longo de tua história. O conhecimento de Deus está condicionado à experiência de Deus como pessoa viva no coração de sua existência.
186. E o que vale para você, vale para toda a Igreja. A Igreja já foi aos poucos se apropriando daquela fé que guarda já no início. Não se diz que antes do Concílio Vaticano II não se sabia o que agora está expresso na Lumen Gentium. A Igreja sabia, mas não se tinha apropriado. Porque a Igreja possui também essa natureza histórica, e, portanto, obedece suas leis de progressividade e alternância. Progressividade, porque penetra lentamente, no mistério revelado já desde a origem; alternância, porque esquece temporariamente certas verdades, e redescobre de novo aquilo que uma vez já conheceu claramente.
187. A fé, então, é a adesão de uma vida à penetração do amor de Deus na história. Você sabe, que muitos cristãos hoje são atormentados e sofrem na sua fé! Porque todos corremos por demais o perigo de nos acostumar com a fé.

E esse "acostumar-se" com a fé é uma degradação da fé degradação que consiste em converter a fé num sistema de idéias. Você não deve confundir fé cristã com a necessidade que temos de cercar nossa existência com um sistema de idéias. A fé não é isso: é antes de tudo disponibilidade total de nossa existência ao Espírito que sopra onde quer. Você deve permanecer pobre na sua fé ou seja, timorato, diante das surpresas da existência, quando suas esperanças são postas em cheque: "Eu sei em quem confiei" (2Tim 1,12).

DEUS TROCA SEU OLHAR

188. O olhar é aquilo que você tem de mais pessoal, é aquilo que você tem de mais "seu", e, talvez, mais precioso. Você, por certo, já reparou para a maneira de olhar das pessoas, a maneira como as pessoas focalizam o universo, os acontecimentos, etc. Cada ser humano manda no seu olhar, formando-o ou deformando-o. Talvez seja este o poder mais decisivo, mais impressionante - talvez também, mais trágico - que o homem possui: o poder de educar seu olhar ou de deformá-lo. Cada pessoa, colocada diante de uma paisagem, vê sempre algo que outra não vê: cada qual enxerga a seu modo, através o espelho que tem na alma.
189. Seu olhar lhe pertence, e você é responsável por ele. Às vezes lhe é custoso ver aquilo que é. Você tende, por vezes, a ver o que não é, mas o que você gostaria que fosse. No Evangelho há um episódio impressionante sobre essa tendência no homem para ver não o que é, mas o que quisera que fosse. É o episódio do cego de nascimento, (Jo 9,1-38). Os fariseus, os pais do cego, queriam ver outra coisa em Jesus.
190. No Evangelho, o encontro das pessoas com Cristo é sempre um encontro que provoca dentro delas um estado de questionamento. Com isso Cristo entende provocar no íntimo das almas um mecanismo de mudança do olhar. Essa mudança do olhar é uma batalha, e a fé consiste na vitória que, nesta batalha, a luz alcança sobre as trevas. Cristo lutou por mudar os olhos dos homens. Nem sempre o conseguiu. Judas, por exemplo, na hora do encontro de Cristo com a Madalena, e o vaso de alabastro: Judas não

mudou seu olhar sobre o dinheiro. Simão, o fariseu, no momento do encontro de Cristo com a pecadora, não mudou seu olhar sobre o pecado. Os fariseus, os pais, no episódio do cego de nascimento, não mudaram seu olhar sobre Jesus. O cego mudou. Ele viu: "Quem é, Senhor, para que eu veja?" E ele acrescentou: "Sou eu! - e, prostrando-se, o adorou". Mesmo o Pai e a Mãe de Jesus, num dos primeiros episódios da vida de Cristo, quando o menino ensinava no Templo: ele começou por pedir que modificassem o olhar: "Não sabeis que devo ocupar-se com as coisas de meu Pai?" (Lc 2,49). Cristo lutou por modificar o olhar dos homens. E muitos o aceitaram. Por oposição ao olhar dos fariseus, de Judas, de Simão, vê-se no Evangelho esses outros olhares que se abrem, se transfiguram, se convertem e se transformam.

191. O obstáculo mais difícil que você tem para vencer no trabalho da conversão interior, é a mudança de seu olhar. É interessante notar no Evangelho quais os olhares que geralmente se recusam mudar: são os olhares de pessoas instaladas, de pessoas amargas, de pessoas azedas, de pessoas intolerantes, de pessoas tristes. São pessoas que julgam a realidade não pelo que é, mas segundo suas idéias, seus "princípios", seus preconceitos, aquilo que essas pessoas acham que são "bons princípios". Os fariseus não acreditavam em Jesus porque tinham bons princípios. Eles eram discípulos de Moisés. Então tinham "bons princípios". Era através esse par de lunetas que cada um fabricara para si mesmo, que julgavam as coisas. Cristo Jesus disse bem claro que esta é a batalha mais decisiva de sua vida, e que será sobre este ponto que você será julgado. É a grande cena do juízo final, quando os homens, espantados, perguntam a Cristo: "Quando foi, Senhor, que nós te vimos com fome, com sede, estrangeiro ou nu, doente ou peregrino e não te socorremos?" (Mt 25,44). Eles estão todos suprezos, desapontados, porque nunca viram Jesus. Não o reconheceram. Isto é, não mudaram o próprio olhar, de molde a capacitá-lo para ver Jesus em todo aquele que é pequeno, pobre, humilde, abandonado. Esta é a batalha decisiva da fé, deste combate entre luz e trevas que começou em você no dia do batismo. Esta é sua batalha decisiva: poder olhar o mundo, as coisas, os outros, Deus, como Cristo vê. Olhar como Deus e Cristo olham. O cego de nascimento o-

lhou com o olhar de Cristo: "Quem é ele, Senhor, para que eu creia?" - Sou eu!" A fé é assim: da Cristo não a penas como objeto, mas também como olhar. Esta será a grande vitória de sua vida.

192. A fé está na raiz da construção do Reino de Deus! Certa vez, em Cafarnaum, Jesus encontrou um Centurião Romano: viera rogá-lo pelo seu servo que sofria cruelmente (Mt. 8,5-13). A fé manifestada por aquele homem foi tal, que Jesus se admirou, e disse aos que o cercavam, que no povo eleito nunca encontrara fé tão grande. A história da fé começou com Abraão, que por isso é chamado o Pai de todos os crentes. Abraão foi o homem da fé, o homem que aceitou a tal ponto a palavra de Deus, teve tal confiança em Deus, que estava para sacrificar seu próprio filho. No último momento, justamente quando estava para acionar o punhal do sacrifício, o anjo segurou a mão de Abraão. E o anjo disse ao patriarca, essas palavras que estão na gênese da história de todos os que crêem, de sua história: "Eu juro por mim mesmo, diz o Senhor, que assim como você fez isto e não negou seu único filho, eu lhe encherei de bênçãos e multiplicarei tanto a sua prole que ela será como as estrelas do céu e as areias do mar. E a sua geração possuirá as portas de seus inimigos e todas as nações da terra serão abençoadas na sua geração, porque você obedeceu à minha palavra" (Gen. 22, 16-18). A geração de Abraão é a geração daqueles que acreditam na palavra de Deus para lá de qualquer persplexidade da natureza, com a certeza de que a palavra de Deus tem a razão de ser em si mesma, justifica-se por si mesma. Era fé era a riqueza do povo nascido de Abraão.

193. Abraão é também o chefe - segundo a carne - do povo hebreu. A grandeza daquele povo não estava na raça, nas glórias acumuladas aos poucos, ao longo de muitas vicissitudes, mas no fato de que sobre ele pairava a promessa que Deus fizera a Abraão, e, mediante Abraão, a todos os seus descendentes. Mas esse povo devia corresponder a essa promessa de Deus com fé igual a de Abraão. Em vez, aos poucos, esse povo esfriou na fé. Concentrou-se sobre as próprias glórias, exaltando-se, dando lugar a uma forma de nacionalismo religioso que, diante das na-

ções, se revelava como fator de fanatismo e segurança, e que, na presença de Deus, era, no entanto, merecedor de repulsa e punição. Por isso, quando veio Aquele que era o objeto último da promessa - Jesus Cristo - com o qual o Reino de Deus devia encher os vazios carnisais do povo judeu para invadir a terra, eis que Jesus Cristo, o Prometido, não achou muita fé no povo de Deus. Achou mais fé naqueles que não eram filhos de Abraão segundo a carne, como o Centurião Romano. O Centurião Romano foi um homem que teve tanta fé na palavra de Cristo, que o próprio Jesus se comoveu.

194. Deus nada admira tanto no mundo como a fé. Aliás, há uma só coisa no mundo que Deus admira: a fé. Só a fé tem valor para Deus. Tudo o que na sua vida não fôr expressão de fé, ou condição para a fé, não tem valor para Deus. Deus se comove diante de um homem de fé, porque quando um homem tem fé na palavra de Deus, lutando contra todas as trevas do misterio, esse homem realiza tal ato de generosidade, tal ato de amor, que naquele momento o homem se assemelha a Deus, que é puro amor e pura dição.

O DRAMA DE SUA FÉ

195. A verdadeira crise de sua vida com Deus reduz-se sempre a uma profunda crise de fé. E o núcleo dessa sua crise não é tanto o questionamento intelectual, mas a vivência da própria fé. A crise de fé é sempre uma crise existencial. O caminho que conduz você ao mistério de Deus, é um caminho difícil, como foi difícil o caminho que o Povo de Deus percorreu no deserto, para o esclarecimento e a purificação de sua fé. Cada dia o desalento, a inconstância e as crises o aguardam em qualquer ponto. Isto sem esquecer que a fé, em si mesma, é escuridão e incerteza. A marcha pelo deserto constituiu a prova de fogo para a fé de Israel em seu Deus. É verdade que dessa prova saiu fortalecida a fé de Israel. Entretanto aquela peregrinação esteve cheia de adoração, de blasfêmia, rebeldia e submissão, fidelidade e deserção, aclamação e protesto. Tudo isso é um símbolo real de suas relações com Deus. Você é alguém que está "a caminho". Tudo isso é um símbolo das vacilações e perplexidades que você sofre em suas ascensões para Deus, mais concretamente, em sua vida de fé. Poucos homens se viram livres desses desfalecimentos. Poucos, talvez ninguém!
196. Houve um dia em que Deus apareceu no cenário da história humana. Entrou para ferir, libertar, igualar. Amigo de Deus e condutor de homens, Moisés enfrenta o Faraó, reúne o povo disperso, e põe em marcha para o país da liberdade. Saídos do Egito, começa a grande marcha da fé para a claridade total. Mas desde os primeiros passos, a crise de fé começa a enroscar-se como uma serpente no coração do povo. A dúvida sobe a suas gargantas para gritar: "O deserto será nosso túmulo". (Ex.14,11). "Não lhe dizíamos que nos deixasse servir aos egípcios? Era melhor do que morrer no deserto!" (Ex. 14,11). É preferível a segurança à liberdade. No meio da confusão Moisés mantém viva a fé: "Vocês não devem temer, Deus

fará brilha a sua glória e amanhã mesmo vocês verão resplandecer essa glória" (Ex. 14,12). porque Deus "com baterá com a gente". Então a fé do povo se acendeu de novo. E aquele povo contemplou um fenômeno nunca visto: um vento forte começou a soprar do sul, que cortou as águas e as dividiu em duas grandes massas. E o povo passou como entre duas muralhas, enquanto os egípcios ficaram pregados como chumbo no fundo do mar. Diante desse prodígio o povo acreditou em Deus, e entoou um cântico triunfal. Mas fora preciso um "sinal" para recuperar a fé. "Vocês creram porque viram. Felizes aqueles que creem sem terem visto" (Jo 20,29).

197. A caravana avançou interrando-se a fundo no deserto do sul. O deserto voltou a provar a fé do povo. O silêncio da terra, e, às vezes, o silêncio de Deus invadem suas almas, e sentem medo. Esgotaram-se as provisões. Que há verão de comer? Como aves de rapina, caem sobre o povo o desalento, as saudades e a rebeldia, "Você nos trouxe ao deserto para a gente morrer de fome? Seria melhor morrer pela espada nas mãos do egípcios!" (ex 16, 3). O POVO sucumbirá tentação das saudades e "chorava enquanto dizia: Oh! aquela boa carne do Egito! Oh! aquele saboroso peixe que comíamos de graça no Egito! E os melões, aqueles pepinos e aquelas cebolas e aqueles alhos" (Num 11,5). Moisés, cuja fé se mantinha inabalável, por diariamente conversava com Deus "como um amigo", disse ao povo: "Nada tenho a ver com as murmurações de vocês porque essas vozes são queixas contra Deus. Mas afirmo que amanhã mesmo vocês vão ver outra vez a glória de Deus. Os protestos de vocês ficarão reduzidos a ridículas vozes" (Ex 16,5-9). Na tarde do dia seguinte, um bando de codornizes cobriu todo o campo e no outro dia apareceu sobre a terra algo semelhante a orvalho, com o que o povo se saciava todas as manhãs (Ex 16,13-16).
198. A caravana prosseguiu seu avanço deserto adentro, sob um sol e sobre um mar de areia aedente. Na medida que avançava, novamente o desalento e a tentação definitiva de deter-se, abandonar a marcha e regressar às comodidades antigas, ainda que fosse em estado de escravidão, tomava conta daqueles corações. "Você nos trouxe ao deserto para matar de sede a nós, nossos filhos e nosso gado

(Ex 17,3). Foi então que uma dúvida pungente destruiu a recordação de tantos prodígios, corroeu o fundamento da sua fé, e se expressou naquela terrível pergunta: "Deus está com a gente, sim ou não?" (Ex.17,7). A dúvida alcançara seu mais alto nível. Por isso aquele lugar chamou-se MASÁ, que quer dizer, "o lugar em que protestaram contra Deus, e MERIBÁ, ou seja, o lugar em que desafiaram Deus. Foi a maior prova do deserto na marcha do povo em direção a Canaã.

199. Sempre foi áspera e difícil a rota da fé. Mas em nossos dias as dificuldades aumentaram. Estamos **atravessando** novo deserto. As ameaças que nos espreitam são as mesmas de outrora: desalentos por eclipses de Deus, **aparição** de novos "deuses" que exigem adoração, e a tentação de suspender a marcha para a fé, para voltar ao **confortável** e "fértil Egito".

200. Um tipo de dificuldades contra a fé, hoje, é de ordem intelectual. O homem viveu milhares de anos, sob a **tirania** das forças cegas da natureza, forças que ele **endeusou**. Para resistir às forças divinizadas, o homem recorreu aos ritos **mágicos**. Embora a Bíblia seja uma **purificação** desses conceitos e costumes **mágicos**, em nosso **recondito** mais íntimo ficaram remaniscências, muitas das quais atribuímos ao Deus da Bíblia. A **técnica** **desmoralizou** essas convicções e costumes. A ciência dá **explicações** para o que antes se atribuía a divindades **místicas** ou se considerava atributo exclusivo de Deus. E surge um perigo: O de confundir o **mágico** com o sobrenatural, arrazar indiscriminadamente um com o outro sem distinguir convenientemente o trigo do joio, e chegar à **convicção** de que tudo o que não for ciência-técnica, ou não existe ou é uma **projeção** de nossa **impotência** ou do nosso **temor**. Realmente, em tempos passados, muitos fenômenos da natureza era explicados relacionando-os com Deus. Agora ao comprovar que todo fenômeno natural se explica com métodos científico, **imperceptivelmente** podemos nos **desentender** com Deus. Enquanto nossa mente vai **descrendo** daquelas **explicações**, na mesma medida nossa vida **consciente** vai se **esvasiando** gradualmente da presença de Deus.

201. Se conseguirmos amadurecer pessoalmente uma fé coerente

com as descobertas científicas, sobrevêm a secularização que, sem dúvidas, é um processo purificador da imagem de Deus. Mas, como muitos não conseguem distinguir as fronteiras desse processo conveniente e necessário, passam para o terreno da secularidade e terminam num secularismo profano em que a fé em Deus se debate em agonia próxima da morte. Tudo isso está originando uma ideologia radical e exclusiva, que só admite, o século, o mundo, o profano. Como consequência dessas idéias, surge o "horizontalismo", ideologia que debilita a fé e em problematiza nossos solenes compromissos com Deus, porque diz que qualquer esforço aplicado ao que não pertencem a este mundo é "alienação". A vida com Deus, tempo mal aproveitado; qualquer entretenimento religioso, tempo perdido; o celibato, absurdo e prejudicial; a única atividade válida, a promoção humana; o único pecado, a alienação. Essa inspiração ambiental vai penetrando na sua alma, você que outrora, por uma fé incondicional, estava ligado a Deus por forte aliança. O novo povo de Deus se atolou outra vez em Meribá e em Masá, onde a fé descera aos níveis mais baixos, e já se encontram, como lá, os lamento e os desafios.

202. Outro tipo de dificuldades contra a fé, hoje, é de ordem vivencial. Muitos aceitam como critério de vida o imediatismo, a eficácia e a rapidez. Ao contrário, a vida de fé é lenta e exige uma constância sobre-humana. Seu progresso é oscilante, e não é comparável com métodos exatos de medição. Em consequência, você se sente defraudado, confuso e como que perdido na selva. Pela influência das ciências psicológicas e sociológicas prevalecem hoje os critérios subjetivos. O que era "objetivo", como as verdades de fé, as normas da moral ou do ideal, perdeu sua atualidade e valor, abrindo caminho livre para os valores subjetivos e instintivos. Hoje está na moda o emocional, o afetivo e o espontâneo. Daí decorre o fato da completa desvalorização de certos critérios como o domínio de si mesmo, enquanto o comodismo se ergue como nova norma de comportamento. Não tem sentido hoje, a ascese, a superação, a privação, elementos indispensáveis na marcha para Deus. Para muitos essas palavras são até repugnantes: pensam, pelo menos, que são prejudiciais para o desenvolvimento da personalidade.

Com isso você está vivendo de novo no deserto. O caminho para Deus está erigido de dificuldades. As tentações mudaram de nome. Antigamente as tentações eram panelas cheias, peixe frito, carne assada, cebolas e pepinos do Egito. Hoje as tentações são horizontalismo, hedonismo, secularismo, subjetivismo, espontaneidade, frivolidade. Chegará você à Terra Prometida? Abandonará você a dura marcha da fé? Qual é e onde está o "Jordão" que você terá que atravessar para entrar na área da liberdade? O horizonte está mais uma vez povoado de perguntas, silêncio e escuridão. E' o preço da fé, você está num processo de decantação. A fé é um rio que avança. A impureza se depositou no leito do rio, mas a corrente das águas continua.

SUA FÉ DEVE SER ADULTA

203: A fé é um ato e uma atitude que abrange o homem todo sua confiança profunda, sua fidelidade, seu consentimento intelectual e sua adesão emocional, abrangendo também sua vida, comprometendo sua história inteira, com seus projetos, emergências e eventualidades. A fé, ao longo de seu desenvolvimento normal, engloba os seguintes elementos: Deus se põe em comunicação com você. Depois Deus pronuncia uma palavra, e você se entrega incondicionalmente. Deus põe à prova essa fé. Você se perturba e vacila. Deus se revela de novo. Você aceita o plano delineado por Deus, participando profundamente da força de Deus. Esta é a fé que fez Abraão "andar na presença de Deus" (Gen 17,1). Deus foi a inspiração de sua vida. Foi também sua força e norma moral. Foi, sobretudo, seu amigo.

204. Você não é turista, mas peregrino. O peregrinar supõe fadiga, cansaço, dificuldades, desconcerto, tentação de voltar ao Egito, tentação de abandonar a caminhada. Tudo isto supõe sua vida de fé. Da mesma forma que Abraão Deus tirou você de sua parentela, porque você escolheu um projeto de vida especial. Esse projeto consiste essencialmente em você ser um homem de Deus. Você é um homem de Deus. Infelizmente você pode ser isso apenas profissionalmente. Mas, em princípio, você é um homem de Deus. Pois bem, como Abraão, você, homem de Deus, foi tirado pela voz de Deus que o chamou do meio de sua parentela, foi tirado dos braços dos pais, foi arrebatado aos braços da esposa, aos braços dos filhos, da terra. Deus tirou você de sua terra, de suas coisas, e o colocou num deserto. Este deserto é um desterro. "Abraão saiu de sua terra e não sabia onde ia" (Hebr. 11,18). Deus a tirou você a este deserto da fé, na noite escura da fé. Todos os dias, neste deserto, ou nesta noite, você pres-

sente a presença de alguém, mas não o sente.

205. Você vislumbra a realidade de Deus por tacteamentos, você o busca na penumbra, como um cego que procura por alguém com o bastão. Enquanto você vive, está condenado a não ter (a não ser por meio de uma graça infusa, um dom particular), a evidência sensível de Deus. Você é incapaz de detectar, de dominar intelectualmente a realidade de Deus. Você está numa noite escura, está numa peregrinação, longe da face do Senhor. Essa é a realidade profunda de sua vida. Para você que procura viver a uniao com Deus intensamente, a fé é como um espinho, como um verdadeiro drama. Só não é drama para aqueles que vivem a vida de tal maneira que Deus tem pouca importância.
206. Por que a fé é uma noite escura? Porque Deus é um ser absolutamente "outro". E' realidade absolutamente de outra ordem. Deus é um SER. Mas não é ser como o são os seres que nos redeiam, como o é o nosso ser. E' um ser absolutamente de outra ordem, absolutamente outro. Ora, o processo normal do conhecimento humano acontece da seguinte maneira: nada há em nossa mente que não passa pelo viaduto dos sentidos. O processo começa nas impressões dos sentido. Essas impressões que entram pelos sentidos depois são trabalhadas pela mente, e com esse trabalho, a mente deduz, tira algo, faz uma elaboração dessa matéria, e daí extrai a idéia universal. Quando você possui a idéia "universal", já está no processo normal do conhecimento humano.
207. Vamos agora ao caso da fé. Deus é um ser absolutamente outro, e por isso não pode absolutamente entrar por nenhum de seus sentidos até chegar à fábrica elaboradora da mente. Deus não pode entrar por nenhum de seu sentidos. Por isso você não tem um conhecimento natural de Deus. Seria o mesmo que explicar a um cego de nascimento o que é a cor azul. Nós faríamos isso fazendo referencias a outras coisas semelhantes e parecidas, para assim levar o cego à idéia central. Acontece que, na realidade, ao explicar ao cego o que é a cor azul, não podemos referir a qualquer coisa em que ele se possa apoiar. E' possível que, no final de sua explicação, o ce-

go fique pensando que o azul é algo parecido com uma coisa dura, resistente. E você dirá: "Meu cego, a cor azul não é nada disso que você entendeu. É outra coisa. Em relação a Deus você está na mesma situação que o cego de nascimento em relação ao conhecimento das cores. Deus não pode entrar pelo viaduto de seus sentidos até a fábrica elaboradora do conhecimento, que é a mente. Deus não pode entrar pelo processo normal do conhecimento humano. Então, para entendê-lo, você tem que fazer referências as coisas que o levem de uma maneira ou de outra à percepção daquilo que ele é. Para perceber Deus você faz uso de outros conceitos, conhecimentos que já tem pelo contato com as coisas. Por exemplo: você sabe o que é uma pessoa. Então você diz: Deus é Pessoa. Entretanto, você logo deveria acrescentar: Deus não é Pessoa como nós somos pessoas. Deus é absolutamente diferente da Pessoa cujo conceito está em minha mente. Deus é absolutamente diferente de minhas sensações, percepções, imaginações, representações, idéias. Deus me transborda absolutamente. Deus me ultrapassa absolutamente. Deus é absolutamente maior, mais fantástico, mais incomparável, mais inimaginável, mais inefável de tudo o que eu poderia imaginar, sonhar, sentir, fantasiar. Deus é realidade absolutamente para lá de tudo o que eu poderia conceber com a mente ou com o coração. Para conhecer Deus você tem que proceder assim: proceder de você mesmo. Por isso a fé é noite escura. Deus não pode entrar em você através os meios normais do seu conhecimento humano, porque não pode entrar pelos sentidos e ir até a máquina elaboradora do conhecimento que é a sua mente. A fé, então, é noite escura. Você está na noite. Qualquer uma de suas representações é inadequada, ineficiente e incapaz de conter e reter a tremenda e formidável realidade de Deus.

208. A respeito do mistério de Deus, há na Bíblia, três perguntas: 1º Quem és tu? - 2º O que queres? - 3º Como te chamas? - São três perguntas que tem o mesmo conteúdo. Praticamente são perguntas sinônimas. Semiticamente, dizer o nome de uma pessoa é o mesmo que indicar a essência e a natureza dessa pessoa, equivale a dar posse, do minar, dar um sentido, dar uma razão de ser, de existir. Semiticamente, portanto, dar um nome a Deus, significa

dominar Deus intelectualmente. Moisés, depois daquele encontro face a face com Deus, depois que Deus lhe dissera que fosse ao Egito libertar o povo que sofria, Moisés perguntou: "Mas, que direi ao Faraó? Sou gago e não sei falar". Moisés resistiu por muito tempo, mas finalmente disse: "Sim, irei!" E Deus disse: "Eu estarei com você". Então Moisés lembrou-se de perguntar: "Mas, como você se chama? Quando me perguntarem: quem enviou você aqui? - Que responderei eu? Como se chama você?". E a Bíblia diz, nesse lugar, que o verdadeiro Deus é precisamente aquele que não tem nome. O verdadeiro Deus é aquele que não cabe numa palavra, por mais sublime que esta seja. Ele é inefável. Ele é inominável.

209. Essa palavra "Eu sou aquele que sou" parece uma expressão por demais helênica e racionalista, e não parece corresponder de forma alguma ao pensamento bíblico e ao temperamento semita. Essa frase, no original, deveria ser traduzida em nossa língua mais ou menos dessa maneira: Eu sou aquele que não compete a você saber. Eu sou aquele que está fora do alcance de sua compreensão. Você não pode abranger-me. Na Bíblia, dizer o nome de uma pessoa é dominar intelectualmente. Deus não cabe nas palavras. Deus está acima de qualquer nome, de qualquer pensamento. Este é também o significado daquela luta misteriosa entre Jacó e o Anjo (Gen 32,25-33). Ao amanhecer Jacó perguntou a Deus: "Por favor, diga-me quem é você! Qual é o seu nome?". E a resposta de Deus, como sempre, foi uma evasiva. "Por que você quer saber meu nome?" Isto é, é inútil querer saber meu nome. Você não deve pretender o impossível. Meu nome transcende você. Quando Manué, em Juizes 13,18-20, também perguntou a Deus: "Como você se chama?", Deus respondeu: "Por que você pergunta por meu nome?" Ele é misterioso. Meu nome, minha natureza, transcende sua mente. Sua inteligência não é capaz de dominar-me.

210. Assim sendo, todos os nomes que damos a Deus, devem ser expressões por indicação negativa. Deus é infinito, é o imenso, inefável (in-falável, in-pronunciável, indizível). Deus é realidade que ultrapassa qualquer palavra humana. Em relação ao conhecimento de Deus, você está tateando na noite. Deus é aquele que você não pode

nomear. Transcende e transborda qualquer realidade e qualquer representatividade, qualquer palavra e qualquer idéia. Moisés, depois de ter tido aqueles encontros face à face com Deus numa solidão absoluta, num certo momento, profundamente fascinado por esta realidade, disse essa famosa frase: "Mostra-me sua glória. Mostra-me sua face". E Deus respondeu: "minha face não pode ser vista. Porque se você visse minha face, morreria instantaneamente. Se você fosse capaz de abranger a realidade de meu ser, sua inteligência explodiria em mil pedaços. Então Deus disse a Moisés: "Façamos assim: coloque-se naquela gruta, com o rosto voltado para dentro, e eu vou passar por traz de você. E quando eu passar, cuidado para não voltar seu rosto, não olhar-me na face, porque você, se fizer isso, morrerá. Só depois que eu passar, você poderá olhar-me pelas costas". Esse episódio, tão rústico, está cheio de simbolismo. Está em Ex. 33, 19-22.

211. Você, com relação a Deus, está na noite. Enquanto você está longe da face do Senhor, na peregrinação da fê, Deus ultrapassa você e o transcende, porque não pode entrar pelos sentidos do corpo até à fábrica elaboradora do conhecimento. Você apenas o conhece num "enigma", num "sinal", num "espelho". Como diz a Bíblia, você o "conhece pelas costas". Você está na noite. Então você deve dar seu passo para a FÊ ADULTA. De que maneira? Renunciando a tarefa de entender, de abranger e penetrar no mistério total de Deus. A fê adulta, fundamentalmente é ABANDONO. Sua fê pode ser infantil. A fê infantil é a fê que está apoiada em "apoios". Apoiase em que? Talvez no Tratado de Teologia fundamental! Talvez no tratado de Apologética! Talvez no tema da historicidade dos Evangelhos, na demonstrabilidade da existência de Deus, nas cinco vias de Tomás de Aquino, na racionalidade de tudo o que você crê, no fato de a razão e a fê se conjugarem perfeitamente com suas exigências humanas, etc. A fê infantil é a que se apoia nessas muletas, nessas racionalidades, nessas seguranças intelectuais. Mas chegou para você o momento em que o Tratado de Teodicéia não diz mais nada. O tratado de Apologética caducou. A historicidade dos Evangelhos é perfeitamente discutível. As cinco vias não convencem a ninguém. Chegou para você o momento de abandonar essas "muletas" e, como A-

braão e todos os grandes homens, na noite escura, despreendido de todas as racionalidades, e todos os cálculos de probabilidades, todos os apoios, dar o grande salto no vazio, e dizer: Amém, abandono-me! Entrego-me! Parece absurdo? Não importa: entrego-me!

212. A fé adulta é a que não tem nenhum andaime racional, nenhum apoio racional. Realiza-se na noite escura dos sentidos, num despojamento. A fé adulta é uma fé nua. É a fé de Abraão, contra todas as razões, contra todas as esperanças. Entrego-me! Em nossos dias, certos apoios de um tempo começaram a cambalear. Então, num tempo assim, muitas deserções haverá na fé. Mas, os que crerem serão da estirpe de Abraão. A realidade da fé adulta é a realidade de um menino colocado no último andar de uma casa incendiada, rodeada de chamas e fumaça. O pai, em baixo, grita: "Meu filho, atire-se que estou aqui em baixo, e seguro você nos braços". E o filho responde: "Papai, não enxergo nada!" Mas o pai insiste: "Não faz mal, você não me vê, mas eu estou vendo você, pode atirar-se que o seguro nos braços". E o filho se atira no escuro da fumaça. E o pai o recebe nos braços". Esta é a imagem da fé adulta. A fé adulta é esta coragem de lançar-se no meio de uma fumaça. Certamente a fé adulta é um dom de Deus.

O SILÊNCIO DE DEUS

213. Deus é aquele que se cala desde o princípio do mundo. Eis o fulcro da tragédia universal: Deus se cala... Estou inserido numa vida consagrada. Um dia ouvi claramente a voz de Deus que me convidava a segui-lo. Fui atrás dele. E me pus neste deserto de fé. Nos primeiros tempos o Senhor foi uma dádiva. De dia era uma nuvem branca, protegia-me dos raios solares. De noite era um archote resplandecente de estrelas, protegia-me da escuridão e do medo... Passaram-se os anos. Tudo continua na mesma. Todos os dias levanto e começo a procurar o Rosto do Senhor. Às vezes sinto cansaço de tanto procurar e nada encontrar. Pergunto ninguém responde. Entretanto, sou jovem. Tenho um coração solitário e puro. Deus é seu HABITANTE. Às vezes sinto que ninguém o habita. Passei a noite toda diante do Santíssimo. Ao amanhecer sentia sono e decepção. Só eu falava. Deus era "aquele que sempre cala"... Correm os anos. Em minha alma alternam-se dias claros e dias nublados. Pela primeira vez senti a mordida dura de umas perguntas, que como um exército em ordem de batalha, assaltaram minha pobre alma. Não terei sido vítima de uma ilusão? Esta aventura em que me meti e me comprometi, não será uma desventura? Vive-se só uma vez e o projeto de minha vida, que escolhi para ESTA ÚNICA VEZ, não será uma *paixão inútil"? Chorando enderecei essas perguntas ao Senhor. Mas não recebi resposta... A juventude já passou, para sempre. Com frequência fico deprimido, a vida me entendia. Foram-se, para sempre, os arroubos juvenis e começam a aparecer os sinais de decadência. Muitas vezes tenho uma sensação esquisita: para não desfalecer, tento agarrar-me com Deus, mas tenho a impressão de apalpar uma sombra. Hoje pude distinguir claramente o Rosto do Senhor. Nestas oportunidades sinto que me nascem asas e enorme vontade de voar tão alto como as águias... Sinto-me como um saco de areia, cansa

do de lutar contra a escuridão da fé. Digo: Se nesta noite o Senhor me visitasse para me dar um pouco de consolo e ânimo... Mas nem nesta noite apareceu o Senhor. Entretanto, ao amanhecer, abandonei-me em suas mãos, e senti uma estranha alegria, profunda como nunca... Passaram-se muitos anos. Estou no ocaso da vida. Não tive filhos meu sangue não continuará em vão? Não, "sei muito bem em quem acreditei, e a quem confiei a guarda do tesouro de minha vida; estou certo que não serei defraudado no dia final" (2Tim 1,12). "Com estes mesmos olhos verei o meu Salvador" (Jô 19, 26).

214. Os grandes homens sempre sentiram a sensação do silêncio de Deus, ou da ausência de Deus. Você também poderá sentir a sensação do silêncio e da ausência de Deus. Suponhamos o caso seguinte: você teve uma tentação. Com grande esforço, você superou aquela tentação. E Deus cala-se. Não lhe diz nenhuma palavra de felicitação, de aplauso. Você caiu na tentação. Em vez de superá-la, você sucumbiu. E Deus cala-se. Não lhe diz nenhuma palavra de reprovação. Você passou a noite toda, com grande fervor, diante do Santíssimo, fazendo companhia ao Senhor por amor. Ao sair da capela, você nunca ouve sua voz dizendo: Obrigado pela visita! Deus cala-se. Outro dia você sai ao campo, falam as flores e falam os astros. Mas Deus cala-se. Na vida com Deus você persevera com toda a obstinação do silêncio, com todas as perplexidades. Mas Deus nunca lhe diz: Muito bem, vá sempre assim para frente! Está muito bom assim! Deus cala-se! Você entrega-se a ele pela vida toda. E Deus cala-se! Este é um silêncio obstinado e insuportável, que golpeia a muitíssimos corações, minando a fortaleza da fé. E para muitíssimos corações, esta luta traz o cansaço. E sem saber de onde vem, esses corações começam a ouvir umas vozes como estas: "Onde está o teu Deus?" (Sl 41). "Onde te escondeste, Amado, que me deixaste a gemer? Fugiste como o cervo, tendo-me ferido; saí atrás de ti clamando, já tinhas ido!" (S João da Cruz).

215. O Salmo 41 descreve de maneira incomparável o duelo entre a vida e a fé. "Caminho de cabeça baixa, sob as vaidades dos que me perseguem e perguntam: onde está o teu Deus?" (Sl 41,4). Para você que tem fé, para você que fez de Deus uma questão de vida ou de morte, seu pão

muitas vezes serão as lágrimas. Para você que tem Deus como razão última de sua vida, o silêncio de Deus é tão insuportável, que seu pão passam a ser as lágrimas. Esta pergunta - "onde está o teu Deus?" - não é a pergunta de um ateu ou voltairiano, mas é a pergunta do silêncio de Deus! É a obstinação do silêncio de Deus, e começa dentro de você um questionamento, perguntando a você mesmo se por acaso não se trata de uma alucinação, se não se trata de uma quimera, irreabilidade ou subjetivismo. Foi a mesma impressão que Israel teve no deserto. O povo cançou-se com o silêncio de Deus. Sua angústia mais terrível, também, neste momento, pode estar sendo este mesmo silêncio de Deus. Se você tivesse, por um só momento uma teofania, se você tivesse uma segurança absoluta como dois mais dois são quatro de que Deus é Deus, você seria a pessoa mais feliz do mundo. Se por um só instante a claridade do rosto do Senhor, se por um só instante uma graça infusa agisse em sua noite, isso seria suficiente para se gravar em sua alma para sempre. Certos homens receberam esta luz, e depois disseram: "Jamais duvidarei". Se por um só instante a luz do rosto do Senhor iluminasse a noite escura de sua mente, se por um só instante a evidência sensível de que Deus é Deus marcasse sua alma, você venceria todos os combates. Você seria capaz de coisas impossíveis. Haveria mais alegria em sua vida que a abundância de trigo e vinho, isto é, que a soma de todas as possíveis compensações humanas.

216. Entre as pessoas que você conhece, e que, como você fizeram de Deus uma questão de vida ou de morte, há aquelas que sucumbiram diante do silêncio de Deus, e poderemos chamá-los de DERROTADOS. Derrotados pela obscuridade da fé e pelo silêncio de Deus. Essas pessoas dizem que não crêem mais. Não têm mais fé. Abandonaram definitivamente a vida com Deus. Mostram-se profundamente amarguradas. Fazem críticas duras e despeitosas contra a Igreja, chegam a dizer que a Igreja não é mãe, mas madrasta. No fundo, ao falar contra a Igreja, estão falando contra o próprio Deus. Estão derrotadas pela obscuridade da fé e pelo silêncio de Deus. Essas pessoas revelam uma amargura sombria e profunda: Gastei à toa minha vida, porque só tenho uma existência! O silêncio de Deus, as derrotou!

217. Há um segundo grupo de pessoas que podemos classificar como DESCONCERTADOS pela obscuridade da fé e pelo silêncio de Deus. Estão cansados. São os Hebreus que queriam voltar ao Egito. Continuam a caminhada, mas andam de arrasto. O fenômeno típico que os faz sofrer, é o desconcerto. Como o Salmo 29 eles dizem: "Escondeste teu rosto, e eu fiquei desconcertado". Então vem apatia, vem a tibieza, abandonam a oração pessoal, frequentam a oração comunitária e os sacramentos mais por rotina do que por fome. No fundo do desconcerto desses irmãos, entretanto, há uma nostalgia. Voltam aos primeiros anos de sua vida com Deus, os anos em que suas relações com Deus eram afetuosas e vivas. Para fugir da sensação de derrota, lançam-se desordenada e freneticamente às atividades apostólicas. Conforme a lei de compensação, quanto maior o vazio interior, maior atividade. Dentro do ruído da atividade, uma voz os persegue e não podem deixar de ouvir aquela sensura de Deus: "Lembro-me de tua afeição quando eras jovem!" (Jer 2,2). E o que mais sentem é ter perdido a alegria. Lá, muito distante, em alguma longínqua região de si mesmos chegam à convicção final de que não existe outra fonte de alegria senão Deus. E, sem poder evitar, de algum recôndito de seu interior, ouvem as palavras do salmista: "Lembro-me, e esta recordação me parte a alma: como marchava à frente do grupo e os conduzia para a casa de Deus entre cânticos de júbilo e louvores de uma multidão em festa" (Sl 41).

218. Há, finalmente, em nossos dias, um enorme grupo de homens que podemos classificar como CONFIRMADOS na fé. Eles aguentaram em pé a batalha da escuridão. Curtidos pela vida, amadurecidos pela fé e pelo amor, tiveram, em seu caminhos, crises, quedas e momentos de desfalecimento. Mas entregaram-se completamente à graça e esta os forjou e os confirmou. Sentiram que Deus, no projeto de suas vidas, era questão de vida ou de morte, e que por longos anos, seu clamor, ininterrupto e ansioso, foi este: "Por favor, não me escondas o teu rosto, não me abandones" (Sl 26). Nos dias claros, a esperança substituiu a ansiedade e clamavam: "Fase brilhar sobre mim a claridade de teu rosto" (Sl 30). O segredo de sua CONFIRMAÇÃO na fé foi o abandono. Passaram longos períodos de aridez e de secura. Em meio à terrível escuridão, con-

tinuaram entregues. Atados de pés e mãos, deixaram-se levar pelas ondas do desalento e da escuridão, mas certos de navegar no mar de Deus. Esses homens, para conseguir a certeza e a confirmação na fé, tiveram que queimar os navios, despreendendo-se dos trilhos razoáveis, deixar de lado todas as normas de senso comum e todos cálculos de probabilidade, fazer caso omissos de raciocínios e demonstrações, dar o pulo no vazio com um ato de abandono total no Outro, cruzar os braços e fechar os olhos com uma infinita confiança, repetir perpétuamente o "Amem".

219. Quando isso acontecer com você, então surgirá sua luz como a aurora. Depois curará suas feridas. A justiça irá adiante de você e atrás de você a glória de Deus. Então, se você clamar, Deus responderá, e seus brados dirá: "Aqui estou!"... Resplandecerá nas trevas a sua luz e suas noites serão o dia pleno. Deus será seu guia. Nos desertos alimentará sua alma, renovará seu vigor você será como um jardim bem regado, como uma fonte de águas inexgotáveis. Você reerguerá as ruínas antigas, reedificará sobre alicerces seculares, e chamarão você o reparador de brechas, o reparador de moradias em ruínas (Is 58,6-12).

A FLOR DA CRISTIFICAÇÃO

220. A esperança é a flor que nasce da fé, para produzir o fruto da caridade. É a força que faz você chegar, baseado na fidelidade de Deus, aquilo que pela fé você crê. Como tal é a virtude que projeta você no futuro e enche a vida de idealismo, alegria, entusiasmo, otimismo. O cristão é um homem que vive de esperança, alguém que espera. O homem tem desejos infinitos e seu coração vive inquieto enquanto não possuir o infinito. "Que tenho eu lá no céu fora de tí? E se estou contigo a terra não me deleita. Desfalece a minha carne e o meu coração, e o rochedo do meu coração e minha herança é Deus para sempre" (Sl 72,25-26).
221. Pela esperança o céu se faz a idéia-força de sua vida. E com isso a paz e a segurança se instalam em você: "O Senhor é minha luz e minha salvação, quem temerei? O Senhor é o protetor de minha vida, de quem terei medo?" (Sl 26,1). "Os que confiam no Senhor são como os montes de Sião; não se comoverá eternamente o que habita em Jerusalém" (Sl 124,1). Juntamente com o conceito de paz e segurança, a esperança representa fortaleza, força e constância. Desconfiando de você e confiando em Deus, você põe a força humana e se reveste da força divina. Então a esperança dilata o coração, estimula na conquista também do que é árduo, e faz compreender que toda situação difícil na vida é relativa, todo o sofrimento é relativo: dependendo da medida em que você abre para a força de Deus. "Todo aqueles que combatem na arena de tudo se abstem para alcançar uma coroa corruptível. Nós porém, uma incorruptível" (1Cor 9,25). A esperança significa que sua vida se constrói em pedra firme: podem soprar os ventos, inundarem os rios e se arremessarem

contra tua casa. Você estará firme: "Tendo por certo que os sofrimentos do tempo presente não tem proporção com a glória vindoura, que se manifestará em nós" (Rom, 8,18).

222. A esperança é também consolo, alívio, gozo. Mesmo no plano humano a esperança é algo que consola, anima, entusiasma: "Cesse a tua boca de se lamentar, e os teus olhos de verterem lágrimas; porque as tuas obras terão sua recompensa... Para os teus últimos dias te fica a esperança, diz o Senhor, de que teus filhos voltarão para seu território" (Jer 31,16-17). E não só: a esperança é a virtude que faz você colocar as coisas dentro de suas justas proporções, faz você julgar tudo sob o angular da eternidade, o critério da vida eterna. Por isso, enquanto consola, alivia e anima, a esperança torna você sério, terrível diante das coisas terrenas, porque você as aprecia com o critério da eternidade, e faz você dizer que, em última análise, o que não é eterno não é nada! A esperança é uma epifania delicada do Reino de Deus, porque se revela na serenidade da vida, na calma, na capacidade que você adquire para superar qualquer tentação de desânimo, de desespero, de angústia. Por isso é flor que nasce da fé: só quem está seguro de que Deus está conosco, que mora conosco, que anda conosco, pode ter essa esperança que transparece na firmeza, na tranquilidade.

223. Jesus, um dia, "subindo para uma barca, o seguiram seus discípulos. E eis que se levantou no mar uma grande tempestade, de modo que as ondas alagavam a barca; ele, porém, dormia. Aproximaram-se dele os seus discípulos, e o acordaram dizendo: Senhor, salva-nos que perecemos! E Jesus disse-lhes: Por que temeis, homens de pouca fé?" (Mt 8,23-26). Imagine que você está viajando num navio. Um navio que viaja há milhares de anos no mar da existência. Você não sabe de onde partiu esse navio. Não sabe também onde vai parar esse navio. A tribulação perscruta o horizonte, mas só ve trevas. Procura um porto, mas não encontra. Ninguém sabe de onde partiu, e ninguém sabe para onde este navio está navegando. Só sabe uma coisa: que é preciso navegar. E nessa enorme tripulação que navega há milhares de anos correm estranhas

teorias, contrastantes projetos de navegação, e daí nas cem, entre os tripulante, terríveis lutas. O navio está sempre ensanguentado. De vez em quando levanta-se um sábio que procura dissuadir os outros de navegar, porque é inútil navegar. Não existe porto para chegar. Que o navio seja abandonado à mercê das ondas E que fiquem aí, a contemplar as estrelas do céu, essas implacáveis estrelas que nada tem para dizer. Outras vezes surgem profetas que falam de próximos ancoradouros. A tripulação acredita. Apruma o navio naquela direção. Mas ao chegá-la, nada encontra. Foi ilusão. Não existem ancoradouros. E' preciso continuar navegando. De ilusão em ilusão, a viagem continua.

224. Mas em meio à tripulação há alguns homens diferentes. Eles afirmam que Deus vai embarcado conosco. Esse Deus conhece o porto de onde saímos, e conhece o porto onde vamos chegar. Dentro do coração dele estão o porto de onde saímos, o porto onde vamos chegar, as ondas do mar e nós também. Esse Deus está misturado com a tripulação. Está presente como um desconhecido. E esses homens de fé garantem aos tripulantes e aos passageiros que o Deus desconhecido guiará nosso navio para um porto feliz. Dizem que ouviram sua voz, e até o conheceram. E quando eles nos falam assim, muitos tripulantes e muitos passageiros continuam pessimistas. Dizem que é uma certeza absurda. Não se tem provas da presença desse hóspede extraordinário no navio. Mas os homens de fé, a essa objeção respondem dizendo que esse hóspede só se dá a conhecer aos que sabem amar, porque toda essa aventura não tem outro escopo senão aprender a amar e crescer no amor. Só os que têm o olhar iluminado pelo amor é que podem descobrir esse Desconhecido que está presente: o Deus feito homem, que embarcou conosco e que nos acompanha na viagem. Você observa a certeza extraordinária que esses homens de fé refletem no rosto: são homens serenos, calmos, tranquilos, equilibrados. Nas horas de combate, quando tripulantes e passageiros parecem querer a fundar o navio, esses homens conservam o rosto tranquilo, porque têm confiança no Deus que está presente. E não só: essa confiança eles a irradiam e infundem confiança nos outros.

225. Dizem eles que, quando chegarmos ao porto, então o Desconhecido se revelará a todos com essas palavras: "Entrem no Reino que lhes estava preparado desde a constituição do mundo" (Mt 25,34). Então até os próprios crentes serão tomados de assombro, perante a manifestação desse Deus que ficara escondido, e que só aos olhos da fé podia ser contemplado. Os incrédulos ficarão desapontados, não saberão o que dizer. Mas também para eles o Desconhecido terá palavras de esperança: "Você está desapontado porque diz que nunca me viu? Não, você me viu! Certo dia eu estava com fome e você me deu de comer! E você outro, também você me conheceu: certo dia eu estava com sede, e você me deu de beber! E você aí, também você me conheceu; eu estava preso, e você foi me visitar! Eu era peregrino, e você me deu hospedagem! Eu estava nu, e você me vestiu! Eu estava doente, e você tratou de minhas feridas! Sim, também você me conheceu!" Então todo o mundo vai compreender que, durante a viagem, aquele que remou na direção do amor, sem saber já estava conhecendo o Deus Desconhecido que ia embarcado conosco. Isso que você ouviu é uma parábola.
226. Você assim percebe melhor o mistério da esperança. Você que tem fé, sua missão nessa viagem comum, é dar ao mundo o testemunho de que Deus está conosco. Se nos momentos de perigo, de luta, de fracasso, você tiver medo como os outros, se, depois de ter afirmado com tanta segurança que Deus está conosco, ao primeiro sopro de vento você for tomado pelo susto, que dirão os outros de você? Dirão que você é apenas um charlatão, um contador de parábolas! A verdade daquilo que pela fé você afirma, deve estar na sua segurança, na luz de sua esperança. Os apóstolos, no dia da tempestade no lago, pecaram contra a confiança.
227. A esperança que nasce da certeza de que Deus está com você, tem muitas maneiras de se manifestar. Antes de tudo sua esperança deve trabalhar para desiludir os homens das falsas esperanças. Tarefa cruel, à primeira vista: por que tirar os homens da ilusão, quando nela encontram pelo menos um momento de pausa para a dor? Mas não é assim: a ilusão abre o caminho para o desespero. Você deve ajudar aos irmãos a recusarem as falsas esperanças, a aceitarem até o fundo a verdade da existência,

a constatar que sô existe uma alternativa de luz: a da presença de Deus em nossa aventura humana, do Deus que se fez homem para ser em tudo semelhante a nós, e, portanto, para caminhar conosco, para endossar nosso destino e redimi-lo. Depois, a tarefa de sua esperança consiste em dar consolação aos outros. Seus irmãos precisam ser consolados, mesmo quando não dizem que precisam de consolação. E, finalmente, a tarefa de sua esperança consiste em ser luz que ilumina a viagem dos que não tem fê, ou são fracos na fê. Quem tem fê, ao perscrutar o horizonte da viagem, tem no olhar uma força que é capaz de ver luz atraz da escuridão: é o porto luminoso. Essa luz que vem lá de longe deve bater no seu rosto, e de seu rosto você deve refleti-la sôbre os outros, e iluminar o mundo, como a lua que, na noite escura reflete para a terra a luz que lhe vem do sol. Você deve ser no mundo testemunha da validade da viagem humana, do significado positivo do esforço humano. Se você afirma que sô Deus dá sentido à história humana, você deve saber dar sentido a todas as fadigas humanas. Porque se nosso navio tem um porto, então é verdade que todo o golpe de remo, cada luta contra o desespero, o desânimo, a pusilanimidade, é contributo para o êxito de nossa viagem.

UM RISCO NO ITINERÁRIO DO AMOR

228. A esperança insere na vida a idéia-força do céu. Pela esperança, tudo o que é terreno é apreciado sob a perspectiva do céu. "A figura deste mundo, entenebrecida pelo pecado, passa; mas Deus nos ensina que nos prepara uma nova morada onde habita a justiça, e cuja felicidade é capaz de saciar todos os anseios de paz que nascem no coração humano. Então, vencida a morte, os filhos de Deus ressuscitarão em Cristo, e o que foi mantido sob o signo da fraqueza e da corrupção revestir-se-á da incorruptibilidade, e, permanecendo a caridade e suas obras, ver-se-ão livres da escravidão da vaidade todas as criaturas que Deus criou pensando no homem" (Gaudium et Spes n. 39). Você vive na terra construindo o céu. Mas isso não deve significar que você deva descuidar da terra. "O Concílio exorta todos os cristãos, cidadãos da cidade temporal e da cidade eterna, a cumprirem com fidelidade seus deveres temporais, guiados sempre pelo espírito evangélico. Enganam-se os cristãos que, com o pretexto de não termos aqui morada permanente, porque buscamos a futura, consideram que se podem descuidar das tarefas temporais" (Gaudium et Spes, n. 43).
229. A esperança faz de você um peregrino. Mas no seu peregrinar há um risco. Foi Cristo quem falou desse risco. Você custa admiti-lo, mas foi Cristo quem falou, e você deve admiti-lo pela fé. Um risco na sua peregrinação, explicável pela mutabilidade de sua liberdade. O mundo que cerca você não gosta de pensar neste risco. Há um ceticismo difuso a esse respeito: o povo tem uma lista de objeções contra o mistério do inferno. Se você crê que o inferno existe, é só porque ouviu Jesus dizer que existe. E' a palavra dele, tão somente, que você confia sua certeza. Trata-se de um mistério terrível. Você não pode entendê-lo, e não deve prender-se a dificuldades

que você não sabe distinguir. Cristo falou tantas vezes do céu. Mas falou também muitas vezes do inferno. Entre passagens implícitas e explícitas, contam-se no Evangelho umas oitenta em que falou do inferno. Passagens explícitas são dezoito. "Havia um homem rico que se banqueteara todos os dias... Havia também um mendigo chamado Lázaro... Morreu o mendigo e foi levado ao seio de Abraão... Morreu também o rico, e foi sepultado no inferno" (Lc 16,19).

230. Jesus disse que o inferno existe: "Apartai-vos de mim, malditos, e ide para o fogo eterno" (Mt 25,41). "E serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes" (Mt 8,12). "Se teu olho te escandaliza, corta-o" (Mt 5,29)... "se tua mão te escandaliza, corta-a" (Mc 9,43). É melhor entrar na vida com uma só mão ou um só olho do que ter duas mãos ou dois olhos e ser lançado no fogo da geena. Jesus disse que o inferno existe.

231. Mas não só. Falou também da natureza do inferno, disse algo sobre os elementos constitutivos da realidade do inferno. "E quando estava nos tormentos, vi ao longe Abraão e Lázaro no seu seio... Manda Lázaro refrescar minha língua, pois sou atormentado nestas chamas... Há entre nós e vós um grande abismo... não se pode passar daqui para lá e nem de lá para cá" (Lc 16,19). Nesta passagem Cristo apresenta três elementos constitutivos do inferno: tormentos, chamas, eternidade (= abismo). A expressão "abismo" podemos entendê-la por "eternidade". O pecado que condena ao inferno é um ato livre. Ora, um ato livre é um ato absoluto, isto é, um ato que depende só de si mesmo, só da vontade que o produz. É possível induzir a vontade, é possível mudá-la, mas é impossível coagi-la.

232. Há os que perguntam porque o inferno é eterno. Há os que não entendem porque Deus não é cruel fazendo a eternidade do inferno. Se o inferno é eterno, rigorosamente falando, não é porque Deus quer sua eternidade. Se o inferno existe, rigorosamente falando, não é porque Deus quer que exista. Quem faz a existência do inferno é o mesmo condenado. E quem faz a eternidade do inferno é o

mesmo condenado. O inferno não depende da vontade de Deus. O pecado que condena ao inferno é uma ruptura com Deus sancionada, plenamente aceita pela liberdade do homem. Como tal é um ato absoluto. Enquanto o pecador estiver situado no tempo, seus atos de ruptura também estão situados na temporalidade. E o tempo possui "antes" e "depois". O pecador pode agora cortar o laço que o liga a Deus. Mas depois pode reatar de novo essa ligação. Porque está no tempo. Mas, ao entrar na eternidade, no estado de ruptura com Deus, a eternidade é uma duração que não tem "antes" e "depois". Só tem o agora. Entrando nela, o "agora" de ruptura com Deus em que o pecador entra, se petrifica, fixa-se em si mesmo, não deixa esse agora passar para um "depois". É por isso que o inferno é eterno. É o pecador que faz essa eternidade.

233. Tormentos, chamas e abismo, isto é, eternidade! A passagem evangélica do Rico epulão fala desses três elementos, mas há outra passagem que aponta um quarto elemento constitutivo da realidade do inferno: a maldição, e afastamento de Deus. "Então dirá aos que estiverem à esquerda: apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que doí preparado para o demônio e seus anjo". "E irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna". É o quarto elemento constitutivo. Para compreender isso, você precisa compreender a raiz ontológica mais profunda do seu ser. O ser para você, como para qualquer coisa criada, consiste em "depende" de Deus, relacionar-se com ele, tender para ele, ser atraído por ele. É isto que constitui o ser da criatura. Se o inferno é afastamento de Deus, é fuga de Deus, é ruptura com Deus então quer dizer que o sofrimento do inferno é o sofrimento de um absurdo ontológico. Você não pode imaginá-lo. Não podes concebê-lo, como não podes imaginar nem conceber um círculo quadrado, uma morte viva, ou uma vida morta. O inferno é isto: um ser que é não sendo; uma vida que vive morrendo; morte viva. Ser afastado de Deus, viver rompendo com Deus é um sofrimento inimaginável, inconcebível, um sofrimento ontológico. Você não pode imaginar o que significa para o sentimento humano, no dia em que a tendência para Deus se tornar sensível o ser afastado de Deus. Sentir que o existir é tender para ele, e ao mesmo tempo afastar-se dele, inexorável-

mente!...

234. A teologia cristã, tomando esses elementos fornecidos - pela Escritura, os elabora dizendo que o condenado, no inferno, sofre dois tipos de penas: a pena dos sentidos e a pena do dano. São expressões muito frias. Que significam pena dos sentidos e pena do dano? A pena dos sentidos explicamos assim: o homem é cimo do universo - material. Tudo no universo existe para o homem, e o homem existe para Cristo. O pecado do homem atinge toda a criatura material, e o homem, ao receber a redenção de Cristo, deve remir também a criatura material. O pecado é sempre e só um ato pelo qual o homem recusa deixar-se remir por Cristo, e recusa transmitir a redenção recebida de Cristo à criatura material. O pecador, então, condenado ao inferno, é aquele que não cumpriu sua missão - de transformar o universo material em nova terra. O pecado é uma ferida causada também no universo material. Ao sair do tempo como pecador, isto é, ao se colocar na impossibilidade de remir a criatura material, acontece, que esse mesmo universo material insurge-se contra esse homem, vingando-se. É a pena dos sentidos. Símbolo dessa revolta, dessa vingança, é o "fogo". "Ide para o fogo", ficai à mercê do ódio daquele universo material que devíeis ter resgatado da escravidão com a aceitação da graça redentora. Você não deve pensar que o fogo do inferno é como fogo da terra, é o mesmo fogo material, essa realidade física da qual o homem tanto precisa. Diz-se que o fogo do inferno é fogo, mas ignora-se a constituição química daquele fogo. Certamente não é o mesmo fogo da terra, porque não queima na base de combustão, não queima só a matéria, mas queima também o espírito, e queima eternamente.

235. A pena do dano é o aspeto mais terrível do tormento infernal, mais difícil de entender, mais profundo. Jesus, não disse apenas: Ide para o fogo! Disse outra coisa mais difícil ainda de imaginar o quanto é terrível: Afastai-vos de mim, malditos! A pena do dano consiste em ser afastado de Deus, amaldiçoado por Deus. Já disse que você não pode imaginar o que significa, no dia em que a tendencia para Deus se tornar sensível, o ser afastado de Deus. "A morte eterna será justamente o isolamento total, a perda de contacto com Deus e com os

próprios semelhante, porque na vida terrena prevaleceu o egoísmo brutal que não se quis abrir para o amor de Deus e do próximo. A psicologia moderna mostra como a perda de contacto com o mundo objetivo, com o mundo de intercambio humano social leva a destruição da personalidade sadia do indivíduo, leva à loucura. Quando N. Sehnor descreve a vivência do inferno como "trevas onde há choro e ranger de dentes", não nos lembra isso o estado de um esquizofrênico que vegeta com a mente abscurrecida, enfurecendo-se contra si mesmo e contra todos? Se o inferno é o isolamento total, a perda de Deus e dos demais, a perda total do amor e com isso de toda a felicidade, o céu, pelo contrário, é a comunhão dos Santos. E' o convívio com os anjos. E' sobretudo em sua essência a inefável comunicação com a vida da Ssma. Trindade" (W. TEPE, Quero que sejas, p. 106).

O FRUTO DA CRISTIFICAÇÃO

236. O fruto da cristificação é a caridade, a dileção, o amor. Os mestres espirituais empregam indiscriminadamente esses três termos: caridade, dileção, amor. Há, porém, em tre eles certa distinção. O termo "amor" exprime um conceito genérico, indicando "tendência para o bem", tendência que supõe afinidade ao sujeito que ama com o objeto amado. Pela sua natureza corpóreo-espiritual, o homem tem afinidade com o bem corpóreo - sensível e material - e com o bem espiritual. O conceito "dileção", em vez, comporta uma nota específica que é a "eleição" ou escolha do objeto. Como tal é tendência de ordem intelectual, espiritual. É complacência em algo que traz consigo o desejo de comunicação e finalmente leva à posse. A dileção distingue-se em amor de benevolência e amor de concupiscência. Mas em ambos os casos funda-se em certa união ou afinidade entre o que ama e o que é amado. Finalmente o conceito "caridade" tem sentido próprio. O amor, ou dileção de Deus, distingue-se em natural e sobrenatural. O homem pode unir-se à bondade divina naturalmente, porque é criatura racional, e como tal apreende Deus como Criador, Senhor de Tudo. Nesse caso, o amor de Deus é amor natural, e chama-se propriamente "dileção". E pode unir-se a Deus também pela graça: elevado à dignidade de filho, participa na natureza divina. Esse tipo de união chama-se "caridade".

237. A caridade, é forma de amor da qual você é capaz só pela graça de Deus. É dom de Deus como a fé. Dom não apenas porque é gratuito, mas principalmente porque é um ato que só Deus pode realizar em você. Nem todo o amor do próximo é caridade. E nem mesmo qualquer amor de Deus é caridade. Para amar o próximo, basta instinto huma

nitário. Para amar Deus basta instinto religioso. Para que haja caridade em sentido estrito não basta o instinto, não bastam os fôrças da natureza, E' necessário a graça de Deus. A caridade é dileção sobrenatural de Deus que dimana da nova qualidade sobrenatural que lhe é comunicada por Deus. Santo Agostinho a define assim: "E' o movimento da alma para ver Deus e fruir Deus como Deus se vê e goza-se de si mesmo". O mesmo Santo Agostinho dá à caridade o nome de "peso da alma" para Deus. A caridade é a própria cristificação em ato, isto é, a transformação em Cristo. Você vive a caridade na medida em que pode dizer: "Eu vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2,20). Porque é o complemento daquela vida teologal da qual a fé e a raiz e a esperança é a flor. Ora, essa complementação, ou melhor essa vida teologal toda, desde a raiz até seu fruto, possui dois aspetos. No primeiro aspeto você se une a Cristo, transforma-se em Cristo, deixa Cristo invadi-lo e absorve-lo. Essa é a dimensão vertical da caridade. Em seguida, como consequencia lógica, a caridade tem uma dimensão horizontal. Você se transforma em Cristo! Seu irmão também se transforma. Então segue que você se une ao seu irmão, e com ele realiza o sonho que Jesus teve na última ceia: "Pai, que eles sejam um assim como eu e você somos um" (Jo 17,22).

238. Os teólogos também distinguem duas idades na caridade: a idade terrena e a idade celeste, ou, como eles falam, a idade do "caminho" e a idade da "pátria". A caridade, em sua idade terrena, é a que se realiza no estado em que você se encontra, peregrinando para o Pai com seus irmãos. Não possui aquele gozo pleno, aquele ardor e aquela estabilidade, porque é uma caridade velada pela fé, perturbada pelo combate, periclitada pela vertibilidade do livre arbítrio. Na idade celeste, após o tempo de sua peregrinação, a caridade terá como característica a imperturbabilidade da posse, a plena volúpia do bem, o ardor arcano de Deus. Em seguida os teólogos fazem mais uma distinção dentro da idade terrena da caridade, distinguindo a caridade afetiva e a caridade efetiva, conforme se manifesta só no afeto, ou também na ação. Também o amor de adesão casta a Deus não deve ser confundido com o assim chamado "amor servil" de Deus, isto é, o

FUNDAMENTOS DA VIDA COM OS IRMÃOS

243. Você, na Igreja, escolheu viver uma forma de vida evangélica, que é uma FRATERNIDADE. Esse ideal de vida fraterna e essa estrutura social fraterna dele decorrente foi descoberto por Francisco de Assis, que, dessa forma, quis criar uma Ordem de Irmãos. Você busca agora na atual conjuntura histórica, revitalizar esse ideal de Fraternidade vivido por Francisco de Assis, tentando organizar e viver essa forma de vida evangélica que deve ser apenas FRATERNIDADE e não empresa. Então é muito importante que você se conscientize devidamente sobre os fundamentos bíblicos e teológicos da Fraternidade Evangélica.
244. Por quais motivos, no plano natural, os homens se agrupam, convivem e compartilham bens materiais, culturais e tudo, afinal, o que constitui a existência? No plano natural o agrupamento e a convivência entre seres humanos explicam-se por uma das seguintes razões: 1º Em primeiro lugar está a motivação do SEXO-AFETO. Esta motivação é uma grande força aglutinadora, coesiva, é uma grande força de atração que Deus depositou no ser humano para ajuntar-se com outro, conviver com outro, compartilhar com outro, para fazer de duas pessoas uma só pessoa. - 2º Em segundo lugar vem a motivação da CONSANGUINEIDADE. Do núcleo anterior, - Sexo-afeto nasce os filhos e se forma o lar. A consanguineidade é o fundamento do lar. Consanguineidade é identidade de sangue. Compartilhamos porque somos irmãos. Os êxitos de meus irmãos são meus êxitos, seus fracassos são meus fracassos, meu prestígio é prestígio de minha fa-

mília. A consanguineidade forma este lar que aglutina, ajunta, faz pessoas do mesmo sangue compartilharem umas com as outras - 3º Em terceiro lugar vem a motivação da AFINIDADE. A afinidade psicológica é uma espécie de parentesco espiritual, uma simpatia natural. Acontece sem ser procurada, sem ser cultivada, porque brota espontaneamente entre duas pessoas, geralmente do mesmo sexo. A afinidade é uma coisa que não se pode exprimir, não se pode definir. Sente-se apenas. É a base da amizade - 4º Em quarto lugar vem a motivação da PROXIMIDADE. Dois brasileiros que, pela primeira vez, se encontram em Paris, ainda que nunca se tenham visto, sentem-se, de alguma forma, fraternas. A proximidade, a comunidade de pátria, realiza essa atração, essa unidade, embora superficial - 5º Em quinto lugar, finalmente, vem a motivação do INTERESSE. Quatro homens ajuntam-se durante trinta anos, convivem durante oito horas diárias, porque os quatro devem conduzir uma indústria, e por isso precisam se entender, precisam entrosar-se, precisam criar entre si todo um processo de relacionamento humano. Trata-se de uma realidade exterior que pode unir os homens pelo interesse, e por isso leva a compartilhar toda uma vida. No plano natural, a união e a convivência entre os homens, o compartilhar uma vida toda se explica por uma dessas cinco motivações.

245. A certa altura da história dos homens aparece Cristo e dá um salto por cima de todas essas razões, e insere no coração do homem que para ele se abre, uma outra motivação, outra razão, absoluta, extrínseca pela qual desde os dias do Evangelho até o fim dos tempos os homens podem ajuntar-se, compartilhar, adatar-se, acertar-se, perdoar-se, compreender-se, etc., não por serem de sexo diferente, ou porque tem o mesmo pai e a mesma mãe, ou por afinidade psicológica, ou por serem da mesma raça ou por terem os mesmos interesses, mas por outra razão: essa razão, simplesmente absoluta, chama-se Deus. Por essa razão eu e você nos ajuntamos não porque somos homem e mulher, ou filhos do mesmo pai e da mesma mãe, não porque temos afinidades, atração temperamental, simpatia, não por sermos italianos ou brasileiros, nem porque entre nós existem interesses ex-

trinsecos, mas porque eu e você cremos em Deus! Deus é a realidade que nos est^á feita, nos une, é a força pascal que eu e você temos no íntimo de nós mesmos e a projeta mos em nossos irmãos, e daí nasce o que chamamos EXPERIENCIA FRATERNA. Experiencia fraterna! Não é a experiencia do matrimônio, não é a experiência do lar, não é a experiencia de uma amizade, não é a experiencia de pátria, nem a experiencia de interesses extrínsecos, mas, é a experiencia de alguns homens que creem em Deus, que amam a Deus, que endossam na vida o absoluto de Deus, e por ele superam todas as divergências temperamentais, as divergências de pátria, de raça etc, e assim realizam uma experiencia de vida completamente e radicalmente diferente de todas as demais.

246. Certo dia Jesus ensinava numa casa em Cafarnaum. Alguém bateu à porta, e Jesus perguntou: - "Quem é?". Responderam: - "Então aí sua mãe e seus irmãos que o esperam". Jesus desconhece sua mãe, olímpicamente. - "Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?" E olhando para seus discípulos, disse: - "Voces são minha mãe, e não somente voces, mas todo aquele que toma a sério o absoluto, de Deus, esse é para mim minha esposa e meu esposo, minha mãe e meu pai, meu irmão e minha irmã, minha propriedade, minha fazenda, e todo o meu bem!"
247. Deus é realidade total e totalizante. Numa palavra: todo o criado está ligado a Deus numa forma radical, não apenas por afinidade, consanguineidade e outras razões. A ligação com o absoluto de Deus nos leva a realizar uma experiencia fraterna, ou melhor, um novo modo de vida radicalmente diferente dos até agora existentes. Dessa forma Jesus, com os Doze Apóstolos, viveram uma experiencia fraterna. Dessa fraternidade apostólica de Jesus com os Doze, Francisco de Assis copiaria a Fraternidade de Rivo Torto e da Porciúncula.
248. Na fraternidade apostólica, Jesus formou o grupo dos Doze exigindo, inicialmente, que rompessem com todas as coisas. Por que? Porque a propriedade clama pelo Senhor prende o dono. Aqui existe um mistério terrível do qual você nem sempre tem consciência. Você tende a crer que,

quanto mais possuí, é mais Senhor. E' mais livre. Ora, essa é uma persuasão falsa. Pelo contrário: quanto mais você possui, mais está preso. As coisas que você possui o seguram, o reclamam, exigem você, mantêm você preso, submetem você a elas. Por conseguinte, quanto menos coisas você tem, interior e exteriormente, mais livre você é, e mais Senhor. Por isso Francisco de Assis, que a tudo renunciou, passou pelo mundo como tinha a sensação de ser Senhor e dono de tudo. Aqui tem lugar o mito dos esponsais de Francisco com a Senhora Pobreza. A Senhora pobreza perguntou a Francisco: - Onde estão os claustros e às propriedades dos irmãos maiores? Francisco, então, levou a Senhora Pobreza ao alto de uma montanha: - Senhora, apontou para o mundo - esses são os claustros e as propriedades dos Irmãos menores. Somos senhores do mundo. Não temos nada, renunciamos tudo, e por isso somos senhores de tudo.

249. O verdadeiro senhorio vem de uma pobreza profunda!, Por isso Jesus, para viver essa experiência fraterna, antes de tudo exigia a renúncia e a ruptura com todas as coisas. Porque essa é a única maneira de conseguir a liberdade. A liberdade é condição absoluta para todo aquele que quiser realizar essa experiência. Se você tem esposa, a esposa vai exigí-lo. Se você tem filhos; os filhos vão exigí-lo. Se você tem uma fazenda, a fazenda vai exigí-lo. Se você tem uma casa, a casa vai exigí-lo. Então Jesus exige isso: ruptura total, liberdade absoluta. Esta é uma verdade evangélica fundamental, e não apenas evangélica mas também uma verdade antropológica: a liberdade e a felicidade vem do despreendimento total. A partir do momento em que Jesus pede essa ruptura e os apóstolos respondem a seu apelo, tornam-se homens livres. Então a experiência evangélica de Jesus e os Doze torna-se uma experiência fraterna.

250. Vivendo com os Doze uma experiência fraterna, Jesus viveu com eles de igual para igual. "Vocês me chamam Mestre e Senhor. Efetivamente, eu o sou. No entanto, estou no meio de vocês como quem serve. Quem é o maior: aquele que serve ou aquele que é servido? Naturalmente, quem é servido é o Senhor. Vocês me chamam assim, e eu o sou. E no entanto estou servindo. Lavei os pés de vocês!" Is

to é, entre nós não houve um Senhor e alguns servos: fomos todos iguais. E em Lucas Jesus diz assim: "Vocês perseveraram comigo nas provas". Isso significa: "Entre nós não houve um Comandante e um pelotão de soldados rasos. Não! Vocês perseveraram comigo nas provas. Se vocês sofreram perseguição do Sinédrio, eu também sofri. Se vocês dormiram ao relento, eu também dormi. Se vocês comeram pedaços de pão duro, eu também comi. Fomos iguais. Fizemos uma batalha de igual para igual, numa Fraternidade. Não fomos um grupo feudal, mas uma fraternidade, um grupo evangélico.

251. Jesus foi assim com os Doze inclusive com todas as emergências características de um grupo natural: aquele grupo tinha problemas afetivos, entre eles haviam tipos ambiciosos, os tipos ciumentos, entravam em conflito, sofreram tensões. Tudo isso havia naquele grupo evangélico. Entre eles houve quem quisesse ser o braço direito de Jesus no Reino, e por isso outros ficaram com inveja. Aquele grupo não se revelou imune de todas essas emergências características e trágicas de um grupo humano. Aquele não foi, o que chamamos, um "colégio apostólico", aquele grupo foi, realmente, uma fraternidade. Aquele grupo não foi a escola de um Rabí com uma turma ambulante de discípulos. Foi uma Fraternidade. Era uma família ambulante. Eram um lar itinerante. Apresentaram todas as características próprias de uma fraternidade existencial.
252. Antes da Ressurreição, aos seus Jesus chamara "meus amigos". "Já não os chamarei servos, mas amigos, porque lhes revelei tudo o que sei da intimidade de meu Pai. Portanto, comuniquei a vocês minha própria intimidade. Por isso agora os chamarei "amigos", e não mais "servos". Mas, após a ressurreição, Jesus, no relacionamento com os Doze, dá novo passo e os chama "irmãos". Expressão espetacular saída dos lábios de Jesus, e que a primitiva cristandade assumiu desde o primeiro momento: "Saúdo a vocês, irmãos de Laodicéia, saúdo a vocês, irmãos de Corinto etc.". A expressão "irmãos" saiu dos lábios de Jesus depois de ressuscitado. "Podem ir e dizer aos meus irmãos que subo para meu Pai e Pai de vocês, meu Deus e Deus de vocês". Temos aqui a afirmação clara e inequívoca

ca do fundamento misterioso dessa experiência fraterna que Jesus vivau com os Doze: "Meu Pai é Pai de vocês, meu Deus é Deus e vocês". Esta é a força nova, força original, radicalmente diferente que aglutinará, reunirá, fará com que pessoas temperamentalmente diferentes, radicalmente diferentes, superarão suas divergências por essa realidade primeira, absoluta e radical que é Deus. Você tem um irmão que, caracterialmente, é incompatível com você. Mas o Pai dele é seu Pai, o Deus dele é seu Deus. Mesmo que este irmão lhe seja insuportável, você é uma coisa só com ele. E essa fé, essa convicção deve ajudar você a superar a divergências temperamental. Você tem out ro irmão que falou mal de você. Seu desejo seria aprisioná-lo longe, relegá-lo para a Galáxia Andrômeda. Mas o Deus dele é seu Deus, o Pai dele é seu Pai. Vocês dois são uma mesma realidade. E' daqui que você deriva a primeira norma existencial para a vida fraterna que você deverá levar: consiste ela em impôr e sobre-impôr convicções defé as quais lhe dizem que seu Pai é Pai de seu irmão, seu Deus é Deus de seu Irmão, impor essas convicções sôbre sentimentos, espontaneidades, impulsos, motivações profundas, antipatias, bloqueios emocionais, fechamentos humanos etc. Impôr-sobre! Isto, antes de tudo!

253. A fraternidade não é apenas um grupo humano. E' mais do que um grupo humano. E' outra coisa, diferente de um grupo humano. Certamente não queremos aqui estabelecer uma dicotomia dizendo: até aqui vai o grupo humano, enquanto que a fraternidade começa alí. Não! Na existência tudo isso normalmente se mistura e se interpenetra. Entretanto, nós, como Fraternidade, somos mais que um grupo humano, muito mais que um grupo de amizade. Estamos de acordo com tudo o que se tem descoberto em termos de dinâmica de grupo. Mas não devemos confundir os meios de entre-ajuda com o fim. A dinâmica de grupo tem por finalidade o rendimento. A razão de ser de uma fraternidade não é o rendimento, seja lá qual fôr, mas para que os irmãos se amem. Nem mesmo a eficácia apostólica é a razão de ser de uma fraternidade. Jesus disse tantas coisas aos apóstolos: o que fizerem a um pobre, farão a mim; sarem enfermos, preguem o Evangelho. Mas, no final de tudo, em caráter de testamento final disse:

"A atividade principal de vocês - até que eu venha - o que vocês devem fazer, antes de tudo, primeiramente, é que vivam amando-se". Nada mais. Outras coisas deverão ser feitas. Mas, primeiramente, essencialmente, o que vocês devem fazer é viver amando-se. A fraternidade não tem destino extrínseco, não tem finalidade extrínseca, como o tem a dinâmica de grupo.

254. Do ponto de vista teológico, o modelo exemplar da vivência fraterna é a vivência intra-trinitária de Deus. Assim como Deus, na sua interioridade, vive relacionamentos numa órbita intra-trinitária, este é o modelo existencial perfeito da vivência fraterna. São João diz: "Deus é Amor". O amor é carga explosiva, expansiva, difusiva. Por sua própria natureza, o amor é força que tende a se esparramar, difundir-se, explodir. Entretanto, antes de ser CARGA EXPLOSIVA, o amor é CARGA IMPLOSIVA. Isto é, antes de explodir para fora, o amor explode para dentro. Desenvolve-se para dentro, é energia e dinamismo que se direciona para dentro. Ora, se Deus é Amor, é porque, em sua interioridade trinitária, desde longas eternidades, vem vivendo relacionamentos implorvos. Em sua interioridade pura vive uma corrente vital de simpatia, comunicação, atração, conhecimento, amor, intimidade, doação. Vive uma vida de tal maneira inefável e transbordante, que cada pessoa é toda relação substancial, ou seja, a realidade de cada pessoa esgota-se totalmente no ser-para-outra. Esta vida é modelo de vida fraterna porque cada pessoa, na Trindade, é toda diferente em si, indivisa, individual, intransferível, incomunicável. E, no entanto, as três têm tudo em comum, e são completamente diferentes. O mesmo acontece numa Fraternidade. Na fraternidade cada pessoa é toda diferente em si, como pessoa, é isto às vezes com uma diferença trágica do ponto de vista temperamental, e, no entanto, o ideal da fraternidade evangélica, as faz viver voltadas umas para as outras. E' ter tudo em comum: não apenas dinheiro, mas principalmente intimidade, riqueza pessoal, pobreza, limites, qualidades. Ser na Fraternidade é ser voltado uns para os outros, numa projeção mútua. E' o mistério trinitário, vivido experimentalmente. Por isso, quanto maior carga de imploração uma Fraternidade de acumula, tanto maior será a carga de explosão que

vai expandir. Quanto mais intensamente se vive a etapa impositiva, tanto maior será a etapa explosiva.

255. São João diz: "Se Deus assim nos amou..." - Parece que deveria completar dessa forma sua afirmação: "...assim devemos nós amá-lo". Porque o amor é recíproco. Se Deus nos amou dessa forma, da mesma forma devemos amá-lo. Mas São João não diz assim, não usa essa sequência lógica. Ele diz: "Se Deus assim nos amou, assim devemos nós amar-nos uns aos outros". Em geometria se diz que isso é "sair pela tangente". Para São João o itinerário do amor é o seguinte. 1º O amor se origina no enorme forno impositivo que é Deus - 2º Amadurece no coração do homem que vive em fraternidade; amadurece no homem pela doação aos seus irmãos - 3º Depois volta para Deus. "Por que se alguém não ama o irmão a quem vê, como amará a Deus a quem não vê"? Para São João o grande processo do amadurecimento do amor situa-se na área horizontal, na área da doação mútua. É mentiroso quem diz que ama a Deus e não ama seu irmão.

NATUREZA DO AMOR NA FRATERNIDADE

256. O que sustenta e constrói a fraternidade é o amor Evangélico. Mas a palavra "amor" é a mais sofisticada, a que mais se presta a todos os equívocos e deformações, a todas as confusões. Presta-se a todas as emoções estereis. Esse fato nos mostra o fundo mesmo do mistério do homem: o homem que ao menos 80% chama amor o que, na verdade, é egoísmo, por mil mecanismos profundos de transferência, de sublimação, de substituição. Vamos a um exemplo: Você parece ser muito amigo de Fulano de Tal. Você o estima muito. Mas, no dia em que esse amigo o decepciona, no dia em que falou mal de você, desapareceu de sua folha. - A quem você amava: a ele ou a você? Outro exemplo: Você convive com um grupo de irmãos há um ano, e se sente bem, sacrifica-se por eles, desdobra-se por eles, luta para ajudá-los a construir, a crescer, a amadurecer... Parece que você realmente está amando, dando sua vida, sua doação é verdadeira. E, no entanto, você pode estar se servindo de seus irmãos como plataforma para se realizar. - A quem você está amando: seus irmãos, ou você? Você pode pensar que se preocupa efetivamente com o bem das almas, preocupa-se com a Igreja, com a causa da Evangelização, do Reino de Deus. Então você forma grupos de catequese, cria estruturas de ajuda aos pobres, de redenção dos marginais, de promoção humana, etc. Na verdade você pode perfeitamente estar fazendo isso levado por um mecanismo de impulsos e motivações inconscientes e reprimidas. Você pode perfeitamente estar fazendo isso levado por um impulso de egolatria, para se afirmar na vida. Numa palavra: você pode estar se buscando a si mesmo. - Amor? Cuidado com a palavra "Amor"! - Amor de Deus? - Cuidado também com essa palavra "Amor de Deus"! Você pode estar se servindo de Deus, em vez de servir a Deus. Esse é seu mistério terrível, mistério que às vezes é francamente trágico. Você deve acreditar no homem. Mas não deve deixar de reconhecer que o mistério do homem é terrível. São

João, que conhecia o mistério do homem, disse: "Cuidado, meus irmãos, cuidado! Não amemos com palavras, sentimentos ou frases lindas, mas com obras e em verdade". Ao dizer isso São João fazia-o com os olhos voltados profundamente, para nossos impulsos vitais, para as motivações profundas que estão debaixo de todos os mecanismos da conduta do homem. "Cuidado, meus filhinhos, cuidado!"

257. Que é amar, Evangelicamente? De que maneira devemos falar quando queremos nos referir ao amor sem equívocos? São João nos dá a resposta: "Ele deu sua vida por nós, e nós devemos dar nossa vida uns pelos outros". Isso quer dizer: o amor exigente, concreto, situa-se dentro das leis da renúncia e da morte. Esta afirmação estabelece a definição radical, inconfundível, inequívoca do amor evangélico. Amor evangélico é "dar a vida". Mas, que significa DAR A VIDA neste contexto de João? - Não se trata de "dar uma coisa". Não! Trata-se de dar-nos a nós mesmos. E, para dar-nos, antes de tudo é preciso perder-nos. Todo o despreendimento envolve um sentido de morte. Portanto, para João, AMAR é o mesmo que MORRER. Se eu lhe dou um livro, nada sofro. Se lhe dou um relógio, nada sofro. Mas, se lhe dou minha pele, esta pele, antes de tudo, precisa desprender-se. E todo o despreendimento envolve um sentido de morte. AMAR é sempre MORRER um pouco.

258. Vamos à Fraternidade! Ali há um irmão insuportável: neurótico, paranóico, psicopata etc. E' um irmão insuportável. Você tem que amá-lo. E tem que amá-lo em forma de COMPREENSÃO. Mas, para amar em forma de compreensão uma pessoa insuportável, você tem que negar-se a si mesmo. Inclusive você tem que se violentar. Violentar-se em que? - Na repugnância que lhe causa. Você tem que dar a vida, morrer anteriormente, dar a vida em forma de compreensão. - Vamos supor outro caso: um irmão ofendeu você. Foi uma ofensa grave. Você tem que dar-lhe a vida ou amá-lo em forma de PERDÃO. Dizemos "perdão", porque é o DOM dos DONS. E é o dom mais difícil de ser dado. Pois bem, e essa é uma realidade de todos os dias na Fraternidade. Para você dar-se em forma de perdão ao irmão que o ofendeu, novamente você tem que dar sua vida. Você tem que ir à morte. E, nessas forças agressivas

que se despertam dentro de você, nesses instintos de represália, você terá que esquecer feridas antigas, terá que reprimir impulsos agressivos. E' assim que você deverá dar-se em forma de PERDÃO.

259. Para doar-se ao seu irmão, para aceitar o irmão que é temperamentalmente incompatível com você, para ter paciência, para aceitar aquele que não vai com seu jeito, para compreender o irmão incompreensível, etc., amar é sempre morrer um pouco. Você poderá objetar-me: - Mas isso é repressão psicológica, isso é masoquismo! - Eu respondo: Perfeitamente! Estamos de acordo! Isso é repressão psicológica, é masoquismo para aquele que é incapaz de amar! Peço que você preste bem atenção ao que agora vou dizer, porque disso você vai tirar uma conclusão muito importante: Você tem um irmão incompatível com seu caráter. Dizemos que é um irmão difícil. Pode ser que objetivamente não o seja, mas para você o é. Então, que acontece? - Dentro de você nascem, amadurecem e se desenvolvem forças regressivas e agressivas, forças repelentes de agressão e repulsa para afastar esse irmão, inclusive forças de vingança. Você está cheio dessas forças. - Como resolver isso? - Haverá solução para seu conflito?

260. Humanamente falando, para esse conflito, não há solução. Quando no seu interior nascem e se desenvolvem as tais forças agressivas, os bloqueios emocionais, as atitudes de fechamento, a antipatia natural, as forças espontâneas da repulsa, humanamente não há solução! A única solução só pode ser extrínseca. Uma solução que vem de fora. Por esse caminho colocamos Deus no problema da Fraternidade! Deus é o único que poderá resolver seu conflito e dissolver suas forças agressivas e regressivas. E' só Deus que pode vir e invadir seu território, redimir seu território, e fazer nele uma verdadeira revolução, um processo doloroso de páscoa, e transformar em suavidade essas suas forças de violência, essas suas forças de repulsa, transformá-las em forças de acolhimento, converter em forças de perdão essas suas energias de vingança! Numa palavra, só Deus pode realizar toda uma revolução de suas energias psíquicas, transformar toda essa massa em amor. Então, quando tudo for

convertido em amor, pela intervenção de Deus, só então você poderá doar-se em forma de perdão, em forma de compreensão, em forma de aceitação, em forma de carinho. Humanamente falando, a vida fraterna evangélica, com todas as suas exigências, é desumana, é impossível. É preciso que alguém liberte você, de você mesmo. Somente um ser libertador. Somente um ser Salvador. Ora, o único libertador no mundo é Deus. Por isso é impossível a experiência fraterna sem a profunda experiência do abso-luto de Deus, que se realiza pela oração, principalmente pela oração contemplativa.

261. Dessa forma vem à tona o que chamamos caráter pascal da Fraternidade. O Evangelho diz assim: "quem ama sua vida, perdê-la-á". Isto é: quem é incapaz de superar seus próprios instintos para perdoar, para compreender o irmão, quem é incapaz de morrer um pouco para si mesmo a cada momento, para se preocupar com os outros, este está morto. Esse é incapaz de amar. "Estar morto, nesse caso, significa: ser INFANTIL, significa ser INFECUNDO, significa ser ESTÉRIL, significa, numa palavra, ser um MORTO. Quem ama sua vida está morto! Esse é o caso de NARCISO, e daí vem o conceito NARCISISMO. Narciso foi aquele moço da mitologia grega, incapaz de enamorar-se de quem quer que seja, afora ele mesmo e que, de tanto olhar-se e admirar a si mesmo, passava o dia todo junto ao tanque do jardim, olhando-se e admirando-se no espelho da água. E tanto ficou aí que, certo dia, caiu na água e afogou-se. Esse é o símbolo trágico do que estamos dizendo: quem ama sua vida, perdê-la-á. Quem se constitui centro de si mesmo, aquele que é incapaz de adaptar-se, de respeitar o irmão, de compreender o irmão, este está perdido. É um homem triste, muito triste. É a tristeza de não amar. "A mãe, diz Jesus, quando sente dores de parto, sofre tristeza de morte, mas depois que deu à luz, sente alegria, por ter nascido um filho". Todo o amor é como um parto. É morrer um pouco. Mas, depois que se amou, vem a plenificação, a sensação de gozo, o gozo de sentir-se plenificado.

262. Por isso aquele irmão que foge da fraternidade, que faz da fraternidade um hotel, que, em nome de atividades apostólicas, escapa à PRESSÃO da fraternidade, da obriga

ção da fraternidade, que recusa entrosar-se, adaptar-se, compreender, aceitar, este irmão que nunca amou, perpetuamente estará morto. E, "morto", aqui significa: INFECUNDO, ESTÉRIL, IMPRODUTIVO, TRISTE, VAZIO etc. Quem ama sua vida está perdido! Quem é incapaz de renunciar-se, de contrariar seus impulsos instintivos, não entrará no Reino, não saberá o que é RESSURREIÇÃO, nunca saberá o que é alegria de viver, nem o privilégio da vida.

263. Neste mundo só existem duas escolas de amor: o Matrimônio e a Fraternidade. Tudo o mais é evasão. E, Quando começa o processo de evasão, de fuga da fraternidade, foge-se da escola do amor, porque não se sabe amar. Jesus disse: "Quem odeia sua vida, ganhá-la-á". Quer dizer: aquele que é capaz de dar um pouco de si mesmo, um pouco de sua vida a cada momento, aquele que é capaz de morrer a cada instante, que é capaz de transcender e superar os impulsos de antipatia, as divergências temperamentais, as incompatibilidades temperamentais, as afinidades e desafinidades, os gostos e os contra-gostos, quem é capaz de aceitar um irmão difícil, de compreender um irmão incompreensível, acolher um irmão a quem ninguém topa, quem é capaz de realizar todo esse processo de morte, de abertura, de doação, este é um homem, um homem PLENIFICADO, um homem REALIZADO, um homem FELIZ! Numa palavra: um homem SALVO.
264. Por isso São João diz: "Sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos". Morrer é amar. O grão de trigo só se converte em vida maravilhosa, se anteriormente desempenha uma missão que significa morte. A ressurreição não é SEQUÊNCIA mas CONSEQUÊNCIA da morte. Não é o que veio depois da morte, mas o que surgiu da morte, por causa da morte. Da morte de Jesus, necessariamente, surgiu a ressurreição. O grão de trigo, morto nas condições correspondentes, transforma-se em vida! O irmão que morre para si mesmo, a fim de doar-se e acolher, a fim de comunicar-se, etc., necessariamente está passando por uma páscoa de libertação - páscoa quer dizer liberdade e amor - está passando da morte para a vida. "Passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos". Por isso o irmão que passou durante anos e anos por esse processo de fraternidade, será um irmão flexi-

vel, maduro, equilibrado afetivamente, maduro afetivamente. Será um irmão satisfeito, feliz de maneira constante. Facilmente será um irmão que se adapta a qualquer circunstância. Numa palavra: será um **HOMEM**. Não será um menino. - Por que? - Porque passou da morte para a vida! Esse irmão soube impor convicções de fé sobre sentimentos, tendências impulsivas etc. Ele procurou o amor, ele construiu com esforço o amor fraterno, construiu com lutas. Ele impôs esse amor. Não topava a muitos de seus irmãos: mas seu Pai era também Pai daqueles irmãos, e seu Deus era também Deus daqueles irmãos. Foi essa a convicção de fé que ele soube impor. Por isso seu amor fraterno é amor que nasceu da luta, da procura, da busca por vezes dolorosa. Esse amor é universal, por que se impôs sobre as condições temperamentais. Não importa que o outro irmão esteja ou não em compatibilidade temperamental com ele: seu Pai é Pai dele, seu Deus é Deus dele.

265. Daqui tiramos essa conclusão muito importante: **NUMA VERDADEIRA FRATERNIDADE, É NORMAL QUE HAJAM TENSÕES.** Porque pode acontecer que os irmãos de uma fraternidade sejam pessoas de temperamento muito diferente. Então haverá explosões, mas eles irão reagir, e começarão de novo. Poderão levar anos nessa situação, sob a presença de Cristo. Entre eles não há uma feliz harmonia, e nem pode haver, no plano natural. Mas um dia ele chegará. Mas chegará, porque eles a conquistaram palmo a palmo. É a verdade que há irmãos de temperamento harmonioso, que se entendem com todo o mundo. Mas são excessões. Geralmente, para todos nós, a vida em fraternidade exige perpetuamente o estar dando a vida. É um perpétuo morrer um pouco.

CONTEÚDO EXISTENCIAL DA FRATERNIDADE

266. Do ponto de vista existencial, a primeira exigência do amor na Fraternidade é a ADAPTAÇÃO. Isto é, do ponto de vista antropológico existencial, em primeiro lugar, AMAR é ADAPTAR-SE. Cada ser humano, normalmente, tem maneiras próprias de reação. A personalidade de cada ser humano comporta inúmeras arestas, e, quando a pessoa reage com essas arestas, o conflito com os irmãos é inevitável. Estas pontas, ou essas arestas, molesta os demais irmãos. Há pessoas que em quase todos os pontos de sua personalidade se adaptam aos demais. Apenas num ou noutro ponto não se adaptam. E, quando reagem com essas arestas ponteadas, o conflito é inevitável. Nesse caso se trata de um irmão muito equilibrado em tudo, menos num ponto.
267. Que é adaptar-se? - Adaptar-se é aceitar ser questionado pela fraternidade. É aceitar ser pressionado pela fraternidade. É aceitar ser exigido pela fraternidade. É aceitar viver com os irmãos de uma fraternidade, sejam lá quais forem, mesmo que sejam infantis e imaturos, mesquinhos e cabeçudos. O irmão que, dessa forma, aceita a pressão da fraternidade, sua personalidade, lentamente, entra num processo de amadurecimento. Porque acontece que, nesse aspecto de sua reação típica - pela claridade da luz da fraternidade que o faz ver que neste ponto reage de maneira desequilibrada, e por isso é molesto com sua reação - esse irmão lentamente suaviza suas arestas ponteadas, suas reações que provocam ferimentos, e assim vai formando uma personalidade mais harmoniosa, mais madura, mais equilibrada, e, sobretudo, mais adaptada.
268. Amar é adaptar-se. Infelizmente você pode ser alguém que, desde o dia em que abraçou a vida consagrada até o túmulo arrasa sempre as mesmas arestas típicas, cada

vez mais ponteagudas, cada vez mais molestas. Cada ano que passa os lados conflitivos de sua personalidade parece que se tornam mais molestos. A vida religiosa conhece alta porcentagem de irmãos que, desde o dia de sua profissão até o túmulo, não mudam nunca. Nem noviciados, nem retiros, nem orações o fizeram mudar. É um mistério trágico da vida. Esse mistério é trágico porque significa que esse homem não quis amar, porque não quis morrer um pouco, e, nesse caso, não querer morrer um pouco significa não querer adaptar-se, não querer aceitar a pressão da fraternidade. Na fraternidade você pode fazer algo que podemos chamar de "jogo de bola". Consiste nisso: você se entende bem com certo irmão, porque este irmão se adapta a você. Mas, no dia em que você se desentende com esse irmão, no dia em que nasce uma tensão entre você e este irmão, você o deixa sem mais nem menos, fecha-se para ele, coloca-o "numa geladeira", e começa a "jogar bola" com outro. E assim por diante, até o dia em que nascer uma tensão com esse outro. Você passa a vida batendo bola, ora com um, ora com outro. Você não sabe amar, adaptando-se. Não sabe amar porque não aceita adaptar-se aos demais irmãos. Quer que os outros se adaptem a você. Isso é fuga da adaptação.

269. Outro tipo de fuga, mais comum ainda, é a fuga do hotel. Você e mais três irmãos moram numa fraternidade. Mas apenas moram para comer e dormir. Vocês não se relacionam, não se adaptam mutuamente. Toda a trama de relacionamentos de cada um de vocês acontece com o pessoal de faixa externa. Você diz que faz assim porque não se entende com o pessoal de dentro, com o qual você só trata de assuntos superficiais, e não tem relacionamentos profundos. Então você foge constantemente da fraternidade em nome sacrossanto da atividade apostólica. Nesse caso você é um autêntico burguês. É muito mais interessante e agradável viver com o pessoal de faixa externa. Você diz que o pessoal de dentro é vulgar. Então você se enclosura em seu apostolado individualista, absolutamente "anárquico". Você se encurrala em seu individualismo nas suas atividades individualistas, confundindo, muitas vezes, capricho com carisma. Se você faz assim, é porque você nunca ama. E eu não quisera estar na sua pele, ao chegarem os últimos anos de sua vida. Você deve-

rã então sentir tristeza pesada e mortal, a tristeza da quele que nunca amou. A tristeza daquele que se buscou a si mesmo a vida toda, e não aceitou o processo de "dar a vida". Os últimos anos de sua vida deverão ser mortalmente tristes. Jesus disse que ninguém é mais feliz que a mãe após as dores de parto. Poderíamos aqui dizer exatamente o contrário: ninguém é mais infeliz, no final da vida, do que aquele que viveu uma vida individualista, egoísta e anárquica. Esse será o martírio daquele que foi incapaz de amar.

270. Quem não ama é um inadaptado. O inadaptado se distingue precisamente pelo fato de não amar. Aquele que é incapaz de amar, é sempre um inadaptado. Não sabe nada da vida. É um infantil. E, quando alguém é incapaz de amar, vive em perpétuo estado de conflito consigo mesmo, e com os outros. Um indivíduo assim nunca está contente. Sai de uma crise e entra em outra. Sai de uma fossa e entra em outra.

271. Em segundo lugar, AMAR é RESPEITAR-SE. Adaptar-se e respeitar-se parecem processos diferentes, e no entanto são tão muito relacionados. A falta de respeito geralmente damos o nome de "murmuração", "crítica", "fofoca". As melhores intensões, os melhores projetos, os melhores planos, as melhores metas de uma fraternidade são assassinadas por um clima de fofoca, numa atmosfera de incompreensão, murmuração e crítica. O clima de murmuração, crítica e fofoca é um clima de violência. Num clima assim, ninguém confia em ninguém. Ninguém fala com sinceridade. Todo o mundo fala medindo as palavras. Em toda a parte há insegurança e suspeita. Ninguém se distende no relacionamento fraterno. "Em boca fechada não entram moscas", e por isso é melhor não falar, ou falar apenas de coisas superficiais. Num clima assim não há possibilidade de diálogo, porque as confidências correrão de boca em boca. Num clima assim, todos os irmãos, por um mecanismo de defesa instintiva - aliás, de legítima defesa - concentram-se em si mesmo, fecham-se e não falam mais. Não existe mais abertura propriamente dita. Cada irmão torna-se uma ilha. E daí nascem depois todas as doenças típicas de neuroses, de incomunicação, até a psicose. - Por que?

- Porque ninguém confia em ninguém. Não há clima em que se respira confiança e espontaneidade, porque tudo é murmuração e fofoca. Isso é o assassinio de uma Fraternidade.

272. A falta de respeito é uma violência compensadora. Este irmão, destruindo com a murmuração, com a crítica e a fofoca, compensa-se, ou melhor, sente a compensação de nada haver construído na vida. Todo o irmão negativo, imaturo, irrealizado, que em sua vida, por falta de amor, nada fez (= fazer algo não significa ser brilhante jornalista, mas significa "amar"), todo o irmão negativo, por um processo de psicose, precisa destruir os demais. É uma necessidade derivada do mecanismo de compensação. Mas como não pode destruí-los fisicamente, destrói com a língua. Ataca tudo o que há nos outros. E, fazendo esta obra demolidora, está se compensando de alguma forma. Compensando-se assim, sente-se "feliz". Constrói-se destruindo. Num clima assim, onde há falta de respeito, é sinal que os irmãos são muito infantis e, possivelmente, estão numa situação de vazio, de irrealização.

273. Em terceiro lugar, AMAR é ACEITAR-SE. - Que significa aceitar um irmão? - Significa redimi-lo. Mas aqui nos defrontamos com um mistério terrível: eu sou eu e todos os demais são os "outros". Isso é tão simples, mas é a coisa mais terrível. A identidade de mim mesmo, o "ser pessoa", o "ser indivíduo", o "ser eu", isso é um mistério terrível. Os "outros" são três mil milhões. Eu sou um só, irredutivelmente "um" só. Duns Scotto define a pessoa como "última solitudo entis", isto é, "última solidão do ser". Quer dizer, a pessoa é aquele ser que possui uma faixa de solidão, na qual ninguém se pode fazer presente... nem a esposa, nem a mãe, nem o pai, nem o amigo, nem o irmão... ninguém! Somente Deus! É nesta faixa profunda de solidão que se joga o destino do homem. "Última solidão do ser". No ser humano existem muitas áreas, diferentes faixas nas quais o mundo e as outras pessoas se podem fazer presentes, mas existe uma área de solidão tão profunda, na qual nenhum ser criado se pode fazer presente. É a solidão contemplativa, a solidão dos grandes homens de Deus.

274. Mas o fato é este: eu sou eu! O "outro" é metafisicamente diferente de mim. De tal maneira diferente que nem mesmo Deus poderia fazer com que duas pessoas tivessem a mesma consciência de identidade com a qual me sinto eu mesmo. A consciência do eu com a qual eu me sinto eu mesmo é irredutivelmente minha só. Nem Deus poderia fazer com que outro a sentisse também como sua. O outro é sempre o outro. Por isso, o outro, quase sempre, em sua essência, é um desconhecido. E, por conseguinte, o outro, em sua essência, é um incompreendido. E porque não o compreendemos, então tendemos a rejeitá-lo, costumamos aceitá-lo. Daqui nascem nossas desavenças, tensões, conflitos.
275. Há, portanto, em cada um de nós, um mistério antropológico que compreende dois pontos. Aceitar esse mistério não é apenas uma questão de caridade, mas de sabedoria fundamental. O primeiro ponto é este: Ninguém pediu licença para lançar-me na vida. Não escolhi existir. Não optei pela existência. Não escolhi viver. Lançaram-me na vida. Então dizem alguns filósofos: se me lançaram na vida sem minha permissão, então eu posso sair da vida sem pedir permissão a quem quer que seja. E, desta maneira, justificam o suicídio. Mas o fato é que, no momento radical de minha existência, eu não tenho liberdade. Não optei. Este é o primeiro aspecto desse mistério terrível da existência humana, e que está na gênese do problema da aceitação de mim mesmo e do outro. É preciso ter bem presente esse mistério para possuir a sabedoria humana. - O outro aspecto do mistério é este: Não escolhi meu condicionamento pessoal! Não escolhi o tempo de nascer, não escolhi meus pais, não escolhi a época, não escolhi este físico, estes fatores temperamentais, essas limitações, esta categoria moral, este sexo, essas qualidades. Não escolhi o que sou. Encontrei tudo isso existindo em mim. Se pudesse ter escolhido meu condicionamento pessoal, asseguro que no mundo não haveria homem mais extraordinário que eu em inteligência, em equilíbrio, em simpatia, em caráter, em beleza, em tudo! Não haveria no mundo homem mais incomparável que eu!
276. Por isso, o primeiro mandamento antropológico é este: aceitar-se a si mesmo e aceitar o outro, assim como so-

mos. Quisera ser simpático, mas não o sou! Quisera ser inteligente, mas não o sou. Quisera saber falar bem, mas não o sei. Quisera ser equilibrado, mas não o sou. Quisera ser santo, mas não o sou. Sou cheio de limitações. Sou um homem de barro, cheio de limitações. Daí você deve concluir o seguinte: o irmão que lhe é pesado não tem tanta culpa de ser simpático ou antipático, ser cabido ou inteligente, ser eufórico ou melancólico, neurótico ou equilibrado. Seu irmão não é tão desprezível como parece. Quando você entra nas ciências modernas, e ouve essas ciências falarem do mistério antropológico, dizendo que o homem é o resultado final de longa cadeia, dizendo que 50% daquilo que você é neste momento em suas reações ou atitudes depende de seu pai e sua mãe, você compreende o quanto foi injusto quando condenou tal irmão. Se ele tivesse tido outro pai ou outra mãe, seria outra realidade. Se tivesse tido outra realidade familiar, outro ambiente, seria outra realidade. Se tivesse outra situação na combinação química de suas células, seria outra realidade. Se tivesse outra situação na glândula hipófise, seria outra realidade. Se tivesse outra situação em seus hormônios, seria outra realidade. Tudo isso condiciona sua conduta, também sua conduta moral. - Onde está a culpa? - Onde está a má vontade do irmão que o faz sofrer? - Quem é o autor do mal? - Onde está o pecado? Mas isso leva você, ao mesmo tempo, a inclinar a cabeça e rezar: Senhor, outra coisa não devo fazer senão reverenciar e respeitar esse terrível mistério de um irmão que me faz sofrer.

277. Tudo isso deve levá-lo à conclusão de que é mais exato falar em "irmão difícil", do que falar em "irmão mau". E, mais uma coisa: você não deve esquecer que, se um irmão é difícil para você, muito mais difícil o é para ele mesmo. Se ele faz você sofrer, muito mais faz sofrer a ele mesmo. Se dá raiva a você, muito mais raiva causa a ele mesmo. A não ser que esse irmão tenha feito um longo processo de aceitação de si mesmo. Acontece que ele é difícil precisamente porque não se aceita a si mesmo. Se ele tivesse feito um verdadeiro processo de aceitação de si mesmo, já não seria tão difícil. Ele é difícil porque é incapaz de se aceitar. E, uma vez que é incapaz

de aceitar-se a si mesmo, só lhe resta uma chance: que você o aceite como tal. Jesus disse que, mesmo pensando desesperadamente, não podemos acrescentar um só centímetro à nossa estatura. Isto é, mesmo tendo liberdade e fazendo o máximo esforço e o máximo empenho, não podemos vencer certas barreiras. Certos limites nossos são intransponíveis. Se você não pode acrescentar um só minuto à sua vida, isto é, se você não tem poder para ser simpático uma vez que é antipático, menos poder tem ainda sobre este seu irmão, sobre o qual sua liberdade não tem nenhum poder.

278. Por conseguinte, se o primeiro mandamento antropológico consiste em aceitar-se a si mesmo, tal como você é, e este "aceitar-se" é o princípio de toda a maturidade, e rejeitar-se a si mesmo, o resistir às suas próprias fronteiras é o princípio de toda a neurose e toda a psicose. Os amargurados, os ressentidos e os difíceis assim o são porque resistem às suas próprias fronteiras. Não aceitam em paz suas próprias limitações.
279. Em quarto lugar AMAR é COMUNICAR e ACOLHER. São dois verbos recíprocos. Mas principalmente a palavra "acolher" contém e esgota o significado definitivo da palavra "amor evangélico". "Acolher" significa fazer, no seu interior, um lugar para seu irmão, esteja ou não este irmão em sintonia temperamental com você. Trata-se de abrir as portas de sua intimidade ou de sua interioridade, e permitir que seu irmão ultrapasse essa fronteira e ocupe um lugar em sua interioridade. Acolher é, sem dúvida, o ponto mais alto do amor evangélico. Sem dúvida é uma meta difícil. Assim fez Deus. Deus, através de uma revelação, abriu as portas de sua intimidade, "develou-se", revelou-se, e assim nos ofereceu seu mistério. Ofereceu ao homem o segredo de sua intimidade. Foi comunicação. E o homem, pela fé, acolhe este mistério. Acolher é um verbo muito mais ativo que respeitar. Mais ativo que aceitar. Na aceitação você aceita um irmão assim como ele é. Isso já é muita coisa. Mas agora trata-se de um verbo ativo. Acolher é abrir as portas de sua intimidade, e deixar que seu irmão entre dentro de você. Esse é o mistério mais sublime, mais difícil, e mais perigoso de uma fraternidade.

280. Aqui entram os tremendos problemas dos fechamentos mútuos. Você sente que certo irmão não está com você. Não entende o motivo, mas sente. Porque em cada homem há uma série de "pessoas", desde a mais superficial até a mais profunda. Então acontece que você se relaciona com este irmão apenas na periferia. Mas às vezes esse fechamento é tão trágico que a própria comunicação superficial por palavras se torna impossível. Quanto mais profundamente você entra em relacionamento com seus irmãos, quanto mais na fraternidade de vocês, vocês se acolhem mutuamente tanto mais vocês serão fraternos. E sentirão a verdade daquilo que foi dito: Como é bom e como é agradável os irmãos viverem juntos. Acolher e comunicar é fazer um intercâmbio não apenas de palavras, mas de áreas mais profundas da personalidade. Há uma gama infinita de possibilidades de encontro com os irmãos.
281. Finalmente, em quinto lugar, AMAR é AMAR. Já dissemos que amar é adaptar-se, é respeitar-se, é aceitar-se, é comunicar e acolher. Agora dizemos simplesmente: AMAR é AMAR. "Amar", neste sentido final, significa proceder na vida com um coração afetivo no tratamento com os irmãos. Significa ser amável e bondoso nos sentimentos e atitudes. Amar significa consolar. Amar significa estimular. Amar significa animar. Amar, numa palavra, significa ser carinhoso. Tudo isso está na 1ª. Carta aos Coríntios, capítulo 13, versos 4 e 8. É o Cântico do Amor. "O amor é paciente, é benigno, não é invejoso, não é jactancioso, não se ensoberbece, não pensa mal, não se irrita, não é descortês, não é interesseiro, não se alegra com a injustiça, compraz-se na verdade, tudo desculpado, tudo crê, tudo espera, tudo tolera! O amor nunca terá fim".
282. O ser humano, para se plenificar, precisa ser amado e amar. As duas coisas: amar e ser amado! No mundo só é feliz, sendo apenas amado, a criança, o ser infantil. A criança é feliz pelo fato de que todos a querem, todos a estimam, ela é o centro de todas as atenções, de todos os carinhos. É só receber... receber! Há crianças de 30 anos, de 40 anos que são infantis precisamente devido aos problemas afetivos. São pessoas que, nos primeiros anos de vida, não evoluíram devidamente no amor. Foram

traumatizadas, não foram amadas devidamente, sofreram de ficiências no amor, ou foram amadas demais. Agora, aos 30 ou 40 anos, são insaciáveis. Então vivem buscando na vida serem queridas, apreciadas, consideradas, faladas, atendidas, serem os primeiros etc. Vivem continuamente sentindo saudades do colo materno. Por isso sentem-se nervosas e se desesperam quando compram afeto e os outros negam. Sentem-se tremendamente mal. Levam uma vida de ciúmes, invejas, insatisfações. E' uma criança.

283. O homem, para se plenificar, precisa amar e ser amado. Mas existe um tipo de homem que não precisa ser amado. São os homens de Deus. Este homem é o irmão Francisco de Assis, ou a irmã Clara de Assis. Porque eles se tornaram capazes de amar com amor seráfico. - Que eu seja querido? Não importa! Eu vou querer bem a todos! - Que me consolem? Não importa! Eu vou consolar! - Que me estimem? Não importa, eu vou estimar! Mesmo que todos me desprezem, mesmo que não tenha eu nenhum prestígio pessoal, estima do povo, não importa! Eu irei estimar! O homem que ama assim avança para a maturidade a altas velocidades. Francisco e Clara foram gênios de uma super-maturidade! Em certa dimensão poderíamos dizer que eles foram super-homens! - Não importa que me compreendam, eu vou compreender! Não importa que me ofendam, eu irei perdoar! Não importa que eu esteja metido numa obscuridade noturna! Eu irei apreender a luz! E' melhor acender um fósforo que amaldiçoar a obscuridade! Isso - foi Francisco de Assis. Isso foi Clara de Assis. Mas, por toda a parte, isto é tremendamente prático numa fraternidade. Porque todo o mundo geralmente cansa quando ama e não é amado. Geralmente todo o mundo se cansa de se abrir, quando ao redor os irmãos permanecem fechados. Todo o mundo cansa-se de compreender, quando não é compreendido. Isso é terrível, porque é sintoma de imaturidade. Aquele que é capaz de amar sem precisar ser amado, que é capaz de dar mais que receber, de lutar sempre, - principalmente quando só vê derrotas, este avança para a plenitude, para a santidade, para a plenitude vital. Este é um homem. - E' morrendo que ressuscitarei para a vida eterna! E' perdoadando que se é perdoado. Não buscarei que me amem, eu vou amar! Todo o mundo na minha fraternidade é uma ilha e anda fechado, mas eu vou abrir-

-me e comunicar-me. Ninguém aqui compreende a ninguém? Pois eu vou começar a compreender um por um. Aqui ninguém se acerta, porque cada um é um disparado na sua própria evasão? Pois eu irei ao encontro de todos e de cada um! Este é o irmão Francisco de Assis! Esta é a irmã Clara de Assis. Esta é a filosofia caracteristicamente franciscana: filosofia da super-maturidade. São os que são capazes de avançar a altas velocidades aceitam essa filosofia. Para Francisco e para Clara só uma coisa basta: amar! Porque para ambos só uma coisa basta: Deus! Deus me quer? Então basta, eu vou querer bem a todo o mundo! Deus me compreende? Então basta, eu vou compreender a todo o mundo.

284. Quando um homem, ao entrar no relacionamento com os outros, sente que ama e é amado, sente que comunica e é acolhido, que recebe a comunicação e a acolhe, entra nele uma corrente afetiva, e por aí escorre um clima de maturidade. Todo o amadurecimento precisa de um clima de calor. Mas, se acontece o contrário, isto é, quando um irmão sente que os demais irmãos estão ausentes dele, não estão com ele, não há clima quente de comunicação e acolhimento, este irmão, por uma reação característica, natural e evidente, toma o caminho de sua solidão interior. É uma reação de segurança. E, nesta solidão interior, ele irá contrair todas as doenças espirituais. E se isso acontece durante anos, e este irmão finalmente sai de si mesmo para se relacionar com os demais, será um irmão agressivo, e o fará em forma de despeito. Terá constantemente atitudes de ressentimentos, de amargura. Terá sempre palavras duras, molestas, negativas, violentas! Por que? Porque este irmão está doente. - Onde contraiu essa doença? Na noite fria e obscura de sua solidão. - Por que caiu ele nesta noite? Por que sentiu que ao seu redor não havia valor. Buscou falsa segurança em sua solidão interior. E ali contraiu todas as enfermidades espirituais! Esse é o caso da maioria de nossos irmãos difíceis. O irmão difícil (= ser difícil é ferir, molestar) é difícil porque está se comportando a si mesmo do frio que sente no seu interior. O mal estar que sente no interior. Foi o sentir-se só. Então esse irmão busca compensações fora da fraternidade. É claro que poderia fazer outra coisa! Poderia ele mes

mo começar amar os irmãos que não o amaram. Se ele fosse um homem de Deus fá-lo-ia assim. Pouco lhe importaria o desamor de seus irmãos. Amaria da mesma forma e se constituiria no promotor e motor de todos os valores - fraternos e de todas as forças que desencadeariam o processo de conversão da fraternidade. Acontece, porém, que o irmão que não é amado por seus irmãos, também ele está frio em Deus, e por isso não tem forças para sustentar esta luta desigual. Então vai buscar compensações - lá fora. Segundo São Francisco só o amor incondicional, dos irmãos é capaz de redimir um irmão difícil. O irmão insuportável e incorrigível só tem uma saída: que os outros o amem, mesmo sabendo que será sempre assim, insuportável e incorrigível.

DEUS DÁ A VOCÊ A GRAÇA DE QUERER

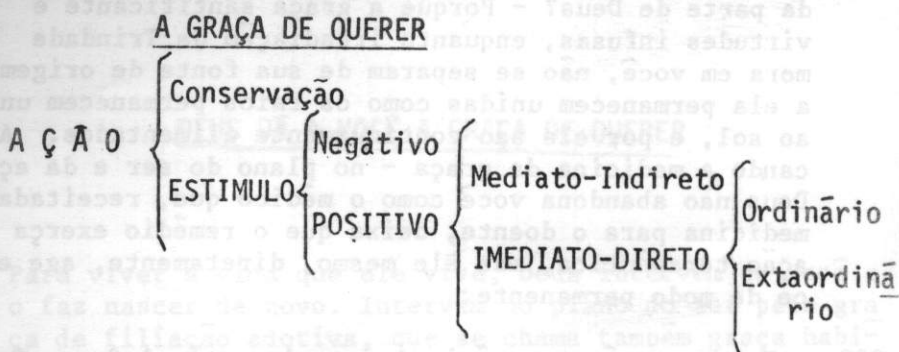
285. Para viver a vida que ele vive, Deus intervém em você e o faz nascer de novo. Intervém no plano do ser pela graça de filiação adotiva, que se chama também graça habitual. Intervém também no plano da ação, ramificando a graça de adoção nas virtudes infusas: as três virtudes teologais, e as quatro virtudes morais. As virtudes infusas podem chamar-se graça-potencial. - Só isto? - Não, Deus precisa intervir mais ainda. Suas faculdades, embora tenham sido sanadas pela graça, contudo ainda não foram redimidas por completo. Por isso persiste nelas a inclinação para o pecado. Então não é suficiente que Deus lhes empreste novas forças com as virtudes infusas, mas é necessário que exerça sobre essas faculdades uma ação contínua. Embora já cristificado no ser e na ação, no momento de agir sobrenaturalmente, você precisa de mais intervenção de Deus: é a intervenção no querer agir. E' a graça atual.
286. A graça habitual é intervenção no plano do ser: cristificação de seu ser; a graça potencial (= virtudes infusas) é intervenção no poder agir: é cristificação de suas faculdades ou potências; a graça atual é intervenção no querer agir: cristificação de suas ações. Não basta que Deus lhe dê o poder de ser filho de Deus. Não basta que Deus lhe dê o poder de agir como filho de Deus. E' necessário que Deus realize em você aquilo que você deve realizar como filho de Deus, de maneira digna dele. "Deus é o que realiza em vós o querer e o executar, segundo o seu beneplácito" (Filp. 2,13).
287. - De que maneira Deus intervém no plano do querer? - Por dupla ação: conservando a graça de adoção e as virtudes infusas, e estimulando a graça e as virtudes a produzirem atos de vida eterna. Ação de conservação, e ação de

estímulo. - Por que é necessária a ação de conservação da parte de Deus? - Porque a graça santificante e as virtudes infusas, enquanto irradiação da Trindade que mora em você, não se separam de sua fonte de origem, mas a ela permanecem unidas como os raios permanecem unidos ao sol, e por ele são continuamente alimentados. Aplicando a medicina da graça - no plano do ser e da ação - Deus não abandona você como o médico que, receitada a medicina para o doente, deixa que o remédio exerça sua ação terapêutica, mas Ele mesmo, diretamente, age em você de modo permanente.

288. - E por que é necessária a ação de estímulo? - Porque a graça de adoção e as virtudes infusas não são apenas uma espécie de adorno, mas verdadeiros princípios internos de ação. São novos instintos, que motivam, impelem, impulsionam. São um fogo que entra em você e queima você. São uma semente que Deus plantou em você, e que tende a desabrochar, crescer... Essa ação de estímulo distingue-se em ação negativa e ação positiva.

289. - Que é estímulo negativo? - E' a ação pela qual Deus remove ou afasta do caminho pelo qual caminha aquilo - que lhe pode ser nocivo, que pode levá-lo a cair, como por exemplo, uma tentação diabólica, a excitação de humores que inflamam a concupiscência, os maus exemplos, as amizades perigosas. Diz-se negativa essa ação porque nela Deus não aumenta as forças de suas faculdades pelo acréscimo de vigor às virtudes infusas. Deus não age propriamente em você. Age fora de você. Não aumenta seu vigor, apenas retira os obstáculos insuperáveis pela sua fraqueza.

290. - Que é estímulo positivo? - E' a ação pela qual Deus aumenta suas forças. Então nesse caso age dentro de você: aumenta seu vigor. No caso precedente você evita o fracasso porque ele retira de sua frente o obstáculo. - Nesse caso você evita o fracasso porque faz sua força crescer e se tornar maior que o obstáculo. Essa ação positiva se sub-distingue em mediata e imediata. - Que é estímulo mediato? - E' o acréscimo de forças feito por Deus mediante as criaturas. Por exemplo: a palavra divina transmitida pelo ministério de um pregador, os bons



<u>CONSERVAÇÃO</u>	- A graça e as virtudes são como os raios do sol que se nutrem continuamente em sua fonte de origem.
<u>ESTIMULO</u>	- A graça e as virtudes são princípios dinâmicos que impelem você a agir.
<u>NEGATIVO</u>	- Deus não aumenta suas forças, mas tira de seu caminho obstáculos insuperáveis à sua fraqueza.
<u>POSITIVO</u>	- Deus empresta novas forças às suas faculdades pelo acréscimo de vigor nas virtudes infusas.
<u>MEDIATO</u>	- O acréscimo de vigor é feito a ação de uma criatura.
<u>IMEDIATO</u>	- O acréscimo de vigor é feito por uma ação especificamente divina, alta, secreta, inefável, pela qual Deus age diretamente nos corações.
<u>ORDINÁRIO</u>	- O acréscimo de vigor acomoda-se às disposições do sujeito e fica dentro dos limites da evolução ordinária da graça.
<u>EXTRA- -ORDINÁRIO</u>	- O acréscimo de vigor vai além das disposições do sujeito e ultrapassa os limites de evolução ordinária da graça.

exemplos, a educação recebida na família, as boas amizades, as tribulações, as doenças, a morte de uma pessoa querida. - Que é estímulo imediato? - É o acréscimo de forças feito por uma ação especificamente divina, alta, secreta, oculta, íntima no coração. Essa ação feita diretamente por Deus é admirável e inefável. Por ela Deus intervém nos corações de tal maneira que a criatura se sente arrebatada por ele, e se transforma profundamente. Os que recebem esse tipo de estímulo divino, dizem-se - "guiados pelo Espírito de Deus" (Rom 8,14). Por esse estímulo, por exemplo, começa a aparecer na mente uma verdade que antes estava oculta, torna-se suave um bem que antes não agradava, repentinamente brilha algo insólito no íntimo da mente, sobrevém certo gosto das coisas celestes, uma persuasão insólita da fragilidade e da vaidade das coisas mundanas, etc. Esse estímulo imediato - distingue-se depois em ordinário e extraordinário.

291. - Que é estímulo ordinário? - É o estímulo no qual Deus, com sua ação, se acomoda às disposições do sujeito, e fica dentro da evolução ordinária da graça. Por isso é um estímulo que quase não é advertido, pelo menos na forma tão veemente como temos descrito - Que é estímulo extraordinário? - É o impulso no qual Deus impele com força, arrasta a alma, penetra-a, enche-a de maneira superabundante, não se acomodando às disposições dos sujeitos nem à evolução ordinária da vida da graça. Essa ação de Deus na ordem do querer - que se diz graça atual - é chamada com nomes diversos nas fontes da revelação e nos documentos do magistério eclesiástico. Os termos mais usados são: ilustração e inspiração. Ilustração se diz quando o estímulo se exerce na inteligência. Inspiração, quando se realiza na vontade. Outros termos usados são: Toque da Alma, Sentimento do ânimo (= termo metafórico tirado do Cântico dos Cânticos, 5,4. Significa uma impressão vital na alma produzida pela ação divina, análoga à vibração das cordas de um instrumento produzida pelo toque dos dedos). - Visita do Espírito Santo, Ósculo divino, Deleite, Suavidade, Volúpia do bem, são todas expressões usadas para significar essa ação divina no plano do querer.

CRISTO E ANTICRISTO DISPUTAM VOCÊ

292. Você está vivendo, naquele período da história da salvação que se chama a Era da redenção. Essa período se caracteriza pela retificação progressiva de seu coração, - retificação que promana do derramamento de sangue de Cristo, e pela qual progressivamente você se deixa conduzir por Deus pelos caminhos do culto sincero e espiritual do Pai. Retificação e Docilidade, portanto, são os conceitos-chaves quando queremos tratar da abertura para o mistério do Reino de Deus que está dentro de você. A retificação condiciona o grau de docilidade. Deus age em você de maneira gratuita. Por conseguinte cabe a você ser dócil à ação de Deus, deixar-se conduzir com facilidade, suavidade, leveza. O que há de decisivo para você é não opor resistências à ação pela qual Deus cristifica você. Conforme o grau de purificação interior, ou retificação, tal será o grau de sua docilidade à ação divina. E em base à docilidade as almas se classificam em quatro categorias:

293. Há almas que se arrastam, isto é, a docilidade à ação divina nelas é uma coisa precária. São almas pesadas porque opõem resistências sérias à ação divina. Por que é precária a docilidade na alma que se arrasta? - Porque precário é também o trabalho de retificação interior! Depois há almas que caminham. São almas que já adquiriram certo grau de docilidade. Não opõem resistências tão pesadas, conscientes, à ação divina. Porque já realizaram trabalho mais profundo de retificação. Há depois as almas que correm. São dotadas de grande docilidade. Dizem "sim" a Deus com grande facilidade. Porque realizaram trabalho profundo de retificação interior. Há, finalmente, as almas que voam: atingiram o máximo grau de docilidade possível na fase de redenção, porque levaram a extremas consequências o trabalho de retificação.

294. Você deve cultivar docilidade à ação do Senhor seu Deus! Foge então, das dissipações da mente, que com o tumulto e estrépito obstruem seu ouvido espiritual. Conserva paz na alma, a paz que produz a simplicidade. Aviva seu desejo de ser dócil à ação de Deus: "Ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus" (Sl 84,9). Deseja ser dócil: o desejo da graça é o início da graça. Ama o silêncio como mestre da experiência de Deus. Há cinco espécies de silêncio. Do menos importante para o mais importante: Há o silêncio que consiste em não falar. - Em que consiste? - Consiste em fixar na agenda de cada dia um espaço de tempo no qual você se recolhe à parte, longe do barulho, longe das pessoas, e você fica só. Em meio à trepidação da vida moderna, você deve aprender a se recolher a sós em determinado momento do dia. Mas esse é o silêncio menos importante. Mais importante que não falar é o saber falar, isto é, o controle e a disciplina da extroversão. A alma de quem é extrovertido é como um prato raso: chove muito lá dentro, mas escorre tudo para fora, e o prato está sempre vazio. O extrovertido está exposto ao perigo de trabalhar muito, produzir muito, falar muito, e no final de tudo sentir-se vazio. Então o extrovertido, precisa cultivar muito a reflexão sobre as motivações - de suas ações. Não deve nunca fazer algo sem refletir nos porquês de sua ação. A reflexão intensa é, pois, o silêncio que o extrovertido deve cultivar. Mais importante, porém, que esse silêncio, é o silêncio na fantasia. É o ponto fraco dos temperamentos calados, tímidos, introvertidos. Se a alma do extrovertido é prato raso, a alma do introvertido é côco da Bahia. Pouca coisa consegue entrar, mas quando entra não sai mais. O introvertido vive ruminando. Guarda muito silêncio exterior. Guarda até demais. Exagera no silêncio exterior. Mas não sabe guardar silêncio interior, não domina a fantasia. Sonha de olhos abertos. Isso é falta de silên- cio. Isso obstrói ainda mais o ouvido espiritual da al- ma. Impede profundamente a alma de ouvir Deus falar-lhe suavemente ao coração. Mais importante ainda é o silên- cio na ação. Silêncio na ação quer dizer ação planejada vida planejada. No seu planejamento você precisa antes de tudo conhecer a área de suas atividades. Em seguida você precisa conhecer os recursos de suas potencialida- des. Depois você pode planejar: mas ao fazer isso, você

deve planejar, fazer sempre um pouco menos do que poderia fazer. Porque você deve sempre contar com imprevistos. Finalmente, o quinto tipo de silêncio: silêncio no figado! Você deve calar as amarguras, os azedumes, os ressentimentos, os nervosismos, as raivas, as invejas, os ciúmes. E você ouvirá então o Senhor seu Deus falar-lhe suavemente ao coração.

295. No caminho da retificação interior, ao longo da era da redenção, desde o dia do batismo até o dia da ressurreição, há dois espíritos agindo em você! O espírito de Cristo e o espírito do Anti-Cristo. Instintivamente você tende a se deixar conduzir pelo espírito do Anti-Cristo. Pela graça de Deus, há em você um trabalho de retificação que o leva a se deixar conduzir pelo espírito de Cristo. A experiência quotidiana mostra que existe antítese entre esses dois espíritos, porque ambos são inimigos irreconciliáveis, e dessa antítese nasce a luta no homem: "Vejo outra lei nos meus membros, que se opõe à lei da minha mente" (Rom 7,23). "A sabedoria da carne é inimiga de Deus" (Rom 8,7). São Paulo diz que o espírito do Anti-Cristo é um espírito astuto: "Tenho medo que, assim como a serpente seduziu Eva com sua astúcia, assim sejam corrompidos os vossos sentidos, e se afastem da simplicidade que está em Cristo" (2Cor 11,3). "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os governadores deste mundo de trevas, contra os espíritos de malícia - espalhados pelos ares" (Ef 6,12).

296. Essa oposição entre Cristo e Anti-Cristo às vezes assalta um mesmo ato, e daí nasce a dificuldade para discernir de qual deles vem o impulso para agir, dificuldade essa que aumenta pelo fato de o Anti-Cristo se insinuar sempre sob a aparência do espírito de Cristo, imitando suas motivações: "Existe um caminho que ao homem aparece como justo; no fim, porém, conduz à morte" (Prov 14,12). O Anti-Cristo muitas vezes se transfigura em anjo da luz, e assim engana as almas. Esse engano chama-se ilusão. A ilusão acontece quando alguém se convence de que algo bom seja mau, ou algo mau seja bom. A ilusão acontece facilmente com as almas fracas na fé e que apresentam baixo nível de capacidade para a renúncia. Os e-

feitos da ilusão são funestos: obseca a mente, obstina a vontade, provoca duplicidade e hipocrisia. E' importante, que você saiba discernir o espírito de Cristo do espírito do Anti-Cristo. Os mestres da vida espiritual apresentam longa lista de sinais de um e outro espírito. Eis alguns desse sinais:

297. O espírito de Cristo não inspira nunca maus pensamentos, ou pensamentos falsos, mas somente a verdade, porque é espírito da verdade. O espírito do Anti-Cristo, em vez, inspira o que é falso. Às vezes faz isso de maneira aberta, movendo pensamentos contra verdades certas. Outras vezes o faz de maneira velada, misturando com pensamentos bons algum princípio de erro. Outras vezes, de maneira mais subtil ainda, move a pensar de maneira certa, mas parcial; move ao conhecimento da verdade, mas não total. O espírito de Cristo estimula a fazer coisas sérias, porque a palavra do Senhor "é como o fogo e o martelo que quebra" (Jer 23,29). O Anti-Cristo, em vez, estimula a fazer coisas inúteis, vãs, superficiais. E' próprio do espírito de Cristo iluminar a mente, excitar pensamentos santos, mesmo quando a fantasia está em trevas, porque o Senhor é luz. E' próprio do Anti-Cristo lançar trevas na mente, ou luz falsa. Tais são as perturbações, as angústias, os escrúpulos, as perplexidades. Cristo com seu espírito inspira docilidade, flexibilidade e autenticidade face a opinião dos outros, porque diz Isaías: "O Senhor abriu-me os ouvidos e eu não quero contradizer" (Is 50,5). São Paulo, iluminado pelo Senhor, disse: "Senhor, que quereis que eu faça?" (At 9,6). O Anti-Cristo não: inspira pertinácia e obstinação na maneira de ver pessoal, como aconteceu com os judeus aos quais perguntou Cristo: "Por que não conheceis a minha palavra? Porque não quereis ouvir-me" (Jo 8,43). Não queriam ouvir, porque não queriam corrigir os seus caminhos. Cristo estimula a mente para que seja discreta e moderada. Porque, o agir na mente humana, acomoda-se à condição da pessoa, dando luzes diferentes a uma pessoa idosa e a uma pessoa jovem, a um religioso e a um leigo, a uma pessoa casada e a uma pessoa solteira. O Anti-Cristo, em vez, tenta a cometer excessos, a agir imoderadamente, sem levar em consideração o lugar, o tempo, a medida, ou a qualidade da pessoa. Cristo inspira

sentimentos humildes e consciência da própria insuficiência. O Anti-Cristo, em vez, inspira soberba e vaidade. Cristo inspira paz e mansidão do ânimo; o Anti-Cristo - inspira inquietação e perturbação. Cristo conduz à paciência para suportar a dor física ou moral; o Anti-Cristo, em vez, conduz à impaciência e à lembrança dos males passados. Cristo inspira caridade mansa e benigna, compreensão inteligente face às fraquezas do próximo; o Anti-Cristo, em vez, inspira falsa caridade e falso zelo, intolerância e dureza quando o próximo cai em pecado. Esses são alguns sinais, pelos quais você pode discernir o espírito de Cristo e do Anti-Cristo. Feliz de você se for dócil ao espírito de Cristo, e se deixar conduzir por esse espírito levemente, suavemente.

298. O espírito de Cristo, quando atinge certo grau de penetração no seu espírito, fortifica de tal modo as virtudes infusas, que as torna capazes mesmo de gestos heróicos. Sua alma então se torna como um aparelho de alta fidelidade, dotado de antenas capazes de captar ondas, as mais subtis e delicadas da vontade de Deus a seu respeito. Essa capacidade se ramifica em sete setores, e esses dizem-se Dons do Espírito Santo. São eles: intelecto, sabedoria, ciência, conselho, piedade, força e temor de Deus.
299. O dom do intelecto consiste numa receptividade de ilustrações pela qual você entende as coisas de fé, e as penetra por uma espécie de intuição instintiva. Esse dom lhe é dado para auxiliar a fé. Imuniza tua inteligência contra a dureza e cegueira da mente face às verdades reveladas, dificilmente penetráveis à razão humana. Assim acontece que muitas vezes, homens simples, mas profundamente radicados e iluminados na fé, possuem tal inteligência das verdades sobre esse dom, que causam admiração aos teólogos.
300. O dom da sabedoria consiste num gosto ou sabor espiritual pelo qual a alma julga as coisas divinas e as aprecia por uma espécie de conaturalidade, e por isso sente quão bom é o Deus de Israel! Tem sede do Deus vivo, suspira por Deus como o cerco suspira pelas águas da corrente. A sabedoria é juízo saboroso, ciência saborosa,

conhecimento experimental de Deus. E' ato de conhecimento afetuoso, conhecimento experimental doce e bom. Sua finalidade é proteger a caridade, imunizando a alma contra o perigo da estultície que é filha da luxúria. A estultície é aquela dureza de coração pela qual a alma se torna obtusa às coisas divinas.

301. O dom da ciência faz com que a mente humana, incline pela fé e adquira grande facilidade no uso dos princípios dessa virtude. Sua finalidade é proteger a fé e tornar a alma extraordinariamente capaz de agir com os critérios de Deus.
302. O dom do conselho consiste numa iluminação especial para perceber o que se deve escolher nos momentos árdios, difíceis, complexos. Então consiste numa persuasão prática aliada a um sentimento de segurança para agir sem medo de errar, ou para aconselhar sem medo de errar. Com esse dom Cristo vem em seu auxílio como conselheiro, consolador a fim de que, mesmo em meio às vicissitudes do mundo, seu coração se fixe lá onde estão as verdadeiras alegrias. Sua finalidade, então, é proteger a virtude da esperança, imunizando a alma contra a precipitação.
303. O dom da piedade consiste numa espécie de instinto divino pelo qual o justo se afeiçoa a Deus como Pai e se reveste de sentimentos de benevolência para com o próximo e as demais criaturas. Estimula a reverência à Escritura, imuniza a alma contra o tédio na oração e a irreverência com as coisas sagradas, assim como também contra a dureza e intransigência em face do próximo.
304. O dom da fortaleza é um impulso pelo qual o justo age pelo espírito de Deus, sendo assim levado a realizar obras difíceis, mesmo em meio aos perigos e grandes dificuldades, sem levar em conta o respeito humano ou temores de qualquer espécie. Seu objetivo é armar o justo para enfrentar o sofrimento e aceitá-lo.
305. O dom do temor consiste numa iluminação pelo qual o justo vê em luz particularmente clara o quanto é horrenda e grave a ofensa ao Pai celeste, e por conseguinte, o quanto é terrível a separação dele. Por isso inspira um

temor filial e casto. Imuniza a alma contra a presunção, modera a concupiscência da carne, e ao mesmo tempo reprime o primeiro dos vícios capitais, que é a soberba, pelo qual o homem se levanta contra a majestade de Deus.

O AMOR FAZ VOCÊ NASCER DE NOVO

306. A fim de preparar você para receber a comunicação da vida divina no céu, Deus lhe dá, já nesta vida, um organismo sobrenatural proporcionado, que é assimilado pelo organismo natural. O princípio dessa vida sobrenatural é a graça de adoção criada, a qual é irradiação da graça incriada, ou seja, do Deus Trino que mora em você. Esse princípio não é uma coisa estática, mas uma forma vital, um germe dinâmico. A Santidade, outra coisa não é senão este princípio desenvolvido até a sua perfeita vitalidade.
307. Para que este princípio de vida se desenvolva, Deus eleva e transforma as potências de sua alma pelo duplo septenário das virtudes e dos dons. Pela graça de adoção - ramificada em virtudes infusas e dons, você é novamente criado para novo modo de ser e agir, ou você é simplesmente re-criado, re-nascido, como consta pela doutrina da Escritura. São Paulo, por exemplo, (Rom 8,29), descreve a graça de adoção como uma ação pela qual Deus conforma o homem à imagem de seu Filho. E na carta aos Gálatas (Gal 4,19) fala que por essa ação Deus forma Cristo no homem. Muitos outros textos da Escritura falam explicitamente de novo nascimento ao se referir à graça de adoção (Jo, 1,13; 3,3ss - 1Jo 3,1; 3,9; 5,1 - 1Ped 1,3; Tig. 1,18; - Tit, 3,5). Todos esses textos devem ser entendidos em sentido literal: falam de algo ontologicamente novo na pessoa.
308. A elevação à graça, portanto, significa verdadeiramente nova criação em sentido estrito, pela qual aparece novo ser. Significa que a natureza humana é verdadeiramente transformada. A natureza humana recebe, intrinsecamente, novo princípio vital, fundamental, e passa a pertencer, a uma ordem ontológica superior a si mesma. A força cri

adora desta ação divina transforma a imagem de Deus em semelhança de Deus. O homem pela natureza racional é imagem de Deus; pela graça, essa imagem se torna deiforme, o homem se torna semelhante a Deus. Seu ser se faz um ser deiforme, intrinsecamente.

309. Por conseguinte natureza e graça formam um todo orgânico, pois a graça transforma todo o homem: corpo e alma. O homem todo é divinizado. A vida da graça e a vida natural - no homem - não são duas vidas distintas, mas uma só vida. Por isso a perda da graça traz consigo a perda da natureza humana: segue-se a morte, a corrupção. Esse novo ser recebido pela graça tem como consequência novo modo de agir. Porque ao ser, segue a ação. Daqui nascem as inúmeras advertências, sobretudo de São Paulo, sobre a maneira como você deve comportar-se diante de Deus. "Caminheemos segundo a nova vida... porque o velho homem em nós foi crucificado, para que fosse destruído o corpo de pecado, a fim de que não vivamos mais para o pecado" (Rom 6,4-6). "Abençoaí aqueles que vos perseguem" (Rom 12,14). "Purificai-vos do velho fermento, para que sejais uma nova massa, assim como sois ázimos" (1Cor 5,7). "Renovai-vos no espírito de vossa mente" (Ef 4,23). "Um tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5,8). "Todos os que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo" (Gal. 3,27). "Deponto toda a malícia, e todo o engano, e as simulações, e as invejas, e todas as detrações, como crianças recém-nascidas. (1 Ped 2,1).
310. O novo ser recebido pela graça é completamente gratuito. A vida que engendra possui as seguintes propriedades: não pode ser observada, é espiritual, pode ser perdida, é dotada de liberdade superior e é desigual. Em primeiro lugar, a nova criação não pode ser observada com certeza, nem pelo seu possuidor. Porque a graça e a natureza formam um todo íntegro, orgânico. E isto de modo arcano. Além disso a nova criação não é um processo psicológico, mas um processo objetivo, e ontológico. Daqui segue também que as ações naturais não podem ser distinguidas das ações sobrenaturais. Segue-se também que a graça pode desenvolver-se numa alma até sua máxima perfeição, sem nunca sair do mundo humano, a não ser excep

cionalmente. A esta imperceptibilidade da graça alude São Paulo quando diz: "Nossa vida está oculta com Cristo em Deus" (Col 3,3). O próprio Jesus, aliás, já tinha dito: "O Reino de Deus não vem de um modo que salta aos olhos" (Lc 17,20).

311. Em segundo lugar a nova criação é uma realidade espiritual, porque o Espírito Santo que habita a alma imprime-lhe sua disposição ontológica que é de suma espiritualidade e santidade. Este princípio ontológico de vida deiforme atinge a natureza humana com sua espiritualidade. Espiritualiza-a, e a torna capaz de levar nesta vida, uma vida espiritual e santa, que no céu será aperfeiçoada também com a impecabilidade. A Escritura compara a vida da graça com o andar na luz, e os atos de suas virtudes como armas da luz" (Jo 8,12; Rom 13,12).
312. Em terceiro lugar a nova criação pode ser perdida. Da parte de Deus esta vida nos foi dada para sempre, mas de nossa parte ela pode ser perdida, pois, a graça entra no justo acomodando-se à condição da alma. Ora, a alma é mutável na sua liberdade. Em quarto lugar, a nova criação é dotada de liberdade superior. Completando e aperfeiçoando a natureza, a graça não só ajuda estimula e fortalece liberdade, mas a retifica, sana, eleva, nobilita e transforma pela liberdade sobrenatural, uma semelhança específica com a liberdade divina, que a Escritura chama Liberdade de Espírito. "A lei do Espírito de Vida em Cristo Jesus me libertou da lei do pecado e da morte" (Rom 8,2).
313. Finalmente, em quinto lugar, a nova criação é desigual. Embora cada pessoa receba especificamente a mesma graça, contudo, não todos a recebem na mesma medida, mas cada qual segundo a sua medida, segundo a disposição e a cooperação de cada um. "O Espírito divide seus dons como quer" (1 Cor 12,11).
314. Onde a força levou você? Para onde o arrebatou a natureza celeste? Você vive na terra e na carne, mas ignora a terra e a carne quando diz: Pai nosso, que estais nos céus. Se você crê e confessa que é filho de tão grande Pai, corresponde, então, com uma vida semelhante a do

Pai, com costumes semelhantes aos do Pai, afirmando não só com a mente, mas também com o comportamento, que conseguiu a natureza celeste.

O AMOR APASCENTA VOCE

315. Vivemos naquele período da história da salvação que se chama a Era da Redenção, os tempos messiânicos. Ora, a era da redenção se caracteriza por um trabalho de RETIFICAÇÃO do coração e DOCILIDADE progressiva do homem à ação de Deus, que promana do derramamento do sangue de Cristo. No dia em que cada homem se encontra com a cruz de Cristo, no dia em que no caminho de um homem a cruz de Cristo é plantada (= dia do batismo), no interior desse homem inicia-se um processo de retificação e de docilidade em virtude do qual o homem começa tornar-se leve nas mãos de Deus, deixa-se conduzir por Deus.
316. Entretanto, nesse trabalho de retificação interior e de ductibilidade do homem, Deus costuma servir-se de homens. Na antiga lei esses homens chamavam-se profetas. Na nova lei dizem-se apóstolos, pastores, bispos e presbíteros. E' assim que colocamos o problema da direção espiritual. Na sua vida espiritual você precisa de um profeta que lhe fale as palavras de Deus, de um pastor que o apascente: esse homem chama-se Diretor espiritual. Mas veja bem o tipo dessa direção: quem dirige você é Deus. Mas Deus, paratanto serve-se de profetas e pastores. Então, a direção espiritual que lhe dá aquele homem que você escolhe como pai, profeta e pastor, é uma direção instrumental. Trata-se de um instrumento de que Deus normalmente se serve para conduzir as almas de seus fiéis. Quem dirige verdadeiramente é o Espírito Santo. Seu Diretor espiritual simplesmente conduz você a se deixar dirigir pelo Espírito Santo. E' uma ação instrumental.
317. Sendo instrumental essa ação, muda de natureza conforme o grau de retidão e docilidade interior. Sob esse ponto de vista as almas que caminham para a perfeição cristã,

classificam-se em quatro categorias: 1ª Almas que se arrastam: são os principiantes, na assim chamada via purificativa. 2ª Almas que caminham: são os proficientes, na assim chamada via iluminativa. 3ª Almas que correm: são os perfeitos, na assim chamada via unitiva ativa. 4ª Almas que voam: são os mesmo perfeitos, na assim chamada via unitiva passiva.

318. A ação do Diretor espiritual humano é diferente, na sua natureza, conforme esses diversos tipos de almas. Com as almas que se arrastam na via purificativa, a ação do Diretor é a ação de João Batista, preparando os caminhos do Senhor no deserto, aplainando outeiros, enchendo buracos, endireitando os caminhos tortuosos, isto é, removendo os obstáculos que se opõem à docilidade interior. Por isso a ação do Diretor espiritual humano, além de instrumental, é também subsidiária, pois é uma ação que deve levar o aluno à emancipação progressiva. É necessária essa ação na medida em que o aluno não consegue deixar-se conduzir sozinho por Deus. Diminui, na medida em que o aluno cresce na docilidade.
319. No que respeita à necessidade da direção espiritual devemos pensar o seguinte: não é uma necessidade absoluta um elemento essencial da vida espiritual, mas um SUBSÍDIO NORMAL dessa vida espiritual. A diferença entre uma alma que sempre se conduziu mediante um Diretor espiritual e a alma que nunca teve Diretor espiritual, é mais ou menos a diferença que há entre uma pessoa que foi órfã de pai e mãe desde a infância, e uma criança que, na fase evolutiva de sua vida, foi acompanhada pelo amor e a proteção de pais que a amaram. A criança que ficou órfã, vive, mas seu crescimento evolutivo traz sempre muitos problemas. É claro que essa necessidade de Diretor espiritual varia de pessoa para pessoa, conforme a idade, o temperamento, o tipo de graça que age na alma, e, conforme o sexo. Normalmente as mulheres têm mais necessidade de Direção espiritual que os homens, porque a graça supõe a natureza, adapta-se às condições de cada pessoa. Ora, a mulher naturalmente precisa de "cabeça" que a apoie. A graça respeita isso. E assim, na ordem sobrenatural também, ordinariamente, a mulher não se a-

firma senão apoiando-se em outro.

320. O trabalho específico da Direção espiritual define-se - assim: "é a cultura interna da alma devota". O que é "alma devota"? É a que de modo particular se deixa levar a absorver por Deus. Devoção, nesse caso, significa doação. Alma devota é a alma que sente apêlo para uma doação a Deus que vai para lá dos limites da justiça religiosa. É o campo da generosidade. Alma devota é a alma generosa, nobre. Cultivar a devoção interna, portanto, é cultivar a generosidade, a nobreza, a doação generosa e heróica a Deus. Por isso o ministério da Direção espiritual é exercido sobre certas almas, as assim chamadas almas de elite ou almas eleitas. Toda a alma consagrada é uma alma eleita. Não quer dizer com isso que, entre os leigos seculares, não existam almas generosas, eleitas. Por isso o ministério da Direção espiritual é coroamento do ministério da palavra, que começa com a pregação e se conclui no diálogo íntimo, de coração para coração, no qual o coração humano do Diretor espiritual se dilata até às dimensões do coração de Cristo. É o trabalho em profundidade, após o trabalho em extensão.
321. Então o Diretor espiritual, no "cultivo da alma devota", assiste seu aluno na doação generosa a Deus. Mas há mais um aspecto nessa assistência. O aluno que sente o apêlo de doação generosa a Deus, não o sente por si mesmo: sentir esse aspecto é um dom especial da graça. Se certo aluno sente esse apêlo, é porque antes de tudo Deus o escolheu para fazer dele um centro mais vigoroso de irradiação do seu Reino. Por isso Deus quer absorvê-lo e arrebatá-lo de maneira mais punjante. Nesse caso a assistência do Diretor espiritual é dupla: assiste o aluno que quer doar-se generosamente, e assiste Deus que quer fazer dessa alma um centro irradiador mais vigoroso de seu Reino.
322. As condições para que o Diretor preste de maneira eficaz essa dupla assistência, são as seguintes: Como primeira condição o Diretor espiritual precisa agir como caminho vivo, isto é, deve ser como a graça personificada externamente. O Diretor espiritual dirige na medida

em que agir como norma pessoal viva de escolha sobrenatural. No colóquio com seu aluno o Diretor realmente deve ser capaz de traduzir aos ouvidos do corpo de seu aluno aquele diálogo interior que Deus desenvolve no íntimo daquela alma. O aluno que procura um Diretor espiritual é porque não se sente ainda em condições de ouvir Deus que lhe fala de modo contínuo e suavemente ao coração. Não consegue discernir a voz de Deus de outras vozes, que também lhe falam aos ouvidos da alma. Então o Diretor espiritual precisa ser capaz de reproduzir aos ouvidos da carne a voz que Deus sugere aos ouvidos da alma do aluno, e que o mesmo não consegue ouvir por falta de suficiente purificação interior.

323. A condição exige que o Diretor possua QUALIFICAÇÃO FUNDAMENTAL DE SABEDORIA, e esta consta de três elementos: CIÊNCIA (= competência doutrinal em teologia espiritual), PROIBIDADE (= capacidade para amar seu aluno com caridade e afeto puro, sincero e constante), DISCRICÃO (= capacidade para perceber qual a passagem que a graça redentora de Cristo realiza AGORA nesta alma, e qual a passagem que fará em seguida). Todo o êxito da Direção espiritual depende disso. Que o Diretor ajude seu aluno a descobrir aquilo que Deus dele está querendo nas atuais conjunturas de vida em que se encontra.
324. A terceira condição chama-se QUALIFICAÇÃO FUNDAMENTAL DE EXPERIÊNCIA, isto é, o Diretor espiritual deve ter suficiente experiência pessoal do caminho pelo qual caminha seu aluno, ou seja, das passagens pelas quais deve passar, o que não significa, necessariamente, que o Diretor tenha passado pelas mesmas passagens.
325. A terceira condição exige QUALIFICAÇÃO FUNDAMENTAL PARA DOAÇÃO. Sendo ofício específico do Diretor assistir o aluno na doação de si, importa que ele mesmo, o Diretor, seja testemunho de riqueza de doação. E como esta doação é o mesmo que docilidade ao Espírito Santo, o Diretor espiritual só dirige realmente seu aluno, na medida em que ele mesmo, for dócil à ação do Espírito Santo. Está aqui a raiz mais profunda de sua paternidade espiritual. Neste sentido também a oração do Diretor pelo

seu aluno é oração de pai, oração de alguém que reza "por ofício". O Diretor é pai do aluno que dirige na medida em que é dócil à ação do Espírito Santo, e na sua oração assume o cuidado universal das coisas espirituais de seu aluno. O aluno precisa admitir que seu diretor espiritual não é apenas um conselheiro ocasional, mas que o apascenta na dileção de Cristo de maneira contínua, que pensa nele na presença do Senhor, e assiduamente reza por ele. O aluno precisa sentir que seu Diretor não se deixa encarar como um estranho, mas que a direção dele recebida se exerce à guisa de uma adoção. Por isso, na verdadeira Direção espiritual o aluno sente-se levado a abandonar-se com confiança filial à descrição desse Mestre, como aquele que faz ouvir aos ouvidos de sua carne, o diálogo quente, suave e contínuo que Deus mesmo desenvolve aos ouvidos de seu espírito.

326. Finalmente o ministério da Direção espiritual supõe no Diretor DIGNIDADE PRESBITERAL. Diz-se "dignidade presbiteral" para afirmar simultaneamente duas coisas: primeiro que não só o sacerdote pode ser Diretor espiritual; segundo, que nem todo o sacerdote pode ser Diretor espiritual. Dignidade presbiteral é a autoridade que possui um homem em determinado setor da vida. Por exemplo, Pelé é um homem que possui dignidade presbiteral em se tratando de Futebol. O Dr. Bernard e o Dr. Zerbini possuem hoje dignidade presbiteral em se tratando de transplantes cardíacos. O Diretor espiritual é o que possui dignidade presbiteral em se tratando de docilidade à ação divina, na experiência de Deus.
327. Então nem só o sacerdote pode ser Diretor espiritual. - Também um leigo. Acontece que, quando o Diretor espiritual é também Sacerdote, ele exerce esse ofício em força do sacerdócio, em nome da Igreja, como membro da Hierarquia eclesiástica, e portanto, como mediador visível e oficial entre Deus e os homens. Por exemplo, uma novicia que recorre à Direção espiritual da Mestra, não está com isso recorrendo à Igreja na sua mediação visível entre Deus e os homens. Está recorrendo ao Instituto, ou seja, à mediadora entre ela e o Instituto. Ao passo que quando recorre a um Diretor espiritual sacerdote, está recorrendo à Igreja na sua mediação visível entre Deus

e a alma. Por isso a Direção espiritual sacerdotal ou ministerial é uma direção mais profunda, mais completa, mais razoável. Porque nela, aquele que começou a obra da santificação em nome de Cristo pelos sacramentos (= o sacerdote), aperfeiçoa esta mesma obra pelo ministério da Direção espiritual.

328. O Diretor espiritual, na sua função educadora, exerce - junto à alma um ofício que possui quatro aspectos: 1º É Moderador do espírito, isto é, ajuda a proceder corretamente dentro de oportuna medida de discricão. E' como o mecânico que modera o vapor da caldeira. Essa moderação é necessária porque a virtude consiste num meio termo. Muitas vezes o aluno confunde fervor humano das paixões com fervor do espírito. Facilmente o aluno vende ira como se fosse zelo, vende intransigência como amor pela glória de Deus. Em particular essa moderação se faz necessária no que respeita à mortificação e penitência das almas fervorosas. E' um trabalho delicado, esse de moderar a repressão e punição da carne, e o Diretor faz isso não só dando normas, mas ensinando a discernir aquelas mortificações ou renúncias que mais agradam a Deus. 2º Em segundo lugar o Diretor é Treinador do espírito, e como tal estabelece oportunos exercícios de treinamento espiritual, como o técnico de um clube esportivo. Esses exercícios devem ter entre si muita organicidade, e no seu conjunto deverão constituir, com o tempo, o programa de vida espiritual do aluno. 3º Em terceiro lugar o Diretor Espiritual é Instrutor da mente, porque ilumina e conduz na formação de convicções teológicas, orientando também na assimilação das idéias e na leitura de livros. 4º Finalmente o Diretor é Pedagogo da graça, porque conduz o aluno como a mãe que orienta sua criança a dar os primeiros passos; orienta-o quanto aos passos que deve dar AGORA para corresponder à ação de Deus nele. E' por este especto que o aluno se sentirá propriamente filho. Muitas almas fervorosas encontram grandes dificuldades na vida espiritual só porque não encontraram na vida quem delas cuidasse com verdadeiro afeto. Ninguém as ensinou a dar os primeiros passos. Não tiveram o afeto de um pai espiritual na infância. A psicologia moderna mostra as trágicas consequências da falta -

de afeto na infância. O mesmo se diga quanto às consequências na vida espiritual das pessoas que não tiveram quem delas cuidasse com afeto na vida interior.

329. Todo o verdadeiro Diretor, de direito, recebe o nome de Pai espiritual. Qual o sentido genuíno dessa palavra? Em sentido geral, este título é dado a qualquer Diretor espiritual, mas em sentido pleno é dado somente a certos diretores. Neste último trata-se de uma paternidade que supõe, ao menos em certa medida, relações familiares, íntimas ministério subjetivo, pessoal. A direção espiritual se faz paternidade espiritual estrita na medida em que se torna instrumento de natividade espiritual, isto é, na medida em que o Diretor, como imitador de Deus, transmite ao aluno seu espírito, levando-o para Deus, de tal modo que, como Pai, possa contemplar a própria imagem no seu lauro, talvez mais bela e perfeita. Assim, pai espiritual, em sentido pleno é aquele ao qual alguém deve, verdadeiramente as notas características de sua vida espiritual.

DEUS TREINA VOCE PARA O ATLETISMO CRISTAÕ

330. Um programa de vida espiritual é um conjunto de exercícios, ordenados de maneira orgânica, pelos quais você coloca em funcionamento todos os dinamismos da graça em você e assim treina seu espírito de modo a você se tornar um atleta da vida interior. Um programa de vida espiritual não é um amontoado qualquer de exercícios espirituais. Muitas almas fazem grandes esforços e pouco conseguem, porque não sabem montar um esquema inteligente, de vivência espiritual. Não sabem explorar as leis em base às quais a graça, - pelas virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade -, age nos corações.
331. Vamos traçar as bases teológicas de um programa de vida espiritual. Na vida espiritual o objetivo central que você deve visar em última análise é este: fazer a vontade do Pai que está no céu. Saber discernir com facilidade de os sinais dessa vontade nas coisas, nas pessoas, nos acontecimentos, na Igreja e segui-los com prontidão amorosa. Esse era o programa de vida espiritual de Jesus. Seu alimento é a razão pela qual veio ao mundo. Por essa vontade o discípulo de Cristo deve deixar-se dominar completamente.
332. E' impossível fazer a vontade de Deus sem a graça de Deus. Ora, a graça de Deus é Cristo. Portanto, você precisa impregnar as ações que tecem seus dias, com os sentimentos de Cristo. Uma ação é agradável a Deus não simplesmente porque é honesta, mas quando em sua honestidade encarna os sentimentos de Cristo, ora, esse impregnar as ações com os sentimentos de Cristo realiza-se pela ação da fé, da esperança e da caridade, ou seja, da vida teológica. Nesse caso um programa de vida espiritual deve ser um conjunto de disposições que coloquem em

funcionamento a fé, a esperança e a caridade, e assim abra caminhos em cada uma de suas ações, gestos, atitudes, afetos, pensamentos, desejos, para que Cristo entre neles, os impregne de seus sentimentos, e assim os torne agradáveis ao Pai que está nos céus. Anota, então, os seguintes princípios para a elaboração de um programa de vida espiritual.

333. PRIMEIRO PRINCÍPIO - A oração do coração, de tu a tu com Deus, feita pela manhã, é o alimento principal de qualquer programação espiritual. A oração tu a tu com Deus, ou meditação matinal, deve acender em você uma luz que se mantenha viva durante o dia, mesmo nas horas em que você não pensa em Deus de maneira explícita, e esta mesma luz deve fazer a caridade penetrar nas suas ações, enchê-las dos sentimentos de Cristo, e assim torná-las retas, puras, agradáveis aos olhos de Deus. Sua meditação matinal tem sentido quando fôr capaz de influir em você durante o dia, determinar seu comportamento, constituir-se em tí numa fonte de impulsos sobrenaturais. - Seu programa de vida espiritual deve prever em primeiro lugar, tempo, métodos e táticas de oração pessoal. E' indispensável que o horário da meditação diária seja pela manhã, antes do trabalho, pois sua finalidade é exatamente iluminar o trabalho do dia.
334. SEGUNDO PRINCÍPIO - Embora sua meditação matinal deva ser capaz de tornar antecipadamente agradável a Deus sua ação de cada dia, contudo, durante o dia, nem sempre a caridade e os sentimentos de Cristo conseguem informar sua ação. Você opõe facilmente muitas resistências à ação de Deus, e daí, muitas coisas ao longo dos seus dias não são retas, não são agradáveis a Deus. Seu programa espiritual, no final de cada dia, então, deve constar de um momento no qual você entra em você mesmo, volta atrás, concentra-se sobre aqueles momentos nos quais durante o dia você não foi agradável a Deus, não caminhou de maneira digna diante de seus olhos, e, nessa interiorização, você faz um ato em que pela caridade de Cristo, por uma força que tem valor retroactivo, você retifica posteriormente aquilo que não foi reto, torna agradável a Deus aquilo que não foi agradável. Esse ato chama-se Exame de Consciência. O exame de consciên-

cia é o segundo ponto básico de seu programa espiritual. A meditação da manhã tem por finalidade fazer com que a caridade encha com antecedência suas ações dos sentimentos de Cristo. O Exame de Consciência tem por finalidade fazer com que essa mesma caridade encha posteriormente aquilo que durante o dia, na sua conduta, resistiu aos sentimentos de Cristo. É assim que você pode viver dias plenos de graça! Sempre você pode viver dias cheios da graça de Deus; você pode fazer isso antes, pode fazer isso no momento de sua ação, e pode fazê-lo depois. O valor da meditação matinal e do exame de consciência vespertino é simplesmente incalculável para o crescimento da caridade em você. Você precisa não omitir nunca isso que é essencial. Seja austero consigo mesmo. Seja intransigente consigo mesmo neste ponto. Anote, porém, que o exame de consciência tem valor não na medida em que for análise subtil das falhas diárias, levantamento minucioso de tudo o que durante o dia não foi agradável aos olhos de Deus. O exame de consciência é também isso. Mas seu valor depende principalmente da humildade, da sinceridade e da intensidade de amor com que você reconhece suas faltas, os momentos em que você não deixa os sentimentos de Cristo invadir sua alma e os momentos em que você não se conduz pelo espírito de Deus.

335. TERCEIRO PRINCÍPIO - A ação da caridade que deve penetrar sua vida diária com os sentimentos de Cristo, deve ser uma ação que, brotando da vida de oração, seja durante o dia sustentada por um exercício muito importante, que se chama "Presença de Deus". Seu programa espiritual, deve compreender exercícios que o eduquem para caminhar constantemente na presença de Deus. Andar na presença de Deus, porém, não consiste em viver pensando só em Deus, não é andar com a idéia de Deus constantemente na cabeça, não é uma coisa que impede você ser natural, espontâneo, e que se aplique com todas as suas forças aos afazeres de cada momento. Andar na presença de Deus significa querer constantemente, por um impulso sobrenatural espontâneo, o que Deus quer acima de tudo. É uma espécie de instinto sobrenatural que faz você discernir com facilidade os sinais da vontade divina, e o eleva à acquiescência desses sinais.

336. QUARTO PRINCÍPIO - Esse princípio refere-se à mortificação. A ação pela qual a caridade penetra a sua vida diária com os sentimentos de Cristo é tanto maior quanto mais livre da desordem estiver seu comportamento. Mortificação é qualquer obra penal que você faz livremente (= mortificação ativa) ou que aceita de boamente (= mortificação passiva), afim de que, morto para a vida má, ou simplesmente natural, você viva bem só para Cristo. Você precisa extirpar de sua carne essa inveterada persuasão da dor, do sofrimento como um mal. Na atual economia da graça, o maior dom de Deus e sinal de sua benevolência, é o fato de alguém participar na cruz de seu Filho.
337. Não é, contudo, qualquer mortificação que lhe faz bem. Vamos traçar um critério de mortificação: Mortificação válida e agradável a Deus é aquela que leva você a realizar com mais facilidade aquilo que você acha difícil, no cumprimento da vontade de Deus. A mortificação que faz bem para você pode não fazer bem para mim, e vice-versa. Esse problema é muito pessoal. A necessidade da mortificação dimana desse princípio: aquele que experimenta tudo o que é lícito, experimentará também o que é ilícito. Para você se imunizar contra o que é ilícito, você precisa privar-se de muita coisa que seria lícito fruir. Isso é mortificação. Há pessoas que dizem assim: Não cultivo a mortificação, porque, no meu modo de ver, basta-me cumprir bem meus deveres diários, em particular os deveres de caridade para com meu próximo. E' uma objeção subtil. Respondemos assim: Se sua mortificação se constitui em obstáculo ao cumprimento de seus deveres, sobretudo dos deveres de caridade fraterna, então não é mortificação agradável a Deus. Aliás, nem é mortificação. E' complexo de auto-punição. E' um desequilíbrio de comportamento. Mas se você afirma que não cultiva a mortificação, porque lhe basta cumprir bem seus deveres, sobretudo os de caridade fraterna, respondemos: Mentira! Porque é impossível cumprir bem os próprios deveres, sobretudo os deveres para com o próximo, sem o cultivo da mortificação. Quem experimenta tudo o que é lícito, facilmente experimentará também o que é ilícito, isto é, não cumprirá fielmente os seus deveres. Não é boa tática de mortificação manter como meta fazer sem

pre o que menos agrada, por espírito de penitência. A norma de sua vida não deve ser essa de escolher sempre o que menos lhe agrada. Sua norma de vida deve ser fazer a vontade de Deus. O que prende você é só uma coisa: a vontade do Pai que está nos céus. Por essa vontade você deverá deixar-se dominar por completo. Também não é verdade que colabora mais na salvação das almas quem mais sofre. Não é o sofrimento que colabora com Cristo na Redenção do mundo, mas a caridade com que você abraça a aquela medida de cruz que Deus lhe confiou como sua parte na obra da redenção.

338. O que torna a mortificação agradável a Deus é a intensidade com que você encarna um desejo em certa obra penal. Em outras palavras: a mortificação é agradável a Deus conforme a motivação que a anima. Conforme o grau de docilidade interior, diferente será a motivação que move a alma à prática da mortificação. 1ª Na VIA PURIFICATIVA, a motivação que move a alma que ainda se arrasta é o desejo de se imunizar contra as resistências conscientes à ação de Deus. Nessa fase a mortificação tem toda uma intensidade de purificação de afetos desordenados e das paixões. É a fase de purificação ativa, principalmente. 2ª Na VIA ILUMINATIVA, a alma que caminha sente outras motivações que a levam à prática da mortificação. Nessa fase é principalmente o desejo de se imunizar contra as resistências inconscientes à ação de Deus, de se armar contra os inimigos mais subtis da vida espiritual. Então a mortificação é procurada pelo desejo que a alma sente de se tornar mais dócil à ação de Deus. É postulado da docilidade interior. 3ª Na VIA UNITIVA ATIVA a alma que corre mortifica-se pelo desejo que sente de expiar pelas feridas da Igreja, pelos pecados do mundo. Aqui a mortificação brota da generosidade pura, daquele instinto sobrenatural pelo qual a alma fervorosa sente-se ligada ao destino de todo o Corpo Místico. 4ª Finalmente, na VIA UNITIVA PASSIVA, a alma que voa cultiva a mortificação pelo desejo veemente de identificação com Cristo crucificado. O amor é assim: leva o amante a ser como o amado. Os grandes heróis da santidade, São Francisco de Assis, por exemplo, sentiam profundamente essa motivação que os levava a ásperas mortificações, pelas quais almejavam crucificar-se com seu Amor crucificado.

339. Esses quatro princípios estabelecem os quatro pontos-chaves de um programa de vida espiritual bem organizado: meditação, exame de consciência, presença de Deus e mortificação. Outros exercícios podem ser montados e serão necessários como auxílios de um ou outro desses quatro pontos, como por exemplo, a leitura espiritual, que auxilia em particular a meditação.

SEU PROGRAMA DE ATLETISMO CRISTÃO

340. No mundo em que vivemos, precisamos de testemunhas vigorosas de Deus, atletas da vivência evangélica. Num clube um atleta precisa submeter-se a regimes e treinamentos especiais. Você sabe disso. O mesmo acontece na vida cristã. Vamos traçar para você um programa de atletismo cristão de alto nível, para que você se transforme em testemunha vigorosa de Deus num mundo em que o materialismo, o hedonismo, a frieza e a mediocridade ocupam lugar de destaque. Os pontos do programa que você deve viver cada dia são os seguintes:
341. MEDITAÇÃO MATINAL - Pela manhã, antes de iniciar o trabalho, recolha-se durante uns 40 minutos. Recita o Ofício de Laudes, ou Oração da Manhã. Quando você dispõe de mais tempo, nos dias festivos ou feriados, recita também o Ofício das Leituras. Leia uma página da Escritura ou de algum Mestre Espiritual. Em seguida, conversa com Cristo sobre as coisas que estão se passando com você. Conta-lhe tudo. Fala-lhe de tudo o que o preocupa o espírito. Depois, e isso é importante, conversa com ele sobre o dia que você vai viver. Se o dia já está planejado, então conscientize-se com ele sobre o que será realizado. Se o dia ainda não foi planejado, então planeja junto com ele o que você irá fazer. Ao ler a Escritura, leia com atenção os diversos livros numa certa ordem, e anota todas as passagens que mais o impressionam, que lhe ferem no íntimo, que o iluminam de maneira particular, que mais o confortam ou chamam atenção. Faz essa anotação no mesmo texto das Escrituras. Melhor seria se, com calma, numa outra hora, possivelmente você transcrevesse esses textos para um caderno à parte. Que esses textos sejam realmente selecionados. Não serão muitos. Faz isto livro por livro, na seguinte ordem: Evangelho de São Mateus, Deuteronômio, Sabedoria, Salmos,

Evangelho e Cartas de São João, todos os Profetas, Atos dos Apóstolos, Apocalipse, Cartas de São Paulo, Evangelho de São Marcos e São Lucas, Cartas de São Pedro e São Tiago, os demais livros da Escritura. Seleccionadas essas passagens, depois você precisa assimilá-las com o coração. Faz isto na meditação matinal, e durante o dia leva com você uma ou outra dessas passagens seleccionadas para o trabalho. Procura confrontá-las com os acontecimentos, com a vida que você vive. Sobretudo aprende a reler e fazer silêncio ao redor dessas passagens.

342. AUTOLIBERTAÇÃO - Este exercício é ainda o mesmo exercício da meditação matinal. Você deve fazê-lo diariamente, ou quase diariamente. É importantíssimo esse exercício. Consiste em três pontos: 1º - VER: Procura ver todos os fatos que lhe aconteceram ontem. 2º - JULGAR: Em seguida procura explicar alguns desses fatos, os mais importantes, os que mais o perturbaram, aqueles nos quais você não procedeu com sabedoria. Analisa bem as causas de certos fatos que acontecem repetidamente. Aqui o auxílio do Diretor espiritual é indispensável. É muito difícil identificar as causas profundas dos próprios desequilíbrios. 3º AGIR: Depois disso pergunte-se a si mesmo: "se esse ou aquele fato acontecer de novo, hoje amanhã ou qualquer dia, que poderei fazer para nele me comportar com nobreza, com sabedoria, de maneira digna de Deus, com maturidade? Com esportividade? Com realismo? Como quem é capaz de dar mesmo quando não recebe?" A resposta que você obtém para estas perguntas você deve escrevê-las. Assim, com esse exercício, aos poucos - você irá montando suas metas pessoais. Esse exercício - de auto-libertação é o ponto mais importante de sua meditação, porque é nele que você explicita suas metas pessoais. Importante: toda essa reflexão, - ver, julgar, agir - você deverá fazer dialogando com Cristo, na presença luminosa de Deus que está com você.

343. E não só. Nesse exercício você deve ter sempre presente os seguintes critérios ou normas de comportamento. Nas soluções ou metas deve sempre aplicar esses princípios. Você não deve nunca contradizê-los. São os seguintes:

1. Os tolos perseguem erros; os sábios perseguem solu-

ções. Aquele que vive censurando ou se justificando, está perseguindo erros. E' tolo. Seus erros, que fará você com eles? Amontoa-os num só lugar, e depois sobe em cima para enxergar mais longe. 2. Em minha vida só existem pontos de partida para soluções. Não existem pontos de partida nem para justificativas, nem para censuras, nem para desânimos, nem para revoltas. 3. Cada um de meus problemas tem mil soluções. Tentarei uma. Não funcionando aquela, tentarei outra. Não é preciso que me esquente a cabeça. 4. Eu e Deus nos bastamos. Então não devo me inquietar com o que os outros pensam ou dizem de mim. 5. O veneno da vida é a crítica, mas a crítica só me atinge quando lhe dou esta honra. De qualquer maneira preferirei sempre os que me criticam porque me corrigem, aos que me lisongeiavam porque me corrompem. 6. A única maneira de vencer fofocas, é agir mais rápido e mais eficientemente que a fofoca, isto é, desmentir a fofoca com fatos. Por exemplo: fazem uma fofoca dizendo que você não assume com responsabilidade o trabalho. Que deve você fazer? Como responder a essa fofoca? Vai pedir satisfação? - Não seja tolo! Faz simplesmente isso: assume com mais responsabilidade seu trabalho! 7. Eu tenho o valor que me dou a mim mesmo, e não o valor que os outros me dão. 8. Eu tenho o direito de não pensar como meu irmão pensa, mas meu irmão também tem o direito de não pensar como eu penso. 9. A pessoa que me ataca é pessoa emproblemada: merece minha compreensão e compaixão no seu sofrimento. 10. Eu tenho um Amor na vida: Cristo! Por ele topo qualquer parada! 11. Deus só intervém em mim com sua força onipotente junto com meu esforço e na medida do meu esforço. 12. O valor de minha vida não depende do número de meus problemas, mas do empenho que faço por produzir soluções e tentar traduzi-las na prática. 13. Eu me desligo da solidão dos meus erros na medida em que os reconheço com humildade serena diante de Deus.

344. Durante o dia, em meio a quaisquer de suas ocupações, acostume-se de vez em quando a dirigir a você mesmo uma das seguintes perguntas: 1º Que posso eu dar a Deus agora? - 2º O que Deus quer de mim agora? - 3º Que posso eu fazer agora para deixar Deus contente comigo? - 4º Se Cristo estivesse em meu lugar, que faria ele agora? E como o faria?

345. Procure encontrar para cada um de seus sentidos, maneiras espontâneas de contrariá-los com certa frequência. Analise qual a disciplina que você poderia impor-se a si mesmo para tornar mais fácil alguma coisa que você ainda acha muito difícil. Se você é introvertido, tímido, calado, sente muito a indiferença, a frieza ou quicã a ingratidão dos outros, procure então servir com muita humildade, alegria e despreendimento, em particular as pessoas que não topam você, que se mostram indiferentes, frias ou ingratas à sua dedicação. E não só: oculta o mais que você pode essa sua dedicação: que ninguém veja, que ninguém perceba. Se você é um tipo muito extrovertido, muito ativo, super-eficiente, habitue-se então a re-fletir muito sobre as motivações de suas ações e comportamentos. Possivelmente antes de suas ações.
346. À tarde, quando você volta do trabalho, procura imediatamente recolher-se pelo espaço de mais ou menos 40 minutos. Nesse recolhimento, recita o Ofício da Tarde. Faz em seguida uma conversa íntima com Cristo sobre a maneira como durante o dia você executou o plano que com ele fez pela manhã. Conversa com ele sobre o que se está passando com você no final desse dia. Examina sua consciência dirigindo a ele as seguintes perguntas: 1º Senhor, eu hoje te magoei em alguma coisa? Fui frio, indiferente contigo em alguma coisa? Ficaste aborrecido, triste comigo em alguma coisa? - 2º Que poderia ter feito, para ter evitado as faltas que hoje cometi? - 3º Fiz alguma coisa que significou nobreza, grandeza, heroísmo, bravura de alma? - 4º Senhor, se eu fosse uma alma que te amasse tanto quanto uma pobre criatura pode amar o seu Deus, como teria sido esse meu dia que passou?

O RADICALISMO DE SUA VIDA EM CRISTO

347. O Reino de Deus tem uma característica: o radicalismo - que exige do cristão esforço espiritual total. Por outro lado você se experimenta fraco, e se percebe como impotente para satisfazer a essas exigências radicais. É possível viver o cristianismo de maneira total, de acordo com todas as suas exigências radicais?
348. Mesmo no Antigo Testamento, o cristianismo que já estava presente na esperança dos patriarcas e dos profetas, se apresentava fortemente radicalista. Notamos isso principalmente no testamento que Moisés (Dt 6,4-9), antes de morrer, deixou ao Povo eleito. Nesse testamento, Moisés inculca energicamente os dois princípios máximos e fundamentais da religião do Velho Testamento: 1º a unidade do verdadeiro Deus. 2º a obrigação de amá-lo sem divisão. A importância deste texto é grande, porque os Israelitas o citavam quotidianamente, pela manhã e pela tarde, à guisa de profissão de fé: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e com toda a tua força. E estas palavras que eu hoje te ensino, estarão gravadas em teu coração; e tu as ensinarás aos teus filhos, e as meditarás sentado em tua casa, e andando pelo caminho, e estando no leito e ao levantar-te. E as atarás à tua mão como um sinal, e elas estarão como um frontal diante dos teus olhos, e as escreverás sobre o limiar e sobre as portas da tua casa" (Dt 6,4-9) Essas palavras referem-se mais à divisão do amor entre Deus e os deuses. Mas se referem também à divisão do amor entre Deus e as criaturas. Quer dizer: o amor de Deus não deve ser dividido entre Deus e o dinheiro, Deus e a mulher, Deus e os filhos, Deus e os amigos! Toda a força do amor deve ser canalizada para Deus, e de-

pois para a criatura, isto é, para os pais, a mulher, os filhos, os irmãos, os amigos, como consequência ou como postulado do amor de Deus. Isso é radicalismo!

349. E esse radicalismo torna-se mais vigoroso no Novo Testamento! Identificamo-lo sobretudo no Sermão da Montanha, que é o programa fundamental da vida cristã e a essência última do espírito evangélico, a Carta Magna do Reino messiânico, uma espécie de sumário dos ensinamentos de Cristo. Cristo, no Sermão da Montanha, usa propositalmente a forma comum de expressão oriental para o ensino, que é a hipérbole. Hipérbole é método de expressão que apresenta as coisas radicalizando-as, usando imagens fortes, contrastantes, chocantes. O radicalismo do Sermão da Montanha aparece principalmente nas seguintes passagens:
350. "Aquele que violar um destes mínimos mandamentos e ensinar assim aos homens, será considerado o mínimo no Reino dos céus" (Mt 5,19). É uma hipérbole, e se a convertermos em moeda moderna, quer dizer o seguinte: Enquanto expressão da vontade divina nenhum mandamento é de pouca importância. Qualquer amolecimento da fidelidade a esta vontade é de tal natureza que penetra sempre mais no organismo sobrenatural e põe em perigo a essência mesma de sua vida.
351. "Todo aquele que se irar contra seu irmão, será condenado em juízo. E o que chamar "raca" a seu irmão, será condenado no conselho. E o que lhe chamar "louco" será condenado ao fogo da geena" (Mt 5,22). Traduzida em moeda moderna, essa hipérbole significa: Da comunidade dos irmãos em Cristo exige-se união tão profunda e íntima, de modo a se excluir não só qualquer manifestação externa de ira, mas também seu movimento voluntário interno!
352. "Acomoda-te sem demora com teu adversário, enquanto estás a caminho com ele, para que não suceda que esse adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. Em verdade te digo: Não sairás de lá antes de ter pago o último quadrante" (Mt 5,25-26). Significado moderno da hipérbole: Se

- não nos reconciliarmos com o próximo por nós ofendido, a qui na terra, o que deve ser feito quanto antes, seremos punidos com sumo rigor de justiça na outra vida.
353. "Se teu olho direito te escandalizar, corta-o lança-o - fora de tí... E se tua mão direita te escandalizar, cor-ta-a e lança-a fora de ti" (Mt 5,29-30). Em linguagem moderna: Com quanto cuidado devemos eliminar as ocasiões de pecado! Essa solicitude deve ser tanta, que este jamos preparados para abandonar também coisas importan-tíssimas e máximamente necessárias e sofrer qualquer da no, do que cometer o pecado que leva ao inferno.
354. "Se alguém te bater na face direita, apresenta-lhe tam-bém a esquerda; e ao que te quiser tirar a única, dã-lhe também o manto", (Mt 5,39-40). Tradução moderna des-sa hipérbole: Temperai a justiça com o máximo de carida-de, com a caridade mais subtil e mais magnânima possí-vel.
355. "Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito" (Mt 5,48). Tradução: O que liga o discípulo de Cristo é o Pai e sua vontade - a vontade daquele que é Tudo, que é perfeito. Por esta vontade o discípulo de Cristo deve deixar-se dominar totalmente e perfeitamente".
356. "Que estreita é a porta e que apertado o caminho que conduz à vida, e quão poucos são os que acertam com ele!" (Mt 7,14). Com essas palavras Cristo praticamente, está resumindo todo o Sermão da Montanha para que aten-damos melhor, e nos admoesta assim dizendo que a vivên-cia dessa doutrina exige grande esforço e abnegação. Usa de uma exclamação para dizer como é grave a lei se-gundo a qual devemos entrar na vida eterna.
357. O radicalismo do Sermão da Montanha é óbvio! Não vale a afirmação dos que dizem que as exigências de Jesus no Sermão da Montanha devem ser interpretadas apenas como imagem "ideal" da vida cristã, sem qualquer índole obri-gatoria. Essas exigências são feitas como imagem a ser "realizada", e não apenas a ser "idealizada", conforme consta dessas palavras no final do Sermão: "Portanto, to do aquele que ouve essas minhas palavras e as põe em

prática, será semelhante ao homem sábio que edificou a sua casa sobre a pedra; e veio a chuva, e encheram os rios, e sopraram os ventos e se arremessaram contra a aquela casa, e ela não caiu; porque foi edificada sobre a pedra" (Mt 7,24-27).

358. Não vale também a afirmação dos que dizem que Jesus, com o Sermão da Montanha, não quis outra coisa senão conscientizar o homem de sua insuficiência perante a vontade santíssima de Deus e assim, na consciência da fraqueza e da pecaminosidade, levá-lo à Cruz de Cristo Redentor. É verdade que o Sermão da Montanha - pela sua altura - conscientiza o homem de sua insuficiência e assim o impele a apelar para a Cruz de Cristo, mas não é essa a única intenção do Sermão da Montanha. Porque o pecador, ante à cruz do Redentor e pela virtude dessa cruz, tem o dever de fazer esforço sério para cumprir aquilo que Cristo exige.
359. Não vale finalmente a afirmação dos que dizem que as exigências radicais de Jesus no Sermão da Montanha são apenas exigências do Reino futuro, e que portanto não urge o cristão situado na condição terrestre do Reino de Deus. Não vale, porque no Reino futuro não serão mais necessários esses imperativos fortes, pois lá a vontade do Pai será reconhecida totalmente e seguida sem dificuldade. O radicalismo do Sermão da montanha não pode ser negado nem diminuído. Aliás todo o Evangelho, todo o Novo Testamento caracteriza-se por esse mesmo radicalismo. Todo o cristão tem o dever de confessar Cristo, também com a morte, quando esta confissão for necessária. O seguimento de Cristo divide os homens até no íntimo da família: o ódio, as perseguições, a morte ameaçam todos os cristãos.
360. O radicalismo do Novo Testamento manifesta-se especialmente no preceito da caridade: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente" (Mt 22,37). "A caridade... tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1Cor 13,7). "Nisto conhecemos o amor de Deus, que ele entregou sua vida por nós; e nós devemos também entregar nossa vida pelos nossos irmãos" (1 Jo 3,16).

361. O radicalismo da vida cristã é característica da própria graça santificante. Em força do dinamismo mesmo de sua natureza, a graça tende à morte total do homem velho e à vida total do homem novo. A graça é assim porque é participação na própria vida divina. Deus mesmo é a fonte desse radicalismo. Deus, com seu amor, quer-se a si mesmo totalmente. E com a mesma totalidade desse amor quer que todas as coisas - obras de sua bondade - sejam para ele e por ele. Tudo o que se opõe a este amor - que é também onipotência - será finalmente esmagado. Esta é a razão pela qual o amor divino perante o pecado é absolutamente implacável. E' dessa implacabilidade do amor de Deus que deriva o radicalismo cristão.
362. O que esta implacabilidade exigiu dos santos do Antigo Testamento, descreve São Paulo: "Outros sofreram ludibrios e açoites, e, além disto, cadeias e prisões; foram apedrejados, foram serrados, foram errantes, cobertos com pelos de ovelhas e de cabras, angustiados, necessitados, aflitos; ele, de quem o mundo não era digno, errando pelos desertos, pelos montes, pelas covas e pelas cavernas da terra"(Heb 11,36-38).
363. E o que exigiu dos santos do Novo Testamento fala também São Paulo: "Mais nos trabalhos, nos cárceres, em açoites sem medida, frequentemente em perigos de rios, perigos de ladrões, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos; no trabalho e na fadiga, em muitas vigílias, na fome e na sede, em muitos jejuns, no frio e na nudez" (2 Cor 11,23-27).
364. Tudo isso São Paulo acha normal no cristianismo: "Ainda não resististes até o sangue na luta contra o pecado" (Hbr 12,4). E lembra o exemplo de Cristo: "Por isso nós também, estando cercados por tão numerosas testemunhas, deixando todo o peso que nos detém, e o pecado que nos envolve, corramos com paciência na carreira que nos é proposta, pondo os olhos no autor e consumidor da fé, Jesus, o qual tendo-lhe sido proposto o gozo, sofreu a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está sentado à direita do trono de Deus. Considerai, pois, aquele que

soufreu tal contradição dos pecadores contra si, para -
que não vos fadigueis, desfalecendo vossos ânimos, pois
ainda não resististes até derramar o sangue, combatendo
contra o pecado" (Hebr. 12,1-4).

SEUS TÍTULOS DE FRAQUEZA

365. O homem cristão, chamado a viver a radicalidade própria do cristianismo, possui muitos títulos de fraqueza, é limitado por parte de muitos fatores que influem em sua vida espiritual, é enfermo e pecador, e daí, incapaz de satisfazer às exigências de radicalidade do cristianismo. Quais são esses títulos de fraqueza?
366. Antes de tudo o cristão é limitado pela natureza mesma da vida da graça que lhe foi dada. A graça entre em cada cristão em medida desigual. A Escritura diz que essa desigualdade vem de um beneplácito divino: "Compadecer-me-ei de quem eu quiser; e serei clemente com quem em aprover" (Ex 39,19). A mesma idéia aparece na carta aos Romanos (Rom 9,1-30), onde São Paulo procura explicar que Deus não é injusto quando prefere um ao outro, usando o exemplo dos filhos de Rebeca: antes do nascimento, isto é, de qualquer obra boa ou má, Jacó é amado com predileção por Deus, e Esaú é menos amado. Também a parábola dos operários da vinha (Mt 20,1-16) mostra a liberdade com que Deus distribui a graça.
367. Por isso o Concílio de Trento diz: "Somos chamados justos, e, verdadeiramente o somos, cada qual recebendo a justiça segundo a sua medida, a qual o Espírito Santo reparte como quer, segundo a disposição e a cooperação de cada um". O Concílio aqui se refere só à medida diversa da graça. A desigualdade, porém, atinge a mesma qualidade da graça. Para cada homem a graça é também qualitativamente diferente. Certas graças estimulam mais a vivência de um aspecto do mistério revelado, outras estimulam a vivência de outros aspectos. Certas graças estimulam mais para a vivência do mistério de Deus enquanto ser que deve ser adorado, enquanto que certas outras, enquanto ser que deve ser servido. Certas

graças estimulam mais para viver Cristo nas atitudes em que aparecem na vida pública, enquanto que certas outras levam a encará-lo mais nas suas disposições interiores. Certas graças estimulam mais para uma atitude espiritual, certas outras, para outras atitudes: culto litúrgico, apostolado, união com Deus que habita na alma, infância espiritual, união com Cristo Redentor, testemunho de Cristo com a vida, vida Eucarística, vida de união com Maria, predileção pela humildade, pela caridade, pela castidade, vida contemplativa ou vida ativa, etc. Esses limites da parte da quantidade e da qualidade da graça, limitam também a possibilidade de progresso na vida espiritual, determinam as possibilidades de graus e as formas possíveis desta vida. Além deste determinado grau e dessas determinadas formas de progresso - enquanto depende da graça - é impossível avançar.

368. Esse limite na quantidade e na qualidade da graça encontra, em seguida, a limitação do princípio de corrupção e destruição da vida sobrenatural que é a ação do demônio. Essa ação começa com o pecado original e se prolonga através os séculos através o pecado atual, pela concupiscência e outras tentações. A concupiscência não é pecado, mas leva ao pecado, e, enquanto estivermos nesta vida, este ponto de partida para a fraqueza, nunca se extingue, e nunca é plenamente canalizado, ou disciplinado. "Deleito-me na lei de Deus segundo o homem interior; mas vejo nos meus membros outra lei que se opõe à lei do meu espírito, e que me faz escravo da lei do pecado que está nos meus membros. Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?" (Rom 7,22-24). À influência da concupiscência ajuntam-se outras tentações. As tentações, enquanto procedem da ação diabólica ou a acompanham, são dotadas de força incrível. Mas mesmo prescindindo da ação diabólica, elas são dotadas de grande força, devido à estreiteza de nossa consciência psicológica, que se deixa facilmente absorver pelo conteúdo veemente da tentação. Daqui segue o ofuscamento da inteligência e a fraqueza da vontade.
369. O terceiro título de fraqueza do cristão é o próprio psiquismo humano. Porque a graça supõe a natureza, isto é, o psiquismo humano e esse, mesmo quando sadio, é limi

tado em muitos pontos. Acontece, porém, que o psiquismo humano possui muitas doenças. O corpo possui seus traumas, e o espírito também, e isso tudo perturba continuamente a vida sobrenatural. Em nosso livro "Vem comigo, meu Amor", damos amplos conhecimentos sobre a gênese dos equilíbrios e desequilíbrios de comportamento.

370. O quarto título de fraqueza do cristão é constituído pelo ambiente. Mesmo num ambiente bom há tanta coisa que influi negativamente na vida sobrenatural. Um ambiente totalmente bom é raro, para não dizer, praticamente impossível. Numa região católica, numa família católica, numa associação profissional católica, num instituto religioso existem facilmente deformações, preconceitos, farsaismos, rigidez, intolerância que sufocam as expansões da caridade. Facilmente, porém, o cristão vive em ambiente mau. E falando em ambiente mau, não nos referimos tão somente aquela forma crassa de ambiente mau, onde a tríplice concupiscência é vivida de maneira grosseira. Falamos também de ambiente mau referindo-nos àquela forma de maldade mais sutil, não menos perigosa justamente por se insinuar subtilmente. Não menos perigosas, em certo sentido, são por exemplo certas máximas do mundo, certos slogans e certas opiniões como, por exemplo: o princípio de conforto, de vida agradável, semeada de prazeres delicados, tidos como honestos e honrosos; o princípio de tudo ler, tudo ver, tudo conhecer; o princípio de uma dignidade pessoal a salvaguardar, de livre juízo sobre pessoas e coisas; o princípio da moda: nada exagerar, não se singularizar, ser do seu tempo, fazer o que os outros fazem, andar como os outros andam. São princípios que se chocam evidentemente com os de Cristo que dizem: bem-aventurados os pobres, os que sofrem, os que choram, os que são perseguidos; ai dos ricos... quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á. Renúncia de si mesmo e caminho estreito; intransigência no que se refere à salvação; arrancar um olho, se for necessário, para tolher um escândalo... servir e humilhar-se diante dos outros, a exemplo de Cristo!

371. Além desses limites, que de per si não agravam o homem com pecados, existe depois a fraqueza culpável, isto é, o pecado. Nem mesmo os santos estão isentos de pecado.

Por tudo isso constatamos que o esforço espiritual do cristão é sempre impotente para realizar as exigências radicais do cristianismo. É verdade que, às vezes, essa deficiência é muito aparente. Porque às vezes mesmo num esforço espiritual muito intenso tem-se a impressão de que a pessoa não está progredindo, e mesmo até regredindo. Isso acontece quando a alma se concentra em coisas centrais, essenciais e íntimas, progredindo nessa área, enquanto nos defeitos externos aparece como impotente. Esses defeitos externos de certo modo estão cobrindo o esforço e o progresso verdadeiro. Nestes casos a vida espiritual é como a vida da natureza no inverno, quando as árvores não dão sinal de vida. Entretanto é no inverno que as árvores se desenvolvem nas raízes. Não obstante isso, o cristão, também por causa do pecado, é deficiente na sua totalidade. Seu esforço pode ser muito grande: estará sempre aquém do ideal da vida cristã.

SEUS TÍTULOS DE FORÇA

372. Pode o cristão - homem fraco por muitos títulos, satisfazer às exigências de radicalidade da vida cristã? - Para responder a essa pergunta, vamos recorrer a uma passagem evangélica: "É mais fácil um camêlo entrar pelo furo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus" (Mc 10,25-27). Com essas palavras, em forma de hipócrise, Cristo está mostrando quão difícil é corresponder às exigências do Evangelho. Ouvindo isto os discípulos tremem e se perguntam entre si: "Quem, então, poderá salvar-se?" - E Jesus responde: "Para os homens isto é impossível, mas não para Deus. Tudo é possível para Deus"! Jesus não revoga o que dissera sobre as dificuldades para conseguir o Reino de Deus, mas convida a apelar para o poder de Deus, ele que exige coisas difíceis, mas também sustenta com sua graça.
374. O Evangelho de Cristo, pela sublimidade do ideal a que o cristão é chamado e ao mesmo tempo pela fraqueza que sente o cristão situado diante deste ideal, é algo que oprimiria o ânimo, se não coexistisse a cruz de Cristo com sua graça. O poder dessa graça se manifesta precisamente na fraqueza do homem. É o que diz São Paulo: "Foi-me dado o estímulo de minha carne, um anjo de satanaz, que me esbofeteia. Por cuja causa roguei ao Senhor três vezes que ele se apartasse de mim, e disse-me: Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que o meu poder se manifesta por completo. Portanto de boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, para que habite em mim o poder de Cristo. Por isso, sinto complacência nas minhas enfermidades, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco, então sou forte" (2 Cor 12,7-10).
375. Para Deus, mesmo quanto à realização total, tudo é pos-

sível. Mas, da parte do homem, é necessário cooperar pessoalmente com este poder, crendo nele pela fé, apoiando a esperança neste poder, fazendo o que a cooperação exige seja feito, pedindo forças no sentimento da própria insuficiência quanto a esta cooperação.

376. Face a este poder divino em vista da realização total, o cristão deveria ter as mesmas disposições que teria perante este poder divino em vista de um milagre. E' o ensinamento da narrativa evangélica do menino endemoniado. O pai do menino fala assim a Jesus: "Se podes alguma coisa, ajuda-nos, compadecido de nós". Aquele homem diz: "Se algo podes", isto é, ele duvida ainda do poder de Jesus. Então Jesus assume a mesma maneira de falar e diz: "Se podes crer, tudo é possível para aquele que crê". Em outras palavras: "Eu tenho poder para fazer milagres, mas só isto não basta: é necessária a tua fé, isto é, é necessário que aceites meu poder. Ora essa mesma fé é um dom que deve ser pedido a Deus. Por isso aquele homem disse: "Creio, Senhor, mas ajuda a minha incredulidade" (Mc 9,14-29).
377. Quer dizer que o cristão tem sempre da parte de Deus todas as condições para sua plena realização cristã. Mas a graça é dada em medida diversa. Quer dizer que a totalidade e radicalidade é diversa para cada cristão. Todo o cristão alcança a totalidade de sua realização na medida em que faz tudo o que pode fazer dentro da medida da graça que lhe é concedida. Todo o cristão tem sempre iguais chances de ser total, embora a medida de totalidade não seja a mesma para todos. Então a medida diversa de graça que é dada a cada um é o primeiro fator de força do cristão, ou seja, de totalidade.
378. Em seguida essa mesma totalidade é diversificada por outros fatores: o psiquismo humano, o demônio o ambiente. Da parte desses fatores existe totalidade quando o cristão, submetido ao influxo desses fatores, faz tudo o que lhe é dado fazer sob tais influxos.
379. Nem mesmo a pecaminosidade pode obstar definitivamente a possibilidade de totalidade. Já dissemos que nem os

santos podem estar isentos de pecado. E' certo que, em cada pecado, há sempre um regresso espiritual. Mas não em definitivo. Porque quando o cristão assume atitude "cristã" perante seu pecado, aquele regresso inclui novo impulso de progresso. E' falsa a indignação perante o pecado, a confusão do ânimo, a pusilanimidade, a ansiedade e coisas semelhantes. Tais atitudes, após o enfraquecimento do pecado, enfraquecem ainda mais. E por isso constituem um impedimento para o progresso espiritual, e devem ser consideradas como tentações, como resistências fortes à ação divina.

380. A atitude "cristã" perante o pecado, transforma a culpa em "feliz culpa". Porque na culpa o homem experimenta sua fraqueza, e esta o humilha. Por isso a culpa conscientiza o homem de sua dependência plena em relação a Deus, conscientiza-o dessa verdade importante, segundo a qual nossa salvação está exclusivamente no Senhor, e essa conscientização é ponto de partida para um impulso espiritual renovado e mais intenso. Também a contrição que segue à culpa, possui força purificadora, renovadora, que proporciona vigor à alma, e com isso engendra novo impulso espiritual. O perdão da culpa é testemunho inconcusso do amor do Pai para com o pecador. E' também demonstração do amor de Cristo Redentor, que lava no seu sangue também esta determinada culpa. Esta experiência de amor é um apelo ao amor da criatura, à gratidão, à fidelidade. E neste novo impulso o cristão pode recuperar a totalidade.
381. Isto vale antes de tudo na ordem objetiva ou ontológica da realidade sobrenatural do cristão: após o pecado mortal, as obras que tinham morrido com o pecado, ao ser este perdoado, revivescem novamente. Quanto ao pecado venial, embora comporte diminuição de fervor, não toca ele diretamente no grau de graça santificante ou de caridade, e pode coexistir com qualquer grau de graça e caridade.
382. Mas não só pode o cristão recuperar pela penitência o grau precedente de graça santificante, mas a penitência é de tal natureza, que faz sempre o homem ressurgir para maior grau de graça. Com isso não queremos dizer que

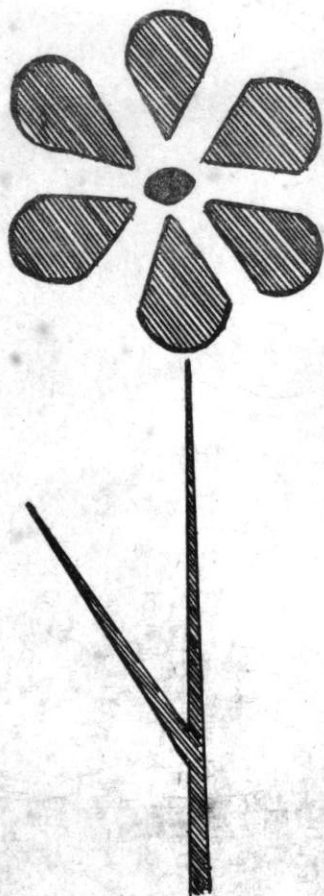
- o pecador está em melhores condições do que se não tivesse pecado. Isso é tão somente revelação da eficácia da penitência. Mas a penitência não é o único título de crescimento na graça. O cristão pode crescer, e cresce também por outros títulos, como por exemplo, o de resistência às tentações, o de solicitude em não cair.
383. O mesmo se diga da ordem subjetiva ou psicológica, embora à primeira vista possa parecer o contrário. Porque aquilo que o homem faz, forma-o psicologicamente. Esses fatos, uma vez realizados, não podem ser destruídos. Por isso cada qual traz consigo seu passado, seja ele bom ou mau. Entretanto, o homem pode transformar em fator positivo todo o resíduo negativo psicológico do passado, transformando as possibilidades perdidas em fontes de purificação interior da consciência psicológica. Um pecado passado pode se transformar em estímulo contínuo - de humildade, de contrição profunda, de gratidão intensa, de união mais íntima com Deus. Assim como a culpa - comum, que o "Exultet" na noite de Páscoa canta como "feliz culpa", porque nos mereceu tão grande redentor, assim também qualquer culpa individual pode merecer tão grande redentor, e por conseguinte se transformar em "feliz culpa".
384. Então a vida cristã não poderá nunca ser uma vida perdida. Pelo contrário: sempre no cristianismo é possível conquistar a totalidade. Esta é a lição do ladrão na cruz: era sua última hora, cheia de opróbrios, saturada por uma consciência vívida de um passado completamente perdido. E no entanto, aquela vida, tomada no seu conjunto, não estava em nada perdida: "Hoje estarás comigo no paraíso": essas palavras nos mostram a alma do ladrão plenamente purificada e tendendo totalmente para Deus. E talvez o amor do ladrão nunca tivesse conseguido tanta pureza, nunca talvez tivesse sido um amor tão humilde e desinteressado, se sua vida não tivesse sido uma vida profundamente caída. Com isso não queremos dizer que um pecador convertido, pelo seu amor, necessariamente supera o cristão que nunca ofendeu a Deus: o amor da Virgem Maria certamente foi muito maior que o amor de Maria Madalena. O Amor do Pai e de Cristo redentor não se manifesta apenas no perdão do pecado, mas

também na preservação do pecado. Também esta manifestação de amor pode tornar-se uma fonte de contínuo vigor espiritual.

ÍNDICE

Seu amor é como um beijo.....	pag. 2
A filosofia com que o Amor planejou você.....	" 9
A ciência com que o Amor planejou você.....	" 13
A Teologia com que o Amor planejou você.....	" 18
O raciocínio de Duns Scoto.....	" 27
A Esposa que Deus virginizou.....	" 32
O "Grande Sinal" que Deus pôs no céu.....	" 40
O modelo feminino de sua Vida.....	" 44
A maturidade que você descobre em Cristo.....	" 52
Deus cristifica você.....	" 57
O Amor vive dentro de você.....	" 65
Dinâmica da cristificação.....	" 72
A raiz da cristificação.....	" 82
Natureza da raiz da cristificação.....	" 88
A fé como experiência.....	" 94
Deus troca seu olhar.....	" 99
O drama de sua fé.....	" 103
Sua fé deve ser adulta.....	" 108
O silêncio de Deus.....	" 114
A flôr da cristificação.....	" 119
Um risco no itinerário do Amor.....	" 124
O fruto da cristificação.....	" 129
Fundamentos da vida com seus irmãos.....	" 133
Natureza do amor na fraternidade.....	" 141

Conteúdo existencial da fraternidade.....	pág.	147
Deus dá a você a graça de querer.....	"	158
Cristo e Anti-Cristo disputam você.....	"	162
O Amor faz você nascer de novo.....	"	169
O Amor apascenta você.....	"	173
Deus treina você para o atletismo cristão.....	"	180
Seu programa de atletismo cristão.....	"	186
O radicalismo de sua vida em Cristo.....	"	190
Seus títulos de fraqueza.....	"	196
Seus títulos de força.....	"	200



RN
Fe